

# Centro

**RAYMUNDO  
NETTO**



Coleção Pajéú



**Centro**



Obra realizada com o apoio da Prefeitura Municipal de Fortaleza,  
por meio da Secretaria Municipal de Cultura de Fortaleza – Secultfor.

Prefeito de Fortaleza  
**Roberto Cláudio Rodrigues Bezerra**

Vice-Prefeito de Fortaleza  
**Gaudêncio Gonçalves de Lucena**

Secretário Municipal de Cultura de Fortaleza  
**Francisco Geraldo de Magela Lima Filho**

Secretária-Executiva  
**Paola Braga de Medeiros**

Assessora de Políticas Culturais  
**Nilde Ferreira**

Assessor de Planejamento  
**Inácio Carvalho de A. Coelho**

Assessora de Comunicação  
**Paula Neves**

Assessor Jurídico  
**Vitor Melo Studart**

Coordenadora de Ação Cultural  
**Germana Coelho Vitoriano**

Coordenador de  
Criação e Fomento  
**Lenildo Monteiro Gomes**

Coordenador de Patrimônio  
Histórico e Cultural  
**Alênio Carlos N. Alencar**

Coordenador  
Administrativo-Financeiro  
**Max Diego de Carvalho Caldas**

Diretora da Vila das Artes  
**Claudia Pires da Costa**

Secretário da Regional Centro  
**Ricardo Pereira Sales**



**Prefeitura de  
Fortaleza**  
Secretaria Municipal de Cultura  
de Fortaleza

Raymundo Netto

# Centro

O “coração” malamado



*Copyright* © 2014, Raymundo Netto

Concepção e Coordenação Editorial  
**Gylmar Chaves**

Projeto Gráfico e Diagramação  
**Khalil Gibran**

Revisão  
**Milena Bandeira**

Foto da Capa  
**Gentil Barreira - Imagem Brasil**

Foto da Contracapa  
**Eugênio Moreira**

Supervisão Técnica  
**Adson Pinheiro/Amanda Nogueira**

---

*Catálogo na Publicação*

*Bibliotecária: Perpétua Socorro Tavares Guimarães CRB 3 /801*

R 267 C Netto, Raymundo

Centro / Raymundo Netto.- Fortaleza: Secultfor, 2014.

192p. (Coleção Pajeú)

ISBN: 978-85-420-0365-9

1. Memórias

2. Crônicas

3. Título

---

CDD: 900

*Simplesmente para Airton de Farias,  
Ary Bezerra Leite, Audifax Rios,  
Capelo “Pepe” Filho, Christiano Câmara,  
Cid Carvalho, Cristina Holanda, Eduardo  
Campos (in memoriam), Haroldo Serra,  
J. Fernandes (o “pintor das chuvas”),  
José Alves Fernandes, José Augusto Bezerra,  
Liberal de Castro, Lilian Martins,  
Lúcia Dummar (in memoriam),  
Lúcio Alcântara, Lustosa da Costa (in memoriam),  
Marcelo Costa, Marciano Lopes, Maurício  
Cals, Miguel Ângelo “Nirez” de Azevedo, Nilo  
“Estrigas” Firmeza, Oswald Barroso, Ricardo  
Guilherme, Sabrina Barros Ximenes,  
Sânzio de Azevedo, Sebastião Rogério Ponte  
e Vera Lúcia de Moraes.*





## Advertência ao Desavisado Leitor



Esse breve “*Coração*” *Malamado* não tem a menor pretensão de ser uma obra completa, fechada. Ao contrário, é um panorama histórico, um “caderno de recordações do Centro em Fortaleza”, envolvendo aspectos culturais, e mesmo patrimoniais, enfim, curiosidades do Centro em Fortaleza; ou melhor dizendo, da “Fortaleza antiga”, pois difícil não perceber que a grande história do Ceará devora, por ali, chegadoinhas e doce gelado, sentada gorda e sifilítica, tomando a fresca em cadeiras nas calçadas, a meter sola na vida alheia de cada um por si. Aliás, gostaria de prevenir também que, não estranhem, alguns fatos históricos relevantes da cidade não serão sequer mencionados, se não tiverem um pezinho ao menos nas coxias encanecidas de suas estreitas ruas centrais. Peço encarecidamente ao leitor que, ao manusear as suas páginas, duvide de tudo quanto aqui encontrar. Duvide e busque, se um dia for isso possível, conhecer-lhe a verdade. A certeza é sempre a maior das ilusões e a dúvida a maior esperança. Felizmente, muitas são as minhas... As dúvidas, pois as esperanças...



Isso nos prova que estamos explorando campos minados do grande curral cearense: memória, cultura, patrimônio. Ora, se isso não faz sentido nenhum para o cavalheiro ou para a dama, para mim é que nunca fará. Felizmente, outros, bem antes desse desvairado delírio, meteram as caras a desvendar o caminho mais seguro, cujas migalhas persigo diletantemente, e, creio: no futuro outros ainda melhores virão. Afinal, diante de tudo que já se escreveu sobre o Centro, me pergunto o que estou eu fazendo aqui. Assim, vejo-me, por meio dessa obra, eu que não sou historiador, mas apenas um colecionista de tempos passados, numa destrincheirada linha de frente, meio que sozinho, dando a venta direita a tapas. Pois que seja, saio quedo de Santa Helena e, se for preciso, que me recebam em vaias das quais, possivelmente, serei o mais humilde merecedor.

**R. N.**

Ao longe, em brancas praias, embalada/ Pelas ondas azuis dos verdes mares,/ A Fortaleza – a loura desposada/ Do sol – dormita, à sombra dos palmares,// Loura de sol e branca de luares,/ Como uma hóstia de luz cristalizada/ Entre verbenas e jardins pousada/ Na brancura de místicos altares.  
(NEY, Paula. “Fortaleza”)

**T**empos há, estranhos à terra chegavam pelos “verdes bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba; Verdes mares, que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros<sup>1</sup>”.

A Coroa Portuguesa, por meio de Pero Coelho de Souza com o forte de São Tiago (1603), dos padres jesuítas Luís Figueira e Francisco Pinto (1607) e de Martim Soares Moreno com o fortim de São Sebastião (1612), havia, para os lados da barra do rio Ceará, tentado fincar raízes a título de colonização, mas alguns fatores frustrariam seu objetivo, como a seca, as invasões de outros povos – como os holandeses, em 1637 – e a resistência de povos indígenas, que assistiam justificadamente insatisfeitos às

---

1 ALENCAR, José de. *Iracema*: lenda do Ceará.

tentativas de escravização, exploração, saques e tomadas de terras – motivos pelos quais, em 1644, atacariam o fortim matando todos que lá se encontravam.

A procura de minas de prata e a posição estratégica oferecida pelo local, fizeram com que os holandeses, liderados pelo capitão Matias Beck, fizessem posto à ribeira do *Marajaig* (“riacho das palmeiras”), depois chamado Pajeú, e lá, na colina *Marajaitiba* (“rincão das palmeiras”), erguessem, em paliçadas de madeira, o forte Schoonenborch (1649).

Porém, alguns anos mais tarde, os holandeses se renderiam em Pernambuco (1654), fazendo com que os integrantes do forte em terras do Siará Grande o abandonassem. O capitão-mor Álvaro de Azevedo Barreto, representando a corte portuguesa, tomou o forte Schoonenborch e o denominou de Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção.

Mesmo assim, muitas foram as dificuldades para a colonização. As terras eram pouco cultiváveis, o riacho Pajeú era modesto, havia dificuldade de atracadouro. Além da insistente ameaça de ataques indígenas, os colonos e aldeões viviam da subsistência, da plantação de mandioca, produção da farinha de pau, da pesca e da produção de redes de dormir ou de móveis, portas e janelas grosseiros e de carros de bois.

Em 13 de abril de 1726, foi instalada a vila de Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção, local onde residiria a maior autoridade da capitania: o capitão-mor.

Podemos dizer que a primeira praça da cidade é a praça do Conselho. O padre Serafim Leite, sobre a planta da cidade de Fortaleza desenvolvida pelo capitão-mor Manuel Francês (1726), a descreveria: “em frente da Câmara e do Forte, a praça com os símbolos municipais, coincidindo o pelourinho com a frente da Câmara e a forca com a da Fortaleza”<sup>2</sup>. Quando se construiu a igreja Matriz, esta região passou a ser denominada de Largo da Matriz, e, da mesma forma, em 1861, quando a Matriz passou a Sé, Largo da Sé. Em 1889, em homenagem ao presidente da província, falecido jovem e no exercício do cargo, passou a chamar-se praça Caio Prado. Mais tarde, em 1903, praça Dr. Pedro Borges, e, desde 1932, sua denominação oficial seria praça da Sé, embora, curiosamente, mesmo sem nunca ter tido essa denominação, mas pela existência da estátua de d. Pedro II (1813), em alguns mapas da cidade é possível encontrarmos a denominação errônea de praça D. Pedro II.

\* \* \*

---

2 BARROSO, Gustavo. *À Margem da História do Ceará*. Fortaleza: Funcet/Prefeitura de Fortaleza, 2004.

Localizada na conhecida, hoje, praça dos Leões, foi construída, em taipa e por escravos, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário (1730). Por se encontrar mais afastada do “centro” da cidade – leia-se “proximidades da fortaleza e da praça do Conselho” –, não lhe davam maior importância. Em 1747 foi ali realizada a primeira festa de Nossa Senhora do Rosário e, em 1755, a igreja foi concluída em pedra e cal. Mais tarde, entre 1821 e 1854, durante a construção da Igreja de São José, foi Matriz Provisória, voltando a ter destaque entre 1937 a 1963, durante a construção da atual Catedral Metropolitana de Fortaleza. Os ventos traziam, e hoje ainda trazem, embora surdos de tantas buzinas e barulhos da modernidade, o repicar dos sinos da igreja. As pessoas passam e fazem o sinal da cruz em sua porta, entram, ajoelham-se e oram.

Eu ouvia missa dominical na igreja do Rosário, em que me batizaram, havia mais de meio século. Este pequeno templo, antes de edificada a Sé, servia de matriz. [...] Era também a igreja dos escravos, mas isto uma vez ao ano. [...] Era o dia dos cativos o dia 6 de janeiro, Dia de Reis. Em seu dia, esses desgraçados eram livres, tanto que tinham pátria como seus imperantes.[...] Fortaleza nesse tempo era uma aldeia, as casas mal acabadas, baixas, as ruas tortas, como as que ainda hoje existem na Travessa do Rosário, que vai sair na praça dos Voluntários. O cunho de beleza que tem hoje

a cidade, deu-lho o boticário Ferreira, quando presidente da Câmara Municipal.” (TEÓFILO, Rodolfo. “Através do Passado”, em *Scenas e Typos*)

A partir de 1799, com a separação de Pernambuco, foi criada a condição para o desenvolvimento econômico e administrativo de Fortaleza.

Foi no final do século XVIII, com auxílio da mão de obra indígena, construída a edificação que, desde os primeiros anos do século XX, denominamos “Palácio da Luz”. Na época, casa do capitão-mor Antônio de Castro Viana. A residência foi edificada “de tijolo de coco e barro extraído das imediações da fortaleza; os rebocos foram de cal recebida de Aracati, donde primitivamente também vinha a telha.”<sup>3</sup> Em 1801, com a morte do capitão-mor, a Fazenda Pública, para receber a dívida deixada pelo antigo morador, recolheu o prédio e o vendeu à Câmara Municipal, por meio de um fiador, o capitão-mor dos Inhamuns, José Alves Feitosa. Antes de adquirir o Palácio, a Câmara se situava na praça do Conselho, edificada entre 1721 e 1727. Então, a Câmara, para conseguir pagar ao seu fiador, criou um imposto especial denominado “Subsídio das Águas Ardentes (*sic*)”, que incidia sobre o produto que, naqueles tempos, vinha de Pernambuco. Assim, “conseguia-se um

---

3 BARROSO, Gustavo. *À Margem da História do Ceará*. 2ª ed. Fortaleza, Funcet, 2004.

palácio à custa de cachaça.<sup>4</sup>” A partir de 1809, a Câmara passaria a usar, como sede, um sobrado construído por Francisco Pacheco de Medeiros, o prédio da Intendência Municipal, como seria chamado, na esquina das atuais ruas Floriano Peixoto e Guilherme Rocha.

Desde 1809, o Palácio da Luz já serviria de sede do governo e residência dos governadores da província do Ceará. Em 1811, por ocasião da passagem de Henry Koster pelo estado, soubemos que “o palácio era o único edifício assoalhado em toda vila<sup>5</sup>.” Com o tempo, seria construído o seu salão central e ampliada a edificação (1839), se levantaria um terraço (1844) e, depois, nele seriam colocados painéis de azulejos e estatuetas de louças do Porto (1854). Em fevereiro de 1892, o prédio foi vitimado por um bombardeio militar, durante movimento de deposição de seu morador, o presidente Clarindo de Queiroz, destruindo o antigo teto em beira-e-bica, posteriormente sendo substituídos os seus beirais pela platibanda que podemos ver nos dias atuais. Em 24 de janeiro de 1912, o Palácio resistiu com barricadas aos tiros e à tentativa de deposição de outro governante, desta vez, Nogueira Acioli. No mesmo ano, com novo comando, foram realizadas alterações e melhoramentos no imóvel. Até o ano de 1929 era possível se encontrar alguns dos

---

4 BARROSO, Gustavo. *À Margem da História do Ceará*. 2ª ed. Fortaleza, Funcet, 2004.

5 Idem.

mobiliários que escaparam da destruição de 1892. Dentre eles: dunquerques de espelho com tampo de mármore, jarrões de porcelana e molduras douradas de espelhos do salão, além de um conjunto de sala de jantar esculpido em madeira. Depois de 1930, muita coisa se perdeu. Em 1960, com objetivo de prolongar a rua Guilherme Rocha até a Sena Madureira, parte dos belos jardins do Palácio foi destruída. Em 1970, a Secretaria da Cultura do Estado e a Biblioteca Pública passaram a ocupar o espaço. O Centro de Artes Visuais, depois Casa de Cultura Raimundo Cela, dirigida por Heloísa Juaçaba e Hilma Montenegro, é ali fundado em 25 de março de 1967. Então, desde 1983, a Academia Cearense de Letras, a mais antiga instituição do gênero no país, assumiu o Palácio da Luz, abrindo espaço para outras academias e sociedades. E, por determinação da Lei nº 11.637/89, o Palácio foi concedido definitivamente para a guarda da Academia, pelo então governador Tasso Jereissati, acadêmico honorário e bisneto do acadêmico fundador José Carlos Júnior.

\* \* \*

Em 1809, a Câmara Municipal autorizou a construção de um mercado, em madeira, que funcionou, a princípio, para o comércio de carnes, verduras e frutas, sendo demolido em 1814, quando começou a construção



do chamado “Mercado da Farinha”, que teria duas frentes: uma para a praça Carolina e outra para a rua Conde D’Eu. O portão da Conde D’Eu recebeu a alcunha de “Cozinha do Povo”. Esse mercado seria transferido, em 1897, para o mesmo local onde, na década de 1930, seria construído o Mercado Central. Nesse local, até 1929, era possível se encontrar a edificação que foi a “Casa dos Governadores”, a segunda, pois a primeira se localizava mais próxima à praça do Conselho, sendo destruída quando do alargamento do logradouro. Da mesma forma, a segunda “Casa” foi demolida, mas o prefeito Álvaro Weyne, que adorava fotografar aquilo que destruída, a registrou.

Assim, em 22 de setembro de 1932, com novo prédia na rua Conde D’Eu, aos poucos o comércio de frutas e cereais foi proibido, sendo aceito apenas o de artesanato e de produtos utilitários (raspa-cocos, raízes, tamancos, vassouras, espanadores, cavaletes, tamboretas, canecos de flandres ou ágata, etc.). Posteriormente, em 1975, o prédio foi totalmente reformado e apresentava um grande número de lojas de confecção, renda de bilros, redes, cerâmicas e outras peças artesanais, atraindo os turistas. Com instalações insuficientes e em más condições foi pensada a possibilidade de um novo espaço para o Mercado, o que aconteceria em 19 de janeiro de 1998, sendo a nova localização em frente à Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, na av. Alberto Nepomuceno. Infelizmente, para

a construção da nova sede, para variar, foram destruídas casas que compunham importante casario histórico, um dos mais antigos da cidade.

O antigo prédio do Mercado Central passou a acolher, desde 27 de outubro de 2000, o “Centro de Referência do Professor”, da Prefeitura de Fortaleza. Ali, em 4 de fevereiro de 2002, a artista plástica Sinhá D’Amora inauguraria o seu próprio memorial, e, em 28 de junho de 2013, o Diário Oficial do Município anunciou a cessão do prédio para o funcionamento do Centro Cultural Banco do Nordeste. Em contrapartida, o Centro Cultural se propôs a manter as atividades da Galeria Antônio Bandeira, de responsabilidade da Secretaria da Cultura de Fortaleza.

\* \* \*

Em 1810, as casas de Fortaleza tinham apenas o pavimento térreo. Havia poucas ruas – todas sem calçamento –, três igrejas, o palácio do governador, a Casa de Câmara e Cadeia, a Alfândega e a Tesouraria. O porto era ruim e eram grandes as dificuldades e os acidentes no momento de embarque e desembarque dos “vapores”.

Em 1812, Manuel Inácio de Sampaio iniciou a sua gestão como presidente da província do Ceará. Com ele

surgiriam as primeiras grandes iniciativas de organização do espaço urbano da cidade. Dentre elas, a reconstrução, desta vez em alvenaria, da Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção, um projeto de José da Silva Paulet, que só foi possível mediante larga campanha de arrecadação de doações de latifundiários, comerciantes e outros interessados da “fina flor cearense”. A obra iniciou-se em 12 de outubro de 1812, sendo concluída apenas em 1823. Com a Primeira Grande Guerra Mundial, os canhões de bronze, com os brasões da coroa imperial, e os de ferro, peças históricas da Fortaleza, foram vendidos.

Ano de 1817. As naus escarneciam de mim quando eu era um monte informe: agora que sou uma grande fortaleza, de longe tomam-me respeito. Aqui, reinando d. João VI, Sampaio me fundou bela, o engenho de Paulet resplandece. Os donativos dos cidadãos me tornaram fortes pelas muralhas, e dos dispêndios reais me fazem forte pelas armas<sup>6</sup>.

No ano em que iniciou a gestão de Sampaio, foi realizado um contrato entre o Conselho da Vila de Fortaleza e o tenente-coronel João da Silva Feijó. Por meio dele,

---

<sup>6</sup> Texto, no original em latim, em lápide em pedra lioz portuguesa colocada na muralha do forte diante do mar e assinada pelo presidente da província cearense Pedro José da Costa Barros. FILHO, José Capelo e SARMIENTO, Lidia. *Guia Arquetônico*: Fortaleza – Centro. Fortaleza: Oficina de Projetos, 2006.

seria construído o primeiro chafariz público da cidade, aproveitando uma das nascentes de água de seu sítio localizado na rua do Quartel, o que aconteceria em 8 de setembro de 1813, na rua do Chafariz, atual José Avelino.

Mas nem tudo eram areias em Fortaleza. Em 1813 e 1814, acontecia, em torno do Palácio e de seu senhor, os *Oiteiros*, saraus e reuniões literários, geralmente de natureza poética, a exemplo da Arcádia Lusitana. Recitavam-se odes, décimas, sonetos, cantatas etc. Dentre os poetas: José Pacheco Espinosa, Antônio de Castro e Silva, Pedro José da Costa Barros, Pe. Lino José Gonçalves de Oliveira e Manuel Correia Leal. As musas dessa turma, responsável pelos primeiros passos literários de nossa urbe pensante, eram chafarizes e calçadas, obras do presidente Sampaio, como percebemos:

Este manancial de água, o primeiro, / que fez  
surgir na Vila arte prestante, / Para a sede saciar o  
caminhante, / O sábio, o nobre, o rico, o jornaleiro: //  
Edificada foi incontinenti, / No memorável, ótimo  
Governo, / De Sampaio, Varão reto, ciente. // Como  
ao Povo mostrou amor paterno, / Para todo o seu  
bem foi diligente, / Nesta fonte deixou seu nome  
eterno. (SPINOZA, José Pacheco. “Segundo  
soneto para o chafariz da Vila de Fortaleza”)

Dize que do Governo a alta mente / Estas obras  
brotou assaz louvadas / Por todos, sim, por todos

geralmente; // Erários novos, rampas e calçadas, /  
Aterros, Chafariz, Aula excelente, / Novas ruas,  
muralhas elevadas. (SPINOZA, José Pacheco.  
“Ao aumento da vila de Fortaleza”)

Em 1817, em homenagem à arquiduquesa Maria Carolina Leopoldina, esposa de d. Pedro I, surge a praça Carolina. Local onde hoje podemos ver o Palácio do Comércio, o Banco do Brasil e a sede dos Correios e Telégrafos. A praça Carolina, ou, como seria denominada posteriormente, largo da Assembleia ou do Mercado, receberia, em 1897, o Mercado de Ferro.

Naquele ano, Fortaleza recebia os reflexos da Revolução Pernambucana, aqui representada pela atuação da família Alencar, do Crato, que queria a libertação de Portugal e a criação de uma República.

Silva Paulet, em 1818, após o estudo das plantas antigas de Fortaleza, elaborou o seu primeiro plano urbanístico. O modelo “traçado em xadrez”, além de ser indicado em função da topografia local, disciplinava o crescimento da vila, e o modelo ainda seria útil para contenção de rebeliões populares. Na proposta, foram abertas as ruas Formosa (Barão do Rio Branco), da Palma (Major Facundo) e a das Belas (Floriano Peixoto).

Em 17 de março de 1823, o apoio do Ceará ao imperador dom Pedro I resultou na elevação da condição de Fortaleza de vila à cidade, cujo nome deveria ser, mas não foi, Fortaleza de Nova Bragança.

Tu, que deves a vida e o nome a um forte, / És, com o donaire de um adolescente, / a mais encantadora, certamente, / De todas estas Capitais do norte. // Cidade de Moreno, que mais queres? / Tens no sol e nos olhos das mulheres / Esse esplendor que forma o teu diadema. (SALES, Antônio. “Fortaleza”)

\* \* \*

Em 1824, a revolucionária Confederação do Equador deixou marcas de sangue no peito cearense. Em 29 de abril foi proclamada a República do Ceará, sendo o seu presidente Tristão Gonçalves de Alencar. Porém, em 31 de outubro, a notícia da execução de Tristão Gonçalves, no combate de Santa Rosa, no vale do Jaguaribe, correu a cidade. No dia 5, havia sido formada, na “Casa dos Governadores” – localizada onde funcionou durante anos o Mercado Central – uma Comissão Militar, chefiada pelo tenente-coronel Conrado Jacob Niemeyer, com propósito de julgar e executar os revoltosos cearenses, o que, de fato, aconteceu em 1825, quando alguns de seus partícipes foram fuzilados no campo da Pólvora/largo do Paiol, atual praça dos Mártires.

Em 30 de abril, Pessoa Anta e padre Mororó (considerado o primeiro jornalista cearense, criador, em 1º de abril de 1824, do *Diário do Governo do Ceará*, primeiro jornal da província); em 7 de maio, pe. Pereira Ibiapina; 16 de maio, Azevedo Bolão; e, em 28 de maio, Silva Carapinima.

Naquele dia havia em Fortaleza um grande rumor de multidão emocionada. Ia ser executado pelas tropas imperiais o Padre Mororó. Na praça em que vai haver a execução, a multidão é tanta que, a custo, as tropas conseguem abrir passagem. Mororó é colocado na coluna da morte. Um soldado traz a venda para lhe pôr nos olhos, “Não”, responde ele, “eu quero ver como isto é”. Vem outro soldado para colocar-lhe sobre o coração a pequena roda de papel vermelho que vai servir de alvo. Detém a mão do soldado: “Não é necessário. Eu farei o alvo”, e, cruzando as duas mãos sobre o peito, grita arrogantemente para os praças: “Camaradas, o alvo é este”. E num tom de riso, como se aquilo fosse brincadeira diz: “e vejam lá! Tiro certo que não me deixe sofrer muito”. (CORREA, Viriato)

Em 1825 foram construídos dois prédios que deram o que falar. Ambos em torno da praça do Ferreira. O primeiro deles, o sobrado do comendador José Antônio Machado, primeiro prédio de Fortaleza com térreo e dois andares, o mais alto da cidade, que acolheria posteriormente o Hotel

Central e o Café Riché – esquina da rua Guilherme Rocha com Major Facundo (nomes atuais). O responsável pela obra foi o cel. Conrado Jacob Niemeyer, o mesmo responsável pela comissão que fuzilou os rebeldes da Confederação do Equador. Fortaleza, na época, não tinha pavimento nas ruas. Apresentava-se como areal frouxo, onde carros de boi vez ou outra apareciam atolados. Assim, muitos acreditavam que não era possível tal prédio sustentar-se em pé. Também “não era admissível que um particular possuísse uma casa mais alta que a do presidente<sup>7</sup>.” Era, naqueles tempos, muito difícil a oferta de tijolo e cal, além de que nenhum pedreiro queria se aventurar a construir uma “marmota” daquela, correndo o risco de acidentes ou mesmo de morte. Foi preciso, após algumas articulações, recorrer à mão de obra não voluntária de presos da cadeia pública. O fato é que o sobrado resistiu por bastante tempo, sendo demolido apenas em 1927.

A segunda edificação pertenceu a Francisco José Pacheco de Medeiros, o Pachecão. Ele construiu o seu sobrado, o “primeiro de tijolo e telha da cidade”, na esquina da rua da Boa Vista (Floriano Peixoto), aproximadamente com a Travessa Municipal (rua Guilherme Rocha) – havia uma terceira frente, aos fundos, na Travessa Pará. Conta-se, embora não tenha conseguido encontrar fonte segura,

---

<sup>7</sup> NOGUEIRA, João. *Fortaleza Velha*. Fortaleza, Armazém da Cultura, 2012.



que, mais tarde, empobrecido, Pacheco se mataria, em alto estilo, em Paris. Certo é que seu sobrado foi adquirido, em 1831, para sediar a Câmara Municipal, o que só aconteceria em 1833. Depois, além da Câmara, funcionaria a Intendência Municipal e a Sala de Júri. O sobrado tinha dois pavimentos. Encimando o pavimento superior, pelo lado da rua Floriano Peixoto, uma torre com um relógio. Posteriormente, no térreo funcionariam casas comerciais, dentre as quais, entre 1929 e 1935, o Café Glória, muito frequentado por escritores e intelectuais, e, de 1944 a 1946, nos altos, funcionaria a Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP). Chegaremos lá.

\* \* \*

Em 1825, período de seca, veio a Fortaleza, a convite do comerciante Antônio Caetano de Gouveia, cônsul de Portugal, o caixeiro nascido em Niterói, Antônio Rodrigues Ferreira, “[...] feio: um pouco baixo, magro, moreno, narigudo, cabelo quase à escovinha, trajava mal e era inseparável de uma luneta de ouro que não tirava do olho direito e o afeava ainda mais. Era também um tanto fanhoso como Gambeta ou José de Alencar.”<sup>8</sup> O caixeiro tinha conhecimentos práticos de medicina e farmácia e, por ocasião

---

8 “O Ferreira Boticário”. *Revista do Instituto do Ceará*, s/d.

do parto da esposa de Gouveia, salvou-lhe a vida. Agradecido, uma mão às vezes se lembra de lavar a outra, Gouveia auxiliaria o “Ferreira boticário” a estabelecer a sua botica, no mesmo prédio em que moraria o resto da vida, na rua da Palma, atual Major Facundo. Carismático e gregário, logo atraiu a atenção dos clientes e moradores da cidade, principalmente os mais pobres, que eram atendidos por ele, além dos jogadores de gamão e buscadores de boas conversas em rodas de calçada. Em 1827, casou-se o boticário com Francisca Áurea de Macedo, “uma cearense mui pobre”, conforme o esposo, mas não teve filhos. Em 1842, foi eleito presidente da Câmara Municipal, função de intendente (leia-se “prefeito”), mas sem primeira-dama, pois a sua mulher faleceu no mesmo ano. Durante 17 anos seguidos, até às 21 horas do dia 29 de abril de 1859, data de sua morte por uma aneurisma de aorta, foi a maior autoridade da cidade de Fortaleza. No testamento, dizia querer um enterro simples, ser sepultado em trajes habituais, ou seja, em casaca, calça e colete preto – desde a morte de sua mulher nunca dispensara o uso do luto. Foi uma das figuras mais atuantes e determinantes para o crescimento da cidade. Sem filhos ou esposa, em seu testamento deixava seus bens ao seu pai, um ex-soldado, se ele ainda “existisse” no tempo de sua morte. Na verdade, há muitos anos não sabia do paradeiro do pai, desde que ele desertara durante a Guerra da Cisplatina, no início do século XIX.

\* \* \*

Em 1830, surgiu o primeiro teatro, ou “casa de ópera”, de Fortaleza: o Concórdia, na esquina das ruas General Bezerril com a Guilherme Rocha. Em 1842, ele seria transferido para a um prédio de único pavimento na rua Formosa, atual Barão do Rio Branco, com a denominação “Taliense”. E foi no Taliense que, em 3 de novembro de 1861, foi apresentada a primeira peça escrita e encenada no Ceará: “Quem com Ferro Fere, com Ferro será Ferido”, escrita por Juvenal Galeno em 1859, que manteve-se inédita até o ano de 2010, quando “apareceu a margarida”. Nela, o autor fala da exploração do povo pelos latifundiários, pela Justiça e pela Igreja, além de denunciar os desmandos e abusos do poder policial nas pequenas cidades interioranas, representado na figura dos cruéis subdelegados.

O prédio do teatro, em 1870, seria reformado e ganharia outro pavimento. Após muito sucesso, todavia, o Taliense cerraria as portas em 1872.

\* \* \*

Em 29 de junho de 1830 foi inaugurado o Campo D’Amélia, em homenagem à segunda esposa de d. Pedro I, a imperatriz Amélia de Leuchtenberg. No local, as

tropas coloniais e, posteriormente, imperiais, realizavam seus treinamentos. Lá também aconteciam as famosas “cavalhadas” e alguns torneios hípicas. Em 1890, passou a chamar-se de praça da Via Férrea e, mais tarde, em 1932, firmou-se como praça Castro Carreira, embora até os dias atuais seja chamada habitualmente de praça da Estação. Adivinhem o porquê...

\* \* \*

O imperador d. Pedro II, em 1834, instituiu as assembleias provinciais. Então, no dia 8 de dezembro aconteceu a primeira eleição do legislativo cearense. O primeiro presidente da Assembleia foi o capitão-mor Joaquim José Barbosa, eleito em 6 de abril de 1835. Até o ano de 1871, quando se concluiria a construção da sede própria, a assembleia funcionaria em diversos prédios diferentes da cidade.

Uma das primeiras necessidades humanas é a de águas potáveis, e até março do corrente ano estava a cidade muito mal provida deste gênero. Existiam pequenos poços forrados de barris, que haviam servido de depósito de vinho ou azeitonas, e deles todos os habitantes se serviam: só vendo-se se poderá fazer ideia da falta de asseio que em tais poços havia. Além de serem abertos e neles se lavarem, de noite, diferentes pessoas,

os pretos exaurirão, por meio de cuias já rotas, a água que, correndo pelos pés, ia ter no depósito, donde de novo era levada aos potes. O chafariz da Praça do Palácio não corria e o antigo construído pelo ex-governador Manoel Inácio de Sampaio se achava, desde 1831, inutilizado. Mandeí conserter o último, que hoje fornece em abundância uma das melhores águas conhecidas para embarque [...], mandei abrir um grande poço no lugar denominado ‘Cacimba do Povo’ e agora tem a cidade água de excelente sabor e muito limpa.” (Discurso do presidente da província do Ceará, em 1º de agosto de 1838, durante a abertura da Assembleia Legislativa Provincial)

Em 28 de outubro de 1836, no largo do Paiol, ou campo da Pólvora, mais tarde Passeio Público, às oito horas da manhã, o carrasco conhecido por “Pareça” enforcou os seis negros, trazidos como escravizados, que se amotinaram contra a tripulação do brigue-escuna “Laura II”. Vestidos em camisas e ceroulas de ganga amarela, antes de serem enforcados os condenados foram servidos de fatias de pão-de-ló e beberam um cálice de vinho do porto. Hilário, um dos mais valentes, revoltado com o companheiro a chorar e a implorar perdão, subiu ao cadafalso e colocou ele mesmo o laço em seu pescoço, se atirando com tanta força que rompeu a corda. Lascou-se, caiu no chão de areia, tendo que fazer tudo de novo. A figura de

proa do “Laura II” integra atualmente o acervo em exposição do Museu do Ceará.

Havia outro patíbulo, usado para enforcamentos, também no largo da Pólvora, mas este foi destruído anteriormente por patriotas revoltosos em 25 de maio de 1831.

\* \* \*

Antônio Joaquim Batista de Castro, o “Galinha Branca”, devoto de Nossa Senhora da Conceição, morador, em casa simples e térrea do sopé da ladeira da Prainha, em 1839, solicitou do bispo de Olinda a licença para erguer ali, no outeiro, uma capela dedicada à Santa. Em 8 de dezembro do mesmo ano, formou uma Irmandade, iniciou o recolhimento de donativos, e com eles deu início à construção da igreja de Nossa Senhora da Conceição da Prainha. O engenheiro responsável pela obra foi o austríaco, radicado no Ceará, José Antônio Seifert, que participou também do projeto da Assembleia Provincial, a reedificação da Matriz, e outras obras que não sobreviveram ao tempo. A inauguração da igreja, com a primeira missa, se deu em 8 de dezembro de 1841. Antônio Joaquim faleceu em 25 de outubro de 1885. Curiosamente, ninguém da Irmandade criada por ele esteve presente aos rituais de seu sepultamento.

\* \* \*

Em 8 de dezembro de 1841, João Facundo de Castro Menezes, o major Facundo, vice-presidente da província do Ceará, que emprestaria seu nome à antiga rua da Palma, onde residia, foi assassinado. Um ano depois de seu falecimento, por um desejo expresso despropositadamente, sua esposa transferiu seus restos mortais e os sepultou em pé, sob a lápide branca de mármore, na parede que dá para a sacristia da igreja de Nossa Senhora do Rosário, “olhando” para o seu antigo e querido gabinete no Palácio da Luz – seria o major o primeiro grande *workaholic* da cidade? A lápide, em mármore e pedra sabão de Lisboa, nos parece afirmar que o assassino do major foi o presidente da província, seu superior. Quase. Na verdade, quem arquitetou e comandou a emboscada foi a mulher dele:

Aqui jazem/ os restos mortais/ do major/ João Facundo de Castro Menezes,/ vice-presidente da província,/ASSASSINADO/ a 8 de dezembro de 1841./Sendo presidente/ José Joaquim Coelho./ Nasceu aos 12 de julho/ de 1787. Tributo d’amizade/ da sua infeliz esposa,/ D. Florência D’Andrade/ Bezerra e Castro,/ a 8 de dezembro de 1842.

Em 1842, no local onde hoje encontramos a praça do Ferreira, por meio de uma Lei Provincial, eliminava-se

dali a desengonçada rua do Cotovelo, para então se instalar uma praça que seria denominada Pedro II, o que aconteceria oficialmente em 1859. O local se chamava Feira Nova, em contraposição à Feira Velha, localizada no “antigo” centro da cidade, mais próximo da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção. Durante esse período, o largo apresentava a característica de um grande areal, com oitizeiros, mongubeiras, castanholeiras e capim, sendo rodeado por frades de pedra lioz, com argolas onde eram presos os cavalos e outros animais, e tinha um cacimbão no centro, que servia para abastecimento de água, inclusive para os viajantes, comboieiros e comerciantes que vinham de Aquiraz ou do Soure para Fortaleza. Na Feira Nova, havia uma mulher, negra, conhecida por Aninha Gata – era “rainha do congo”, ao lado de Firmino, um alforriado do pai de Gustavo Barroso –, que vendia lenha e carvão, além de banha (de sebo de gado) própria para uso capilar. Encontrava-se por ali as bodegas dos irmãos Siqueira, a escola do prof. Joaquim Alves, o quartel da Polícia e o açougue do Pital. A partir de 1886, seria inaugurado num dos cantos da praça o Café Java, de Manuel Ferreira dos Santos, o Mané Coco, de Aracati. Depois, mais tarde, surgiriam os outros três cafés-quiosques: do Comércio, Iracema e o Elegante. O Java e o Iracema tinham um pavimento, enquanto que o do Comércio e o Elegante apresentavam um piso superior.

Em 1871, em memória aos relevantes serviços que prestou o tenente-coronel Antônio Rodrigues Ferreira ao



progresso material da província e, principalmente, a esta cidade e seu município, na qualidade de presidente da Câmara, passou a ser chamada de praça do Ferreira.

\* \* \*

Em 1880, durante seis meses, a praça guardou a denominação de praça Municipal ou da Municipalidade – por situar-se em frente do prédio da Intendência Municipal –, voltando a designar-se do Ferreira, denominação que resiste ainda hoje. Em 1902, o cel. Guilherme Rocha mandou cercar o centro da praça com grades de ferro, aformoseando a área, colocando jarrões, estátuas e um belo jardim. O local foi chamado de Jardim/Avenida 7 de Setembro.

Em 1914, a praça foi reformada, trazendo ótima iluminação com cabos subterrâneos. Em 1920, o prefeito Godofredo Maciel, durante outra intervenção, uma maior, decretou a derrubada do “Cajueiro da Mentira” ou “Botador”, assim chamado, pois, segundo contam, dava frutos o ano inteiro. Os fregueses do Café Java, ao passarem pela árvore, puxavam seus galhos para roubar-lhe um ou dois cajus vermelhinhos, que degustavam como tira-gosto da boa aguardente do Cumbe servida pelo Mané Coco. Imenso como um sonho, o cajueiro, se esparramava para as bandas da rua Floriano Peixoto. Anualmente, no dia 1º de abril,

dia nacional da mentira, homens de todas as classes, intelectuais, artistas, artesãos, populares se reuniam em torno do cajueiro e pregavam-lhe cartazes com suas potocas (denominação vetusta para “mentira”). Alguns desses cartazes eram ferozmente rasgados e resultavam em violentas brigas; outras, colhiam as risadas de um mundo. O Café Java era sede de reunião dos potoqueiros, onde se deliberava e formavam chapas para a verdadeira eleição da maior mentira. Os galhos da árvore eram enfeitados em bandeirinhas, e guardava a urna de recepção de votos, ao som da banda da Polícia Militar e dos papocos de girândolas, de traques e de aplausos e vaías que corriam com o vento que vinha curioso da Praia do Peixe, atual Praia de Iracema. “Era esta a maior festa popular da Fortaleza Antiga<sup>9</sup>.”

Na época, era no entorno da praça onde se localizava a maior concentração e fluxo de pessoas e de veículos, acentuados pelo potencial comercial, e, dessa forma, tornaram-se inevitáveis as intervenções, como a demolição dos quiosques, do Jardim 7 de Setembro, a colocação de novos bancos, de um grande coreto e a abertura de outras vias que comunicavam o centro da cidade com a, então, Praia do Peixe, onde se localizavam a alfândega, os armazéns de importação/exportação e a Ponte Metálica, ao lado, mais tarde, da dos Ingleses.

---

9 AZEVEDO, Otacílio de. *Fortaleza Descalça*. Fortaleza: Secult, 3ª ed., 2010.

A mesma comoção pública se daria em 1929 com o corte da árvore conhecida como Oitizeiro do Rosário, na gestão de “prefeito fotógrafo” Álvaro Weyne.

O dia 12 de abril, data de nascimento de Chico Anysio, o maior humorista do Brasil, é hoje, por lei estadual e municipal, Dia do Humorista, uma iniciativa do “Escritório do Riso”, dirigido por Jáder Soares, o “Zebri-nha”. Em abril, no seu dia primeiro e no aniversário da cidade, humoristas e populares se apresentam na praça do Ferreira em memória dos tempos idos do velho cajueiro.

O coreto implantado na praça, palco de importantes acontecimentos ligados à Revolução de 30, em 1932, acusado de ter se transformado num privilegiado mictório público, foi também demolido, e, em seu lugar, Raimundo Girão inaugurou, às 23h do dia 31 de dezembro de 1933, a Coluna da Hora, em art-déco, em cimento e pó de pedra, com relógio em quatro faces, assentada sobre uma base com quatro degraus em mosaicos vermelhos em cada uma de suas faces. O projeto de José Gonçalves da Justa, cuja execução coube a Clóvis Janja, tinha 13 metros de altura. A praça teve em seus dias de Coluna da Hora, seus momentos de maior popularidade. Era a “queridinha”, orgulhosa e doce, pulsando por meio de seu relógio nova-iorquino, *but* sem *Times Square*, o “coração da cidade”. Árvores com copas esculpturadas, piso em mosaicos, bancos de madei-

ra, carros de aluguel reluzentes – o Mazine, o Peixoto –, poste de luz encimados por globos leitosos de luz... Mas como nem tudo são flores na Fortaleza tropical, Raimundo Girão, então ex-prefeito, o mesmo que construiu a Coluna, em 5 de julho de 1967, a convite do novo prefeito, José Walter, deu a marretada “inaugural” que deflagrou a sua extinção sumária. Girão justificava depois que só fez aquilo pois José Walter havia lhe assegurado – e ele acreditava em político? – que ali seria colocado um monumento de grande vulto à memória do Ferreira boticário, o que nunca, de fato, aconteceu.

Pois sim, sem tal promessa cumprida, em 1968, período crítico de Ditadura Militar, “anos de chumbo”, a praça passou por outra reforma, a mais radical, que construiu jardins elevados, arrancou-lhe os bancos, deu-lhe aspecto mais sombrio, retirando a sua capacidade de visibilidade e do potencial para aglomerados de gente, fato que distanciou muitos de seus habituais visitantes, gerando muita desilusão e insatisfação popular. No dia 8 de junho deste ano, aconteceria a última “passeata dos bichos”, evento tradicional na praça do Ferreira. Quem era useiro e vezeiro na praça se recorda do que sentiu quando a encontrou, assim, tão diferente. Alberto Galeno, neto de Juvenal, que foi preso durante o período da Ditadura, quando saiu de lá, procurou por seu banco, o dos comunistas, na nova praça do Ferreira, que ele ainda não conhecia:

Na verdade, estávamos nos esforçando por descobrir se estávamos na praça ou se noutra local, tamanha a descaracterização. Aquilo acolá podia se parecer com tudo: com cemitério, com anfiteatro romano, menos com obra de arquitetura com a qual estávamos acostumados.[...] Alencar [*o seu amigo comunista, João de Alencar*] tinha razão: o que haviam pretendido com a malsinada reforma fora afastar o povo do local. (GALENO, Alberto. *A Praça e o POVO*, 2000)

Deixando de lado a praça do Ferreira, vamos voltar um pouco ao dia 15 de julho de 1844, quando o presidente da província, José Maria da Silva Bittencourt, por meio da Lei nº 304, criou oficialmente o Liceu do Ceará, que deveria se compor das seguintes cadeiras: Filosofia Racional e Moral, Retórica e Poética, Aritmética, Geometria, Trigonometria, Geografia, História, Latim, Francês e Inglês. Sob a direção do instrutor de instrução pública Tomás Pompeu de Souza Brasil, em 19 de outubro de 1845 – considerada esta a data de sua fundação – têm início as atividades escolares do Liceu, entretanto, somente em 15 de março de 1894 a escola passaria a ter uma sede própria, na praça dos Voluntários, no local onde se situa atualmente o comando da Polícia Civil. Antes da sede própria, esteve no local onde hoje encontramos o prédio da Associação Comercial, no entorno da Sé (noutro local onde funcionou o Museu Histórico, o Arquivo Público e o

Instituto do Ceará), depois no prédio da Santa Casa e no Quartel da Força Policial.

Já em 1937, o Liceu do Ceará transferiria a sua sede para o bairro de Jacarecanga, em frente da praça Fernandes Vieira, atual praça Gustavo Barroso. Em 1939, sob a direção de Raimundo Ernani de Castro e Silva, a escola promovia: Clube Liceal de Estudos, o Orfeão Liceal, a Biblioteca e a Cooperativa, o Cinema Educativo, a ampliação da Educação Física e outras atividades modernas complementares. O Liceu é, no gênero, o quarto estabelecimento de ensino mais antigo do Brasil.

\* \* \*

Em 1847, diante de um período de grandes chuvas, o presidente Inácio Corrêa de Vasconcelos, com receio de erosão do grande areal que compunha o aterro do largo do Palácio, o que poderia resultar em comprometimento da sustentabilidade da sede do governo, mandou construir uma muralha de proteção (de arrimo) com escadaria que permitisse contato do largo com a rua de Baixo. Aos poucos ia se formando o local que hoje conhecemos como praça dos Leões.

\* \* \*

É claro que as noites da cidade, até quase a metade do século XIX, eram muito escuras, “como breu”, diziam. Os mais pobres se viravam com candeias de azeite ou velas de carnaúba, enquanto aqueles com maiores recursos, além das candeias e das velas, mantinham arandelas, com lâmpadas fraquinhas, penduradas. Era comum também se encontrar na cidade, casas que, ao invés de janelas, tinham “urupemas”, grades de madeira, com pequenas malhas, como gelosias, para impedir a entrada de muita luz e o calor, ao mesmo tempo que conferia certa privacidade.

Daí, em 1º de março de 1848, Vitorino Augusto Borges seria contratado para instalar 44 lampiões na cidade, que “deveriam ser mantidos limpos e brilhantes” e ficariam acesos das 18h até o raiar do dia seguinte. Depois, a *Ceará Gaz Company Limited* distribuiria 25 lampiões com iluminação de azeite de peixe, acesos por meio de um profissional exclusivo para isso: o acendedor de lampiões. Detalhe: havia um pacto. Em noites de lua, não se acendiam os lampiões.

Desmaiavam no céu as últimas estrelas.../Aí, então, eu ia me deitar./ E ainda embriagado de sons/ muitas vezes julguei caírem-me dos ombros/ uns restos de luar... (AZEVEDO, Sânzio de. “Serenatas de Fortaleza”)

Em 17 de setembro de 1867, o azeite de peixe perdeu espaço para o gás carbônico. Ao final da tarde, ainda o acendedor de lampiões atravessava o centro da cidade, carregando uma escada e fósforos, e se ia acendendo um a um dos bicos de gás, clareando a Fortaleza de uma lume esverdeado. Os combustores com bicos de gás passaram a ser instalados na cidade, privilegiando as praças, em detrimento às ruas. Em 10 de maio de 1933 nos surgiria a eletricidade, no começo, em caráter experimental, na rua Formosa (Barão do Rio Branco) e, posteriormente, em 8 de dezembro de 1934, na praça do Ferreira, e, aos poucos, em outras ruas do entorno.

Fortaleza dos lampiões a gás! Como eras diferente, na pacatez de cidade provinciana, na quietude de cidade ingênua. Tuas ruas estreitas, mal alumadas pelos lampiões escassos, com os sobradões sombrios na ponta da rua, com as casinhas de telhados baixos, com os teus hábitos pacatos e modestos [...] Tuas ruas cheias de sol, com o calçamento de pedras pontiagudas, as praças com seus lençóis de areia, os bairros longínquos com a suave frescura e o cheiro gostoso dos cajueiros em flor [...] (MENEZES, Raimundo de. “Fortaleza dos Lampiões”. *Coisas que o Tempo Levou*, 2006)

\* \* \*



O Cemitério de São Casimiro foi o primeiro a ser instalado na cidade, estabelecido no Morro do Croatá, em 1848. Até então, os mortos eram enterrados nos jardins ou no interior dos templos, sem lápides ou registros, ou em covas coletivas. No século XIX, os enterros aconteciam durante à noite, em sombrios cortejos e procissões de penitência. A princípio, os mortos eram sepultados no entorno da capela do Quartel (a fortaleza), depois no cemitério da Prainha, nos arredores da Sé, e, mais tarde, na igreja de Nossa Senhora do Rosário. Onde hoje é a Estação Ferroviária João Felipe, nossa Estação Central, era o cemitério dos ingleses, pertencente à firma *Singlehurst & Co*. Na sua edição de 2 de abril de 1880, o *Cearense* informou que a Santa Casa decidiu a demolição do São Casimiro, em vista do seu estado de ruínas e profanação. Assim, em 5 de abril de 1866, o velho cemitério deixou de existir para entrar em cena o cemitério São João Batista, inaugurado em Jacarecanga – numa área conhecida como “Tijubana” –, entretanto, sendo concluído apenas em 1880. Em 1882, também o cemitério dos ingleses, muito saqueado e destruído durante as obras da Estação Central, passou a integrar a composição do São João Batista, separado do “outro” cemitério por muros, assim como também, mais afastado, o cemitério dos judeus.

\* \* \*

Aos 26 dias de novembro de 1849, surgia nas oficinas tipográficas do *Pedro II* o jornal *Sempre-Viva*, o primeiro no Ceará dedicado exclusivamente à literatura. Seus criadores e redatores eram o maranhense Gustavo Gurgulino e o garoto, em 13 anos, Juvenal Galeno. Anos depois, em 1853, seria publicado o *Mocidade Cearense*, jornalzinho recreativo, pioneiro do jornalismo estudantil no Ceará, tendo como redatores os, então, estudantes do Liceu: Juvenal Galeno e Joaquim Catunda.

Também em 1849, seria construída a igreja de Nossa Senhora do Patrocínio, onde, na cabeça de Adolfo Caminha, casou-se a normalista Maria do Carmo. A praça à sua frente recebia, naturalmente, o seu nome: praça do Patrocínio. A partir de 1870, seria denominada praça Marquês do Herval, denominação que o povo nunca aderiu. Mais tarde, em homenagem ao centenário de nascimento de José de Alencar, em 1929, receberia como denominação o nome do escritor.

\* \* \*

Em 1854 foi concluída a construção da igreja de São José, matriz de Fortaleza. Em 1699, a cidade já havia recebido a Ordem Régia de construção de uma igreja, mas apenas em 1795 isso foi possível. Entretanto, em 1820,

após uma vistoria, decidiram demoli-la alegando precárias condições, sendo iniciada a construção da nova igreja matriz. O Cruzeiro da Sé foi inaugurado, com grande festa, em 1847, pelo siciliano frei Serafim de Catania. Conforme Gustavo Barroso: “O Cruzeiro compunha-se de alta e forte cruz de madeira de lei plantada solidamente sobre um pequeno edifício octogonal com colunas coríntias aos cantos.”<sup>10</sup> Durante muitos anos a igreja orgulhava-se de ostentar o Cruzeiro que era, certamente, um dos mais bonitos e originais do país.

D. Manuel da Silva Gomes, terceiro bispo do Ceará e primeiro arcebispo de Fortaleza, em 1938, após vistoria e constatação de “rachaduras”, decidiu demolir a igreja de São José com a promessa de construção de uma nova e maior matriz, na realidade, uma catedral. A população não gostou, afinal, a igreja trazia muitas histórias de famílias, casamentos, batizados, festas religiosas, etc., mas, insensível a isto, de olho no céu e na vontade do Todo Poderoso, manteve-se a demolição da igreja, ato que representou um dos maiores pecados contra o patrimônio arquitetônico de Fortaleza.

O projeto da catedral, em estilo neogótico e sombrio, é do francês Georges Mounier. A obra teve início

---

10 BARROSO, Gustavo. *À Margem da História do Ceará*. Fortaleza: Funcet/Prefeitura de Fortaleza, 2004.

em 1939, sendo concluída em 22 de dezembro de 1978, quando o arcebispo de Fortaleza era d. Aloísio Lorscheider. Apontam para o céu as suas torres enegrecidas de 75 metros de altura, onde ainda pulsam os sinos da antiga igreja.

\* \* \*

A seca de 1845, as epidemias de febre amarela em 1851 e as de cólera em 1862 e 1864 foram responsáveis pela construção do Lazareto da Lagoa Funda, em 1856, e da Santa Casa de Misericórdia, esta, com o início de sua construção em 1847 e a sua conclusão, com um pavimento apenas e com a denominação de Hospital de Caridade, em 1857, passando por outra inauguração em 1861, já sendo chamada de Santa Casa de Misericórdia. Em 1915, a Santa Casa saiu das mãos do governo e passou para o arcebispado de Fortaleza. Mais tarde, ainda nos primeiros anos do século XX, passou por outra reforma, projeto do arquiteto P. Fiorilo, que lhe acrescentou um pavimento superior, além de proporcionar características neoclássicas que podem ser conferidas ainda hoje em sua fachada. Até os anos de 1930, podemos afirmar que a Santa Casa era o único hospital público na cidade.

\* \* \*

Em 1856, o jovem Juvenal Galeno, filho de José Antônio da Costa e Silva, pioneiro na comercialização do café no Ceará, e Maria do Carmo Teófilo e Silva, chegou de vapor do Rio de Janeiro, trazendo na bagagem o seu livro de estreia, *Prelúdios Poéticos*, considerado o marco do romantismo no Ceará. Juvenal foi enviado pelo pai ao Rio de Janeiro com o objetivo de conhecer as novas técnicas de cultivo do café e, quem sabe, empolgar-se para dar continuidade ao seu trabalho nas serras pacatubanas. Porém, com o dinheiro destinado para estudos e viagens, Galeno, que passava as tardes na biblioteca fluminense, conhecia escritores e intelectuais – hospedou-se na casa de Paula Brito, proprietário da tipografia onde era impressa *Marmota Fluminense*, também patrão do jovem Machado de Assis – e publicava seu livro de poemas. Juvenal, mesmo no Ceará, passou a colaborar com a *Revista Popular*, depois, *Jornal das Famílias*, de Louis Garnier, editor e livreiro da rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, que publicava José de Alencar, Machado de Assis, Gonçalves de Magalhães, Joaquim Manuel de Macedo, dentre outros.

Naquele ano, deu-se início à construção do Palacete Senador Alencar, destinado ao funcionamento da Assembleia Legislativa Provincial. Até então, no local, encontrava-se uma série de pequenas casas comerciais que vendiam cachaça, fumo, cereais, rapaduras, etc. A esse conjunto dava-se o nome de “Quartos da Agostinha”.

O Ferreira boticário, dentre suas ações, demoliu essa área para implantação do Paço da Assembleia Legislativa. O boticário já havia falecido quando o prédio foi concluído e inaugurado, mais tarde, em 4 de junho de 1871.

Na parte superior do Palacete teria lugar a Assembleia, enquanto que em seu pavimento inferior outras instituições, em tempos diferentes, teriam passagem transitória, como a Faculdade de Direito, no lado que dá para a praça General Tibúrcio – nos primeiros anos do século XX, quando na praça, ainda sem os “leões”, havia o “mercado do peixe” e a “pedra”, local onde se vendiam cavalos, jumentos, cabras e carneiros vivos –, e a contemporânea Biblioteca Pública, no lado que dava para a rua Floriano Peixoto. Também ali funcionaria a Academia Cearense de Letras, o Instituto do Ceará e o Tribunal Regional Eleitoral. Foi ali que, em 1891, foi elaborada a primeira Constituição do Estado do Ceará. Hoje, o prédio, considerado marco oficial do estilo neoclássico brasileiro, abriga o Museu do Estado do Ceará. Em 12 de maio de 1977, seria inaugurado a nova sede da Assembleia, no Palácio Deputado Adauto Bezerra, na Aldeota, onde hoje ainda se encontra.

\* \* \*

O vapor “Tocantins”, que trazia parte da Comissão Científica Exploradora, a mando do imperador d. Pedro II, fundeu em Fortaleza em 4 de fevereiro de 1859, num dia singular, muito chuvoso, sendo recebido pelo presidente da província e uma enorme multidão de curiosos. Por ter dois andares e ser o maior sobrado da cidade, a casa do comendador Machado foi alugada para alojar o naturalista Freire Alemão, responsável pela comissão, e parte de sua equipe. Toda volumosa bagagem foi transferida do navio para o armazém da praia, depois para o prédio antigo do Liceu e, posteriormente, para o Hospital da Caridade. Freire Alemão contou sobre a Fortaleza encontrada pela Comissão:

Não passava de uma cidadezinha de 15 a 16 mil moradores. Contava pouco mais de 800 casas de tijolos, das quais, 60 assobradadas, raras porém as de dois andares. Na sua maioria eram casas pequenas, baixas, escuras, de beira-e-bica, acondiçadadas umas às outras por medida de economia. [...] A área urbana tinha as ruas tiradas à corda e sofrivelmente empedradas. [...] As casas davam os fundos para esse riacho [o Pajeú] de águas claras e frescas, ensombrado de fruteiras, com banhos deliciosos. Pelos arredores, na areia solta, salpicada de cajueiros e moitas virentes de guajirus e muricis, vegetavam dois terços da população de Fortaleza, em mais de 1.600 casebres de palha, alinhados ou dispersos. [...] A municipalidade, por sua vez,

mantinha três cacimbas e um chafariz. As sujidades enterravam-se ou ficavam expostas à ação saneadora do sol, salvo pequenina parcela levada ao mar, em quimoas, na cabeça de escravos. [...] Nas noites sem lua ficava escura como breu, salvo no trecho central, onde tremulavam os clarões amarelados de 46 lampiões alimentados a azeite de peixe. Depois das 20 horas a cidade estava dormindo. As ruas desertas, tão desertas, que na praça principal [a do Ferreira], anos depois, se podia tomar banho completamente despido, junto ao cacimbão revestido de aduelas e margelas de pedras de Lisboa. [...] Por entre o casario levantavam-se quatro igrejas, humildes nos aspectos e alfaias. Poucos edifícios públicos. Destacava-se o casarão do Palácio do Governo. (BRAGA, Renato. *História da Comissão Científica de Exploração*, 2004)

Em 24 de julho daquele ano, a barca francesa “Splendide” traria da Argélia, a serviço da Comissão Exploradora, jocosamente denominada de “Comissão Deflo-radora” ou “das Borboletas”, 14 dromedários e alguns tratadores (em turbantes) argelinos. Tantos os animais quanto os “mouros” causaram grande assombro na cidade. A vinda dos “camelos” foi ideia de Capanema, um dos membros da Comissão, amigo de Gonçalves Dias, figura que seria muito criticada em Fortaleza por seu comportamento boêmio e pelos trajes pouco “usuais” – andava com chapéu de



palha, chinelas e calças largas, sendo às vezes encontrado de ceroulas em via pública, totalmente embriagado. Tanto Capanema como Gonçalves Dias não quiseram ficar no sobrado do comendador, sob às vistas do sisudo botânico Freire Alemão (tinha mais de sessenta anos), sendo alojados no prédio do antigo Lazareto, onde hoje se localiza a Escola de Aprendizes-Marinheiros do Ceará.

No ano seguinte, Gonçalves Dias e Capanema realizaram um grande almoço. Para tanto, convidaram vários amigos da cidade e os demais membros da Comissão. Dentre os convidados, Tomás Pompeu, dr. Ratisbona e Juvenal Galeno. Na época, o poeta integrava o terceiro batalhão da Guarda Nacional, comandado por João Antônio Machado, e para estar presente e comer o peru oferecido pelos amigos precisava faltar a uma revista oficial, na praça do Ferreira, o que enfureceu o seu comandante Machado. Resultado: Galeno passou seis dias preso e, nesses dias de confinamento, escreveu o que denominou de “poema fantástico”: *A Machadada!* A história se passa na Lua, onde os deuses do Olimpo assistiam ao desfile do tércio batalhão de um tal comandante Machado, que era tão feio que parecia um camelo. Os deuses brincavam com o batalhão, humilhavam-no e apostavam se o poeta iria ou não participar do desfile. E assim, desenrolava-se o tema. Após sair do cárcere, o poeta decidiu publicá-lo. Os amigos o desaconselharam, afinal, o comandante Machado era irmão de uma autoridade, ex-presidente da província

e amigo do imperador, mas Galeno, com a rebeldia própria e generosa dos vinte e poucos anos, o fez pela Tipografia Americana de Teotônio Esteves de Almeida, localizada na rua do Fogo (um dos trechos da rua Major Facundo), onde os impressores haviam recebido, dos amigos do comandante Machado, uma certa proposta de suborno. Rapidamente aquela *A Machadada* correu as ruas da cidade, e ela, assim, se tornaria a primeira obra literária impressa no Ceará.

Eis o parto de uma noite de insônia. Aleijada, torta ou coxa, vai a criança como foi parida. [...] Adeus. Muito breve pretendo passear outra vez pela Lua. Gosto muito desse planetazinho. [...] No mais, saúde, patacas e patentes. (GALENO, Juvenal. *A Machadada*, 1860)

\* \* \*

Naquele tempo, havia um açougue conhecido que funcionava embaixo de um cajueiro centenário, e daí o nome dado à rua do Cajueiro (atual Pedro Borges), ao lado da, hoje, Academia Cearense de Letras. Conta a história, que Luís da Mota Feo e Torres, governante da província, passando a cavalo por baixo da copa do cajueiro, teve o seu chapéu derrubado por um de seus galhos. Mandou o açougueiro, que ali se encontrava, pegar o seu emplumado chapéu. O açougueiro não hesitou e recusou:

“Nem sou empregado do governo...”. Mota, indignado, ameaçou cortar a árvore, em represália, o que tentou cumprir, não fossem populares, inclusive os pescadores da Prainha – na época não encontraram os ecologistas –, que se uniram em torno dela, de cacetes e facões, para defender aquela antiga habitante da Fortaleza que tombaria muitos anos depois, mas de velha!

No ponto, porém, em que o grande cajueiro embeixava com a povoação, surgia, à margem do caminho, um membro dessa família vegetal, o qual se distinguia, não só pelas suas proporções colossais, mas também porque, esgalhando, oferecia ao povo uma copa tão frondosa que não havia raio de sol capaz de ali penetrar. Essa árvore estimável tinha-se tornado estranha entre as outras. Dir-se-ia quase venerada, como a figueira sagrada da Índia [...]. O majestoso cajueiro para aquela gente possuía uma personalidade, uma alma, exercia prestígio sobre os sítios circunjacentes. (ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. *O Cajueiro do Fagundes: episódio cearense*)

Desde 1860, Fortaleza sofria forte influência francesa. A cultura europeia, a princípio a inglesa e, então, a francesa, encantavam os setores dominantes em busca da tal “modernidade”, a “cura” para o provincianismo enfadonho local. Muitas das lojas do comércio, restaurantes,

hotéis, farmácias, ostentavam nomes e produtos franceses. A moda das revistas, as novidades, a graça das coisas requintadas eram francesas. Em saraus e eventos ao pé do piano, era comum os intelectuais recitarem trechos em francês para uma massa deslumbrada que mal sabia o português. Esse período de “culto ao bom gosto”, compreendido entre o final do século XIX ao início do século XX, ficou conhecido como *Belle Époque*.

Em contraposição, com as secas e o êxodo de interioranos, as praças e ruas do Centro eram usadas como dormitório e banheiro público. Os asilos passaram a ser construídos com fácil apoio da elite local, que justificava a sua colaboração como caridade, assistencialismo ou filantropia, mas que, na verdade, estampava-se a necessidade de promoção da segurança, da tranquilidade, de livrar-se da incômoda presença e da visão da miséria em seus passeios pela cidade elegante.

Entre 1861 a 1865, nos Estados Unidos, aconteceu a Guerra da Secessão, também chamada de Guerra Civil Americana. Por conta dela, os países industrializados, principalmente a Inglaterra, que eram consumidores do algodão estadunidense, buscaram outra fonte do produto, encontrando-a, sabe onde? Bem aqui, na beleza alva do seridó cearense, que também passou a exportar, com mais intensidade, café, açúcar e couro. Fortaleza oferecia

vantagens, como a sua posição geográfica, as melhorias de seu porto, o fluxo da ferrovia Fortaleza-Baturité e a sua condição de sede político-administrativa da província, garantindo ser o maior entreposto comercial do estado. O grande passo econômico promoveu o desenvolvimento da capital cearense, iniciando um ciclo de prosperidade que iria lá perdendo a sua graça pelos anos de 1930.

Em 1862, a cidade concederia a José Paulino Hoonholtz a permissão de canalização da água de seu sítio no Benfica para quatro chafarizes distribuídos nas praças do Centro: (1) da Municipalidade (do Ferreira), (2) do Garrote (Parque da Liberdade), (3) da Carolina (atual Waldemar Falcão) e (4) do Patrocínio (José de Alencar). Hoonholtz firmou acordo com a inglesa *Ceará Water Company Limited*, mas, somente em 1867, ela conseguiria concluir as obras de adução e reserva das águas do Benfica, e colocar os chafarizes nos locais esperados. Entretanto, com a seca de 1877, a Companhia, que havia adquirido o sítio e todas as suas benfeitorias, se viu sem água para oferecer. Com os chafarizes secos, a tentativa de abastecimento foi por água abaixo, só que, no caso, sem água nenhuma.

Em 8 de janeiro de 1863, surgiu, no entorno da praça do Ferreira, o colégio Atheneu Cearense, primeiro estabelecimento de ensino primário e secundário do Ceará. Foi transferido para vários endereços, dentre os quais, rua

Senador Pompeu, Barão do Rio Branco, Sena Madureira e, novamente, na Barão do Rio Branco.

O gordo naturalista Louis Agassiz, em expedição científica, em 1865, juntamente com sua esposa Elizabeth, deu uma volta pela Fortaleza e registrou o seu “amor”:

Amo suas ruas largas. Asseadas, bem calçadas, resplandcentes de toda sorte de cores, porque as casas que as bordam são pintadas de tons os mais variados. Nos domingos e dias santificados, todas as janelas são guarnecidas de moças, que trajam alegres toaletes, e grupos de rapazes enchem os passeios, conversam e fumam. O Ceará não tem esse ar triste, sombrio, que apresentam muitas cidades brasileiras; sentem-se ali o movimento, vida e prosperidade. [...] Em frente corre a larga praia de areias brancas, o murmúrio do mar batendo nos arrecifes chega a ouvir-se até no centro da cidade.”  
(AGASSIZ, Louis. *A journey in Brazil*, 1868)

O prédio do colégio da Imaculada Conceição foi construído em 1855 e tinha como objetivo inicial servir de hospital aos moradores do Outeiro, em caso de cólera. Em 10 de março de 1857, sediou o Colégio de Educandos de Fortaleza, com apenas 10 alunos. Depois passaria a ser o Colégio das Orfãs, cuja primeira fora recebida na instituição em 25 de julho de 1865. Logo, em 15 de agosto de

1865, seria instalado o Colégio da Imaculada Conceição, e entre as suas primeiras alunas estava Maria do Carmo Cabral, a futura esposa de Juvenal Galeno que, naquele ano, publicava, pela tipografia de João Evangelista, a primeira edição de *Lendas e Canções Populares*, obra-prima do autor, considerado por Antônio Sales, um dos primeiros poetas abolicionistas do Brasil.

Sei que mal recebido serei nos salões aristocratas entre os críticos que, estudando no livro do estrangeiro o nossopovo, desconhecem-no a tal ponto de escreverem que o Brasil nãotem poesia popular! (...) Desprezado nos salões, encontrarei bomgasalhado na oficina, na choça, no seio do povo; o operário entoará notrabalho estas canções, as crianças repeti-las-ão no lar, e o veteranorecrutado, o escravo, o oprimido... derramarão muitas lágrimas aoescutá-las. E, assim, cumprirei a minha missão. (GALENO, Juvenal. *Lendas e Canções Populares*, 1865)

E vocês sabiam que apenas a partir de março de 1865 as casas de Fortaleza passariam a ter numeração? Então, antes disso, todas as indicações partiam de referências que poderiam ser as mais diversas, como a cor da casa, a presença de uma árvore, de um lago, de um objeto, da proximidade da casa de alguém famoso ou com ofício e profissão conhecidos, dentre outras formas de reconhecimento.

\* \* \*

A Associação Comercial do Ceará foi criada em 13 de abril de 1866. No início, reunia, principalmente, os comerciantes estrangeiros: ingleses e franceses. Seu primeiro presidente era o alemão Henrique Kalkmann, tendo reconhecimento pelo governo imperial em 28 de dezembro de 1867. Em 1868, um decreto do imperador mudaria seu nome para Associação Comercial da Praça do Ceará. Entretanto, em 17 de outubro de 1897, na sede da Fênix Caixeiral, com a presença de inúmeros comerciantes e industriais de Fortaleza, aconteceria uma reestruturação da entidade, voltando a ser nomeada Associação Comercial do Ceará. Dentre seus primeiros diretores: Alfredo Salgado, Tomás Pompeu, Guilherme Rocha, João de Pontes Medeiros e Eduardo Studart. Outros nomes passaram por ela, dentre os quais: Conrado Cabral, José Gentil, Ildefonso Albano e Fiuza Pequeno.

Em 1908, foi inaugurado o prédio, em dois pavimentos, conhecido como Palacete Guarani, na rua Barão do Rio Branco com a Senador Alencar. Era onde funcionava a Associação Comercial, nos altos, enquanto no térreo funcionava, a partir de 1910, o *London Bank*. O presidente da associação, na época, o barão de Camocim, trouxe a planta de Paris e a partir dela realizou a construção. No prédio também funcionou o Clube dos Diários e, mais tarde, a famosa



boate Guarani. Um dos elementos marcantes do prédio era o seu telhado de ardósia, que não mais existe, ao contrário de seus elementos decorativos de fachada que ainda persistem, com descaracterização, e sem nenhuma intenção de conservação. No pavimento superior também é possível encontrar colunas com capitéis coríntios, enquanto no térreo, jônicos.

Entretanto, o prédio no qual a Associação Comercial firmaria a sua sede própria, era aquele que pertenceu ao antigo Hotel de France, construído em 1890, em frente ao Passeio Público. Em 1925, seria reformado, acrescentado um pavimento superior e, em 1927, seria inaugurado o Palace Hotel, que lá funcionaria até 1971. Em 1973, a Associação Comercial adquiriu a belíssima edificação.

Em 2012, o novo presidente da Associação, João Porto Guimarães, anunciava a reforma de suas instalações elétricas e hidráulicas, e a instalação de um bistrô nos moldes da década de 1930, como atração para turistas.

\* \* \*

Em 21 de abril de 1866, a Tesouraria da Fazenda comprou a grande edificação existente na rua São José, construída na primeira metade do século XIX. Em outubro de 1892 ela seria doada à Igreja para instalação do Bispado

em Fortaleza. No início do século XX, o então Palácio do Bispo sofreu alteração de seu telhado de beira-e-bica, recebendo uma platibanda com frontão semicircular, devido ao *Código de Posturas* da cidade que passava a proibir o lançamento das águas da chuva na calçada. Em 1931, as alterações na fachada do prédio, realizadas por José Barros Maia, foram profundas. Em 1973, o prédio seria adquirido pela Prefeitura, assumindo o papel de Paço Municipal, o que permaneceu até 1991, quando o prefeito Juraci Magalhães o retirou dali. O bosque Dom Delgado – curiosamente em homenagem ao bispo que vendeu o Palácio –, anexo, onde podemos vislumbrar um belo trecho do riacho Pajeú, foi projetado por Burle Max, em 1989. Desde janeiro de 2010, o Palácio voltaria a abrigar o Paço Municipal.

\* \* \*

Na gestão de João de Sousa Melo de Oliveira, em 25 de março de 1867, foi inaugurada a Biblioteca Pública Provincial, em endereço do entorno da praça Marquês do Herval, esquina da rua Liberato Barroso com General Sampaio.

No mesmo ano, em 21 de novembro, seriam concluídas as obras da Cadeia Pública – iniciadas em 1851 –, localizada na rua Dr. João Moreira, antiga rua da Misericórdia, ao lado da Estação Central de Trem. Desde 1971,

ali seria sediada a Empresa Cearense de Turismo (Emcetur). Em 5 de outubro de 1974 seria inaugurado o Teatro da Emcetur, com a denominação de “Carlos Câmara”. Também em 1974, na mesma Emcetur, aconteceria a Feira do Livro do Autor Cearense. O Teatro Carlos Câmara, fechado desde 1995, seria reinaugurado em 5 de setembro de 2012 – agora com 368 lugares –, pelo governo estadual, em anúncio de certa “Virada Cultural”. Até o fechamento deste livro, não havíamos chegado nem perto da “curva”.

\* \* \*

Na segunda metade do século XIX, Fortaleza assistiu à construção, na rua da Palma, de um sobrado de três andares, o primeiro do gênero na cidade. Era a residência e consultório do médico dr. José Lourenço de Castro Silva, que depois serviria de marcenaria, órgão do governo e, por fim, como outras edificações do Centro “malamado”, de bordel. Estava quase ruindo, quando em 2006 foi restaurado, num bonito trabalho que contou com a Escola de Artes e Ofícios (Thomaz Pompeu Sobrinho) do Estado do Ceará, sendo inaugurado em 31 de julho de 2007. O neoclássico Sobrado Dr. José Lourenço tornou-se um centro cultural de artes visuais, abrigando salas de exposição gratuita, auditório (cinelube, palestras, cursos) e café. Sua exposição inaugural, sob curadoria de Dodora Guimarães, foi “O Cariri Aqui!”

\* \* \*

Na rua Formosa, antigo nº 50, em 19 de abril de 1867, foi criado o Clube Cearense. Entretanto, o Clube iniciou as suas atividades no dia 7 de setembro, num sobrado da rua Senador Pompeu. Depois, funcionou no prédio da Associação Comercial, em frente ao Passeio Público, transferindo-se para o prédio da antiga Companhia Elétrica, também com esquina no Passeio. Era formado pela elite da sociedade, os “aristocratas”, dentre eles os políticos e comerciantes locais e estrangeiros, não permitindo ingresso de outros que não fossem do “meio”. Nas festas do Clube, dançava-se a valsa-viana (warso-viana), minuetos, quadrilhas, lanceiros, solo inglês (uma espécie de sapateado) e as danças a dois (valsas e polcas, também denominadas de “figuradas”). Enquanto isso, nos arredores da cidade, nas “areias”, a “arraia miúda” se esbaldava em suas festas, denominadas de “chinfrins”, movidas à aguardente.

\* \* \*

Em 5 de janeiro de 1870, funcionou, na rua Formosa, o colégio Phartenon Cearense. Mais tarde ele seria transferido para a o entorno da praça do Patrocínio.

Naquele ano, com o fim da Guerra do Paraguai, aos 30 dias de abril, desembarcaram em Fortaleza as tropas cearenses do 26º Batalhão de Voluntários da Pátria. Foi uma festa...

A Fênix Estudantal, fundada em 17 de julho desse ano, é “a primeira associação literária propriamente dita que o Ceará possuiu”, conforme Dolor Barreira. Dentre seus fundadores: Rocha Lima (15 anos), Castro e Silva, Fausto Domingues da Silva (19 anos) e João Lopes (16 anos). Os *nerds* de tempos analógicos.

Por iniciativa do jornalista João Brígido, também em 1870, em 25 de julho, Tomás Pompeu de Souza Brasil, Joaquim da Cunha Freire, Gonçalo Batista Vieira, José Pompeu de Albuquerque e o inglês Henry Blockhurst contrataram a construção da Estrada de Ferro de Baturité, que transformou Fortaleza na grande escoadora da produção do interior, principalmente de seu algodão.

A Estação Central da Estrada de Ferro Baturité, localizada no antigo Campo da Amélia, atual praça da Estação, foi inaugurada em 29 de novembro de 1873. Quando Tomás Pompeu faleceu, oito anos depois, a estrada de ferro passaria às mãos do governo Imperial. O chalé da diretoria e as oficinas da Estrada de Ferro seriam inauguradas em 9 de junho de 1880, no terreno onde se

localizava antes o primeiro cemitério da cidade. Apitava e corria pelos trilhos da larga rua do Trilho (atual Tristão Gonçalves), a primeira locomotiva, a embandeirada “Fortaleza”, assistida e entusiasticamente aplaudida pela multidão em sua chegada. Em 1910, tomada em arrendamento à companhia estrangeira, passaria a ser denominada Rede Viação Cearense (RVC) – que Quintino Cunha chamava de “**R**apariga, **V**elha e **C**ansada” –, voltando em 1915 à responsabilidade da União.

\* \* \*

*Cenas Populares*, o primeiro livro de contos do Ceará, escrito por Juvenal Galeno, é lançado em 1871 em sua tipografia particular, a do Comércio, na praça do Ferreira, sendo, provavelmente o primeiro autor no Ceará a publicar as suas próprias obras, o que faria futuramente o Barão de Studart. Na sua Tipografia do Comércio, Galeno imprimiria as suas *Canções da Escola*, obra destinada ao público infantil, sendo assim também ele pioneiro em publicação (e em versos) para crianças no Ceará. A obra foi adotada pelo Conselho de Instrução Pública do Estado, sendo adotada em escolas primárias. Em 1872, também pela Tipografia do Comércio, Galeno lançaria o *Lira Cearense*, periódico onde publicaria a nova versão de sua *A Porangaba* e as *Novas Lendas e Canções Populares*.

Venderia a sua tipografia, ainda em 1872, para o Clube Democrático Cearense.

A utilidade da canção na escola [...] além de desenfadar o menino, alegrando-lhe o espírito, e de predispor-lo, portanto, para continuar o trabalho, ensina-lhes úteis preceitos [...] acabando por uma vez com a palmatória, esse brutal recurso da inépcia do magistério. (GALENO, Juvenal. “Ao Leitor”. *Canções da Escola*, 1872)

Em 1873 é fundada a Academia Francesa. Dentre os acadêmicos: Capistrano de Abreu, Rocha Lima, Araripe Júnior, João Lopes, Tomás Pompeu, entre outros. O jornal *Fraternidade*, embora não fosse o órgão de divulgação da Academia, era por ela usada como tal, por seus redatores, ou parte deles, integrarem a equipe do periódico. Em 1875 a Academia findaria, pela morte de alguns de seus membros (como Rocha Lima, um dos mais ativos e admirados do grupo, e Xilderico de Faria), pela partida para o Rio de Janeiro de outros (Capistrano de Abreu e Araripe Júnior) ou mesmo por motivos profissionais e familiares diversos.

Em 2 de dezembro de 1875, na rua Formosa, no segundo andar do sobrado de nº 92, teve início o Gabinete Cearense de Leitura. Conforme o jornal *A Constituição*, de 5 de dezembro daquele ano, o evento inaugural começou

às 19h e findou às 22, com a participação de “um grande número de cavalheiros e senhoras das principais famílias desta capital [...]” Dentre os oradores, Gonçalo Souto. Seus fundadores: Antônio Domingues da Silva, João da Rocha Moreira, Vicente Linhares Filho, Fausto Domingues da Silva. Joaquim Álvaro Garcia, dentre outros. Durou o Gabinete até 5 de julho de 1886, quando, ao findar as suas atividades, efetivou doação de todo o seu acervo bibliográfico à Biblioteca Pública do Ceará, solicitando em troca que a instituição mantivesse uma sala em que perpetuasse o seu nome às futuras gerações. Infelizmente, o pacto foi quebrado, o acervo, provavelmente, diluído, e atualmente não há a menor referência ao Gabinete em parte alguma de nossa imensa e desamparada Biblioteca, o equipamento cultural mais antigo da cidade, como antigo também é o descaso com que vem sendo continuamente tratada.

\* \* \*

Em 1875, um novo plano urbanístico, a *Planta Topográfica da Cidade de Fortaleza e Subúrbios*, com influência das reformas feitas pelo barão de Haussmann, em Paris, é elaborado por Adolfo Herbster, engenheiro contratado da província do Ceará e da Câmara Municipal de Fortaleza. Esse plano que, embora não diferisse muito do traçado xadrez de Paulet, estabelecia e ampliava o



perímetro urbano para além de seus limites originais, criando três bulevares: D. Pedro II, (av. do Imperador), do Livramento (av. Duque de Caxias) e o da Conceição (av. D. Manuel). Com esse plano, disciplinava o crescimento e expansão da cidade, corrigia becos, arruamentos, desalinhos de ruas e vias, além de facilitar a mobilidade urbana.

\* \* \*

Em março de 1876, pelas mãos da Sociedade Dramática, de Antônio Joaquim de Siqueira Braga, surgiu o Theatro São José, na rua Senador Pompeu, trecho entre a rua Liberato Barroso e Guilherme Rocha, sobrevivendo por lá até o ano de 1884.

Em 21 de janeiro de 1877, seria inaugurado o Teatro de Variedades, ao ar livre, esquina da Barão do Rio Branco com a Dr. João Moreira. Seus proprietários solicitavam que a plateia trouxesse de suas casas os assentos. Em 1880, o espaço passou a se chamar Teatro São Luís, funcionando até 1896 e contando com a participação de várias companhias do exterior do país.

Em 1877, teria início um dos maiores e mais violentos ciclos de secas no Ceará. Em Fortaleza, mais de 100

mil sertanejos migraram em busca de socorro, ampliando e revelando as desigualdades, incomodando os setores dominantes e a elite deslumbrada. O governo tentava resolver o problema construindo abarracamentos, os famosos “currais”, ampliando o quadro policial e a vigília, mas o calor, a ausência de alimentação e de condições mínimas de higiene faziam com que alguns mais revoltados escapassem do cerco e fossem às ruas, aumentando a mendicância, a vadiagem, a prostituição e os saques.

Em 10 de dezembro de 1878, foram enterrados na cidade 1.004 mortos, a maioria deles vitimada pela varíola. Este dia passou a ser conhecido como “o dia dos mil mortos” que, para mim, seria data ideal a ser outorgada para celebração do Dia da Saúde Pública no estado do Ceará ou no município de Fortaleza. Quem sabe?

Rodolfo Teófilo, farmacêutico, empreendeu uma campanha de vacinação contra a varíola que se alastrava na cidade. Criou um vacinogênio e usava de recursos próprios para a produção da vacina e de sua distribuição nos “areais”, pois, curiosamente, não tinha apoio do governo. Ao contrário, quanto mais se dedicava e denunciava a situação, mais o Poder Público o perseguia, tirando-lhe, em represália, o emprego do Liceu, além de promover difamações em jornais e outras covardes provocações que nunca intimidaram o “homem que não ria”.

\* \* \*

Em 25 de setembro de 1878, iniciou-se a construção da igreja do Sagrado Coração de Jesus, localizada na praça anteriormente denominada de praça da Boa Vista. A construção da igreja, em estilo neoclássico, e com tijolos de tabatinga modelados à mão, a pedido de d. Luís Antônio dos Santos, deveu-se a José Francisco da Silva Albano, o barão de Aratanha, e à sua esposa Liberalina Angélica da Silva Albano – eles, avós do poeta José Albano; ela, irmã de Juvenal Galeno. Por isso, durante muitos anos o templo era chamado pelo povo de “igreja dos Albano”.

Devido ao período de seca e do conseqüente êxodo, a mão de obra de retirantes era barata e farta. Mesmo assim, a obra só foi concluída em 25 de março de 1886.

Em 1881, aquela praça, mudou de nome, em homenagem ao Dr. José Júlio, barão de Sobral, presidente da província, o que não durou muito tempo, pois após a inauguração da igreja, então, sob a responsabilidade de Antônio Xisto Albano, filho do Barão de Aratanha e futuro bispo do Maranhão (1901), a praça passaria a ser chamada de Coração de Jesus.

Em outubro de 1890, por iniciativa do Conselho da Intendência Municipal, seria denominada praça da

Liberdade. Entretanto, em abril de 1891, o novo Conselho decidiu pela denominação anterior, Dr. José Júlio. Desde 1960, por costumeiro uso popular, uma lei garantiu a denominação oficial de praça do Coração de Jesus.

No dia 15 de março de 1957, sexta-feira, às 13h20, a torre em agulha da igreja, simplesmente, ruiu, tornando-se assunto de destaque na cidade. A igreja, como hoje conhecemos, foi inaugurada em 26 de novembro de 1961.

\* \* \*

Em 28 de setembro de 1879, fundou-se em Fortaleza o grêmio abolicionista “Perseverança e Porvir”. As reuniões, dirigidas por José do Amaral, aconteciam na “Rocha Negra”, na rua Formosa, nº 151. Dentre seus integrantes: Teodorico de Castro, Alfredo Salgado, Manuel Albano Filho, Antônio Dias Martins Júnior. Em 8 de dezembro de 1880, a sociedade se reorganizaria, passando a se chamar “Sociedade Cearense Libertadora”, cuja presidência coube a João Cordeiro. Para divulgar as suas ideias, a sociedade fundou, em 1881, o jornal *O Libertador*. Neste ano, em 27 de janeiro, os jangadeiros já haviam aderido ao movimento, fechando o Porto de Fortaleza para o embarque de escravos. O negro forro José Luiz Napoleão bradaria: “No Ceará não se embarcam mais escravos!” Destacou-se nesse

movimento, o jangadeiro Francisco José do Nascimento, conhecido como Chico da Matilde, ou melhor, “Dragão do Mar”. Em 1º de janeiro de 1883, com a presença de José do Patrocínio, o município do Acarape libertaria seus escravos, exemplo que seria seguido por Fortaleza, em 24 de maio daquele ano, e, depois, em todo o Ceará, em 25 de março de 1884, por meio de seu presidente Sátiro de Oliveira Dias, momento de muita comemoração na cidade, nas salvas de canhões da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, dos sinos das igrejas e da festa realizada nos salões da Assembleia Provincial.

\* \* \*

Considerado o mais rico solar em sua época, tendo inclusive um elevador, o casarão do Barão de Camocim foi construído em 1880, na rua General Sampaio, em frente à atual praça Clóvis Beviláqua. O palacete foi desapropriado pela Prefeitura em dezembro de 2005, integrando a Vila do Barão de Camocim. Em 19 de setembro de 2008, passou a abrigar as Escolas Públicas de Audiovisual e Dança e o Núcleo de Produção Digital. A Vila das Artes, equipamento voltado à formação, experimentação, produção, difusão e reflexão nas diversas linguagens artísticas (cinema, fotografia, vídeo, dança cênica, mídias digitais e artes visuais) é vinculada à Secretaria da Cultura

de Fortaleza e traz um auditório, videoteca, biblioteca, sala de leitura, ateliê, ilha digital, salas de aula para os cursos de formação e outros espaços internos e ao ar livre usados para ações de cunho cultural.

\* \* \*

Em 25 de abril de 1880, iniciou-se o funcionamento da Companhia Ferro Carril do Ceará, de bondes de tração animal, da propriedade de Tomé Mota. Era composta de 25 bondes, cada um deles com cinco bancos com capacidade de 25 passageiros. Um boleeiro e um condutor dirigiam o bonde. Tinham como ponto de partida a praça do Ferreira. Começavam às 6h e encerravam as atividades às 21h. A praça Pedro II, antiga Feira Nova, era ponto de estacionamento de bondes.

Na rua onde passa o bonde/Moça não pode engordar/  
Não trabalha, não estuda, não descansa...  
é um penar./ Se o bonde passa, está na janela:/  
Se o bonde volta,/ Ainda está ela.../ Namora a todos,/  
É um horror; / Aos passageiros/ E ao condutor./  
Todas elas, sem exceção,/ Têm as mangas dos casacos/  
De viverem nas janelas/ Todas cheias de buracos. (COTOCO, Ramos. “O bonde e as moças”. *Cantares Boêmios*, 1906)

\* \* \*

Naquele tempo, ainda era possível encontrar famílias que saíam à noite, depois das 21h, para “tirar os Reis”. Eram grupos de rapazes e moças que se colocavam diante das casas de amigos – até 1855, pelo menos, nenhuma rua tinha calçada –, portando instrumentos musicais, como violões, flautas, cavaquinhos e/ou rabecas para “pedir coisas”. Os moradores abriam as portas e os serviam com garapas, sequilhos, bolos e coisa do tipo, o que estivesse mais fácil.

\* \* \*

Em 5 de julho de 1881, inaugurar-se-ia, então, em Fortaleza, um Passeio Público, em três planos/avenidas, com larga vista para o mar. Área ajardinada, arborizada, embelezada por réplicas de esculturas clássicas, jarrões, lago artificial, coreto e rинque de patinação. Seus planos foram divididos e utilizados, posteriormente, conforme as classes sociais frequentadoras: avenida Caio Prado para a elite; avenida Carapinima para a classe média e a avenida Mororó, a “rampa”, para os operários e prostitutas, local onde se encontravam também animais como emas e veados.

Entregou-a ela mesma, no Passeio Público, numa quinta-feira, à noite, uma belíssima noite de luar.

A avenida Caio Prado tinha o aspecto fantástico de um terraço oriental onde passeavam princesas e odaliscas sob um céu de prata polida, com suas filas de combustores azuis, encarnados e verdes, com as suas esfinges... Senhoras de braço dado, em toaletes garridas, iam e vinham ao macadame, arrastando os pés, ao compasso da música, conversando alto, entrechocando-se, numa promiscuidade interessante de cores, que tinham reflexos vivos ao luar: de um lado e de outro da avenida duas alas de cadeiras ocupadas por gente de ambos os sexos, na maior parte curiosos que assistiam tranquilamente o vaivém contínuo dos passeantes. (CAMINHA, Adolfo. *A Normalista*)

Desde 1850, como largo de Fortaleza, largo do Paiol ou campo da Pólvora, a área já era bastante utilizada pelos moradores para passeios e contemplação do mar. Assim, desde 1864 o processo de construção do Passeio Público teve seu início. Em 1879, o português Tito Antônio da Rocha tomou a iniciativa: construiu o coreto e conseguiu trazer a banda do 15º Batalhão para tocar aos domingos, abriu um ringue de patinação, criava e premiava competições, construiu uma avenida cimentada (havia muita areia), ergueu uma caixa-d'água e fez outros melhoramentos, como ligar, por escada, o primeiro ao segundo plano do Passeio. Em 1887, seria ali onde aconteceria a primeira quermesse do Ceará, com o objetivo de construir



uma estátua do general Tibúrcio, a primeira de Fortaleza. O imenso baobá, árvore africana que ainda lá encontramos, foi contribuição do senador Pompeu, nos primeiros anos do século XX.

Hoje, dos três planos, resta apenas um, os demais eram mais baixos, sendo o segundo, atualmente, área do quartel, local onde em 25 de dezembro de 1904 aconteceria a primeira partida de futebol da cidade: cearenses versus ingleses (alguns residentes e outros em passagem de navios de comércio).

Toda uma geração nascente, ávida de emoções, cansada de uma vida sedentária e monótona, ia espalhar no Passeio Público aos domingos e quintas-feiras, gratuitamente, sem ter que pagar dez tostões por uma entrada, como no teatro e no circo. [...] Apenas quem não tivesse três vinténs estava proibido de sentar-se, porque, nesses dias, as cadeiras eram alugadas...” (CAMINHA, Adolfo. *A Normalista*)

A Estação Telegráfica de Fortaleza, fundada em 2 de fevereiro de 1881, foi um dos marcos do avanço e desenvolvimento da capital, e, em 1882, com projeto de Henrique Floglare e a coordenação de Henrique Theberge, foi inaugurado o prédio que, a partir de 1884, abrigaria a Escola Normal Pedro II, local que serviu de cenário para o

romance *A Normalista*, na esquina da atual praça José de Alencar, na rua Liberato Barroso. De 1955 a 1987 abrigou a Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade Federal do Ceará, acolhendo depois, até os dias atuais, a sede do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), seção Ceará.

Havia meses que Maria do Carmo cursava a Escola Normal. Sua vida traduzia-se em ler romances que pedia emprestados a Lídia, toda preocupada com bailes, passeios, modas e tutti quanti... Ia à Escola todosos dias vestidinha com simplicidade, muito limpa, mangas curtas evidenciando o meio-braço moreno e roliço, em cabelo, o guarda-sol de seda na mão, por ali afora toque, toque, toque até à praça do Patrocínio, como uma grande senhora independente. [...]O edifício da Escola Normal, a um canto do quadrilátero, pintadinho de fresco, cinzento, com as janelas abertas à claridade forte do dia, tinha o aspecto alegre duma casa de noivos acabada de cair-se. (CAMINHA, Adolfo. *A Normalista*)

O Hotel do Norte, localizado, em 1882, na esquina do Passeio Público, foi construído no final do século XIX, em dois pavimentos, e sediou a Sociedade União Cearense. Apresenta uma escadaria em ferro fundido vindo da Europa. De 1895 a 1935 o prédio serviu de sede

aos Correios, sendo adquirido então pela *Ceará Tramway Light. Co.* Em 1948, funcionou ali a sede do Serviço de Luz e Força (Serviluz); depois, Companhia Nordeste de Eletrificação (Conefor) e, mais tarde, a Companhia Elétrica do Ceará (Coelce). Em 1995, o prédio foi tombado pelo estado e passou por um demorado, mas bellissimo trabalho de restauração. Houve a promessa de acolhimento de um museu (o Memorial da Indústria), o Instituto de Arquitetos do Brasil e a Orquestra Filarmônica, mas até então...

\* \* \*

Em 1883, com os bons negócios da produção e exportação algodoeira, surgiu a primeira fábrica de tecidos na cidade, sendo os seus proprietários: Antônio Pompeu de Souza Brasil e Tomás Pompeu de Sousa Brasil. Mais tarde, unir-se-ia a eles Nogueira Acioli. Depois outras fábricas, de outros gêneros, surgiriam na cidade, dentre elas, as de sabão, cigarros, bebidas (cerveja, vinho de caju), calçados, fundições de ferro, refino de açúcar etc.

Em 4 de janeiro de 1883 seria fundado o *Centro Abolicionista 25 de Dezembro*, em sessão inicial, libertando 54 escravos. Mesmo ano em que é publicado *Três Liras*, com poemas dos chamados “poetas da abolição”: Antônio Bezerra, Justiniano de Serpa e Antônio Martins.

\* \* \*

Tinha que ser em um domingo, 11 de fevereiro de 1883, na *Casa Confúcio*, de Confúcio Pamplona, na rua Major Facundo, 59, a primeira vez que alguém em Fortaleza pôde conversar ao telefone. Obviamente, os fortalezenses estavam lá, brechando pelas venezianas, querendo ver esse “milagre” de perto, ouvir a voz pelo fio e a campainha daquele aparelho pregado à parede. O centro telefônico se localizava na praça do Ferreira e, até 1891, já contava com 120 aparelhos na capital. Confúcio também foi o primeiro fortalezense a ostentar uma sacada de ferro na fachada de sua residência.

\* \* \*

Em 28 de junho de 1884, surgia a sociedade recreativa Clube Iracema, pelas mãos de Joaquim Costa Souza, Papi Júnior, Pery (o cronista Antônio Martins Júnior, diretor do *Libertador*), Francisco Perdigão de Oliveira, Francisco Teófilo Gaspar de Oliveira, João Guilherme da Silva, dentre outros, se contrapondo ao “fechado” e aristocrático Clube Cearense, sediando em sua história os primórdios dos movimentos de libertação de escravizados e os republicanos, além de nele terem passado o Instituto Histórico do Ceará, o Gabinete de Leitura, a Academia de Letras, o “Perseverança

e Porvir”, dentre outros movimentos literários e renovadores. Seu baile inaugural se deu em 19 de julho. Passou por várias sedes – um sobrado na esquina da rua Senador Pompeu com Guilherme Rocha, depois na rua Formosa e nos altos do Palacete Ceará – até instalar-se no Palacete Iracema, em três pavimentos, construído pelo engenheiro Alberto Sá, com projeto de Emílio Hinko, e inaugurado em 17 de outubro de 1937, na praça dos Voluntários. Desde 1947, o prédio pertence à Prefeitura de Fortaleza, sediando, atualmente, a sua Secretaria de Finanças.

Em 2013, quando em processo de restauração, foram derrubadas divisórias de gesso e de PVC, revelando as colunas de mármore, as arandelas, ornamentos luxuosos, o lustre em art-déco e outros elementos originais do seu salão nobre, testemunhas de saraus, bailes e momentos festivos da sociedade fortalezense. Os jornais propagaram com curioso assombro e espalhafato de novidade aquilo que todos nós já sabemos de tempos: se cutucarmos nas paredes dos prédios do Centro, preferencialmente aqueles mais esquecidos, todos os dias vamos descobrir “reliquias”. É só querer. Comemorar isso como novidade é até ingenuidade ou hipocrisia!

\* \* \*

Com objetivo de “promover e ativar o progresso intelectual de seus associados, só podendo, por isso, enfileirar-se nele os homens realmente de letras”, foi fundado, em 15 de novembro de 1886, o Clube Literário. Dentre seus fundadores, o mais entusiasmado, João Lopes, seguido, em primeiro momento, por Antônio Bezerra, Oliveira Paiva, José Olímpio, Abel Garcia e José de Barcelos. Mais tarde, aderiram ao Clube: Francisca Clotilde, Juvenal Galeno, Justiniano de Serpa, Farias Brito, Rodolfo Teófilo, Augusto Xavier de Castro. A sociedade teria um órgão de imprensa, *A Quinzena*, que seria impresso nas oficinas do jornal *Libertador*, e cujo primeiro número, de oito páginas, é de 15 de janeiro de 1887, e traz a produção de Juvenal Galeno, Paulino Nogueira, Virgílio Brandão, J. de Serpa e “Gil Bert” (pseudônimo de Oliveira Paiva). As reuniões do Clube aconteciam na rua Senador Pompeu, e, posteriormente, na rua Major Facundo, sede da redação de *A Quinzena*. Segundo o Barão de Studart, o Clube Literário foi “o renascimento literário do Ceará<sup>11</sup>”. O seu último número é de 10 de junho de 1888, ou seja, teve, ao todo, 30 números.

Em 1886, o poeta Juvenal Galeno, que morava com sua esposa em Pacatuba, passou a residir em Fortaleza numa casa na rua General Sampaio, próxima ao Theatro José de Alencar, existente até hoje. Em 27 de setembro de

---

11 STUDART, Guilherme. *Dicionário biobibliográfico cearense*, vol. III. Fortaleza: Secult, 2012.

1919, quando Juvenal se encontrava cego, sem condições de participar de eventos literários na cidade, Henriqueta Galeno, sua filha, decidiu abrir as portas do imóvel à sociedade, convidando personalidades para palestras, saraus, apresentações musicais, dentre outras atividades. Depois, não apenas os artistas e intelectuais cearenses, mas todos que passavam pelo Ceará tinham que conhecer o maior centro cultural do estado, o Salão Juvenal Galeno.

Foi lá, por exemplo, que ocorreu, em 1930, o lançamento de *O Quinze*, da recém-publicada Rachel de Queiroz, amplamente divulgado pelo O POVO, enquanto muitos contrerrâneos ainda a criticavam ou desconfiavam da autoria da obra – Rachel seria jovem demais para escrevê-lo, diziam. Em 2005, pelas mãos de Murilo Toledo, a estátua de Rachel de Queiroz, em bronze, seria inaugurada na praça dos Leões, em frente à igreja do Rosário e à Academia Cearense de Letras.

Pois bem, depois da morte de Galeno, em 1931, Henriqueta continuaria seu projeto, e, em 1936, o local passaria a se chamar Casa de Juvenal Galeno. Em 1958, ela, que já abrigava dezenas de curiosidades de interesse de pesquisadores, criou também a sua biblioteca, ampliada pelo acervo doado por Mozart Monteiro e por César Coelho. Somente de autores cearenses, o acervo conta com cerca de 1.200 obras. Atualmente, a Casa é uma instituição oficial

de cultura, de reconhecida utilidade pública e vinculada à Secretaria da Cultura Estadual. Após a passagem de Henriqueta, outros familiares assumiriam a sua direção: Cândida (Nenzinha), Alberto, Amílcar e, nos dias atuais, o incansável bisneto do poeta, Antônio Galeno.

Quem passa na cidade de Fortaleza, capital do Ceará, minha terra natal, pela rua general Sampaio, logo adiante da antiga praça Marquês do Herval, rumo ao Benfica, nota ao lado direito uma de cinco portas, como lá se diz, ou de duas moradas, como se dizia outrora, em cuja platibanda de alvenaria se ostenta uma grande lira simbólica. Há mais de meio século conheço essa casa e essa lira. Menino, ao passar para o colégio, que ficava próximo, parava para admirar as suas cordas douradas brilhando ao sol. (BARROSO, Gustavo. “A Casa de Juvenal Galeno”. *A Manhã*, RJ, 1946)

Em 4 de março de 1887, em um dos salões da Biblioteca Pública, surgiu o Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, ou simplesmente Instituto do Ceará. Dentre seus 12 fundadores, citamos: Guilherme Studart, Paulino Nogueira (seu primeiro presidente), Juvenal Galeno, Joaquim (“Joakim”, como grafado na *Revisita*) Catunda, Antônio Bezerra, José Sombra, João Batista Perdigão de Oliveira e Virgílio Brígido. Em seu primeiro número, a *Revista do Instituto do Ceará*, “trimensal”, traz



seus estatutos, datados de 24 de março de 1887, que afirma: “cada um dos sócios efetivos pagará uma joia de dez mil réis e a mensalidade de dois mil réis. Os sócios correspondentes pagarão igualmente a joia de dez mil réis”. A *Revista* foi impressa pela Tipografia do Cearense, no mesmo ano de sua fundação, sendo considerada a mais antiga publicação do Ceará.

A princípio, o Instituto funcionou em vários endereços, sem firmar sede. Em 1887 solicitou ao governo a cessão do prédio onde funcionou o teatrinho Concórdia, o que não aconteceu, sendo permitido o uso de parte do espaço da Biblioteca Provincial. A partir de 1896, passaria a ter sede no térreo do Palacete da Assembleia Legislativa, alugando posteriormente um prédio na rua Floriano Peixoto. Durante certo período, as sessões aconteceram na residência do barão de Studart, na rua Barão do Rio Branco, sendo depois transferidas para uma edificação, não mais existente, que sediava o Museu Histórico e o Arquivo Público, nos arredores da Sé, depois no Paço da Assembleia Legislativa e, finalmente, hoje tem a sua sede no Palacete de Jeremias Arruda, edificação de 1919, na rua Barão do Rio Branco, em frente à praça da igreja de Nossa Senhora do Carmo.

Em 1907, o Instituto adotou sua logomarca, uma indicação de Tomaz Pompeu de Souza Brasil.

Em 1929, aconteceu a primeira reforma de seus estatutos. Outra reforma, em 20 de setembro de 1931, alteraria o número de sócios efetivos para 18, aceitando 200 sócios correspondentes e um número indeterminado de sócios honorários e beneméritos.

Em novembro de 2007 foi inaugurado o Memorial do Barão de Studart, ideal do ex-presidente Eduardo Campos. Além do acervo da biblioteca, livraria e hemeroteca, o Instituto guarda mais de cinco mil cartas de Capistrano de Abreu e outras preciosidades históricas (mobília, fotografias, telas, mapas e documentos). Indispensável fonte de pesquisas para quem quer, de verdade, trazer à luz, o ossário da história cearense.

\* \* \*

Em 1888, seria erigida a primeira estátua de Fortaleza: a do general Antônio Tibúrcio Ferreira de Sousa, natural de Viçosa e considerado herói da Guerra do Paraguai, localizada na praça que leva, oficialmente, o seu nome – mais conhecida, no entanto, por “praça dos Leões”. A escultura, fundida em Paris, tem 2 metros, enquanto o pedestal, construído em Fortaleza por Frederico Sinner, 2,50m.

Em 11 de agosto de 1952, os restos mortais do general Tibúrcio foram transferidos do cemitério São João Batista para o mausoléu localizado embaixo de seu panteão.

\* \* \*

Em 13 de junho de 1889 é fundado o Centro Republicano Cearense, e, na tarde do dia 15 de novembro de 1889, a novidade era um telegrama enviado pelo sr. Quintino Bocaiúva que confirmava o fim da Monarquia e a Proclamação da República. Grupos comemoraram até às 21 horas. Noite adentro, apenas não dormiram as luzes na sede do Palácio da Luz, onde o presidente Moraes Jardim planejava uma reunião oficial na manhã seguinte, e, no escritório do *Libertador*, onde João Cordeiro e Belarmino Carneiro, além de membros do Centro Republicano, pensavam nas estratégias de adesão ao movimento carioca. João Cordeiro, pela manhã, já trazia a adesão da Força Pública, do 11º Batalhão de Infantaria, da Escola Militar e dos Oficiais da Armada. Na reunião do Palácio, o cel. Jardim foi aconselhado a aderir imediatamente. Nas ruas, jovens rasgavam e destruíam símbolos monárquicos. A placa da rua Conde D'Eu foi trocada pela de Sena Madureira. Às 14 horas do dia 16, o Passeio Público estava repleto de gente. João Lopes, republicano, bradava em cima de um dos bancos. Populares traziam a bandeira nacional sem as

armas imperiais, dando vivas à República. Uma passeata dirigiu-se à frente do Palácio da Luz. A banda tocava “A Marselhesa”, enquanto invadiam a sede do governo. Resultado: o cel. Jardim foi surpreendido com a sua deposição. O povo aclamava como governador do estado livre do Ceará o cel. Luís Antônio Ferraz. O cel. Jardim teve de ceder, sendo sacrificada ali, apenas uma enorme tela com a imagem de d. Pedro II, rasgada à faca, por um tenente exaltado da polícia, ato que indignou até aos republicanos presentes.

\* \* \*

Em 1890, ano em que eram publicados o primeiro romance de Rodolfo Teófilo, *A Fome*, e o primeiro livro de Antônio Sales, *Versos Diversos*, é inaugurado o Parque da Liberdade, denominação esta em homenagem à abolição nacional dos escravos no ano anterior. Em 1922, então em celebração ao Centenário da Independência, e após a reforma do ano anterior, mudariam seu nome para Parque da Independência, inaugurando-se a famosa estátua em cimento de um índio quebrando os grilhões, escultura de Euclides Fonseca, assim como também é implantado o “Templo do Cupido”. Quanto à imagem do índio, algum provinciano deslumbrado teve a ideia de se colocar em cima do arco do seu portão uma réplica da “Estátua da Liberdade”, o que, felizmente – seria muita vergonha alheia – não aconteceu.

A partir de 1938, o parque, que voltaria a sua atenção para a educação e lazer das crianças, seria denominado de “Cidade da Criança”, sendo restaurado o nome de Parque da Liberdade em 1948. O jardim zoológico de Fortaleza, o Sargento Prata, teve seu início ali, em 1954.

\* \* \*

Em 16 de fevereiro de 1892, a cidade assistiu ao entardecer com sons estranhos cruzando os céus por cima de seus telhados. Eram balas de canhão que vinham do Outeiro (Aldeota), mais precisamente da Escola Militar do Ceará. Os seus cadetes marchavam na boquinha da noite, em direção ao Palácio da Luz, para depor o governador Clarindo de Queiroz, enquanto marinheiros, também com metralhadoras, se preparavam para apoiá-los na empresa. Trincheiras foram levantadas em defesa do Palácio, não impedindo que suas grossas paredes fossem atravessadas pelo bombardeio. Mortos e feridos. O dia 17 raiou e, de uma sacada do palácio marcado em balas e esburacado pelos canhões *La Hitte*, uma bandeira branca surgia ao som das badaladas do relógio da Sé. Clarindo de Queiroz fora vencido pela completa falta de munição. Foi quando pôde-se perceber, logo ali, outra vítima do bombardeio: a estátua do herói general Tibúrcio, que, baleado, tombara de seu panteão, porém em pé, para a memória daqueles que contam com assombro e euforia a história.

\* \* \*

Em 15 de março de 1892 foi inaugurada, pelo livreiro Gualter Rodrigues da Silva, a Tipografia Minerva, onde foram impressas importantes obras de autores cearenses. Com a morte de Gualter, a tipografia foi vendida a Assis Bezerra (1898). Teve endereço na rua São Paulo, nº 41, até 1904, sendo transferida para a rua Major Facundonº 111/113 e, depois, em 1927, para prédio próprio, na rua Barão do Rio Branco, próximo ao Palacete Guarani, onde permaneceria até 1990, quando mudaria de sede, permanecendo ali apenas a sua livraria e papelaria. Ainda hoje nos é possível ver a parte superior da antiga fachada. Na Tipografia Minerva foram publicados alguns autores como Rodolfo Teófilo, Juvenal Galeno, Guilherme Studart, Paulino Nogueira, Antônio Bezerra, Antônio Sales, Álvaro Martins, Alba Valdez, além de algumas revistas literárias, inclusive a *Revista do Instituto do Ceará*, de 1904 a 1930.

\* \* \*

Fazia algum tempo, e os frequentadores de um dos quiosques da praça do Ferreira, o Café Java, pensavam em fundar uma agremiação literária que aquecesse as letras da província. Mas não poderia ser qualquer coisa, nem poderia repetir a formalidade das demais agremiações

cearenses do passado. Para eles, tinha que ser “coisa nova, original, e mesmo um tanto escandalosa”. Antônio Sales, o único dentre eles que tinha um livro publicado, escolheu o nome – Padaria Espiritual – e escreveu o seu “Programa de Instalação”, ou seja, os seus estatutos, que foram lidos em 30 de maio de 1892, na primeira sede do grêmio, na rua Formosa nº 105. Na sua composição, um padeiro-mor (presidente), dois forneiros (secretários), um gaveta (tesoureiro), um guarda-livros (bibliotecário), um investigador das cousas e das gentes e os demais sócios (os “amassadores”). Na primeira fase da Padaria, encontrávamos entre os 21 padeiros: Jovino Guedes (padeiro-mor de 1892 a 1894), Antônio Sales, Lívio Barreto (autor do livro maior do Simbolismo cearense, *Dolentes*, de 1897), Álvaro Martins, Adolfo Caminha, Lopes Filho (autor da primeira obra com notas simbolistas no Ceará – *Phantos*, em 1893), Ulisses Bezerra, Sabino Batista, Temístocles Machado, Henrique Jorge, Joaquim Vitoriano, Carlos Vitor, Antônio de Castro e o desenhista e pintor Luís Sá.

Em 10 de julho saíria, pela Tipografia d’*O Operário*, o primeiro número de *O Pão*, órgão de imprensa e divulgação do grêmio. *O Pão* ganharia vida e asas e circulou de forma inédita naqueles tempos, alcançando larga divulgação e a menção por parte de autores, inclusive do exterior do país.

A Padaria passaria por uma reorganização em 28 de setembro de 1894, onde ingressariam dez sócios, e, em novembro, mais três. Dentre eles: José Carlos Júnior (padeiro-mor de 1894 a 1896), Rodolfo Teófilo (padeiro-mor de 1896 a 1898), Valdemiro Cavalcante, José Carvalho, X. de Castro e José Nava, dentre outros. Em 27 de setembro de 1895, sob orientação de Antônio Sales e com grande alarde da cidade, reuniram personalidades e artistas na casa de Juvenal Galeano, concedendo ao poeta o título de padeiro-mor honorário.

Em 20 de dezembro de 1898, aconteceria a última sessão da Padaria Espiritual.

\* \* \*

Em 14 de agosto de 1894, Raimundo Correia, poeta parnasiano, vem ao Ceará, permanecendo até 4 de setembro, onde teve oportunidade de conviver com a rapaziada da Padaria Espiritual. Um dia depois de sua chegada, 15 de agosto de 1894, é fundada a Academia Cearense, por trinta sócios, dentre eles, Tomás Pompeu de Souza Brasil (seu primeiro presidente efetivo), Valdemiro Cavalcante, Farias Brito, Guilherme Studart, José Carlos Júnior, Antônio Bezerra de Menezes, Franco Rabelo, Padre Valdívino, Henrique Théberge, Pedro de Queiroz e Justiniano de Serpa. A sessão de primeiro aniversário da Academia



Cearense aconteceu no Salão Nobre da Assembleia Legislativa com a presença de autoridades do estado, inclusive, o presidente do Instituto do Ceará, Paulino Nogueira, e membros de outras agremiações, como a Padaria Espiritual e Centro Literário. Em 1896 sairia o primeiro número da *Revista da Academia Cearense*, pela Tipografia Studart, na rua Formosa, 46, que permaneceria sem interrupção até 1914, retornando em 1937. A Academia não tinha sede própria e, então, no seu início, suas sessões aconteceram nos salões da Fênix Caixeiral (rua Guilherme Rocha com a General Sampaio), no Clube Euterpe e, depois, no Instituto do Ceará. Em 11 de junho de 1895, Farias Brito, em sessão da Academia, anunciaria estar no prelo o primeiro volume de seu livro *Finalidade do Mundo*, distribuído aos confrades em 25 de junho do mesmo ano. Em outubro de 1896, Rodrigues de Carvalho apresentou à Academia Cearense o seu livro *Prismas*, enquanto Álvaro Martins o seu *América*. Ambos disputavam a vaga aberta com a morte, em 29 de maio, de José Carlos Ribeiro Júnior. Rodrigues de Carvalho seria eleito, sendo recebido oficialmente em sessão no dia 23 de maio de 1897.

Quando a seiva da carne perfumosa/  
Protube-  
ra-se em conchas ofegantes,/Os seios da mulher  
são como errantes/Aves do céu com bicos cor de  
rosa.” (CARVALHO, Rodrigues de. “Os Seios”,  
de *Prismas*, 1896)

A primeira fase da Academia consta do período de sua fundação até 17 de julho de 1922, momento em que Justiniano de Serpa – seu orador oficial até 1900, substituído na função por Farias Brito – procedeu a sua reorganização, motivado por uma provocação de Leonardo Mota, o Leota, durante um sarau na Casa de Juvenal Galeno, em 22 de março do mesmo ano. Desde 1902 as sessões vinham acontecendo muito raramente, ou nem assim. Muitos dos seus membros haviam falecido ou não se encontravam mais na cidade, e não era mais publicada a sua *Revista*. Assim, aumentou-se o número de sócios para quarenta, sendo que oito deles eram membros da primeira fase.

Walter Pompeu, contam, encontrou com Quintino Cunha e tentou justificar, com certo constrangimento, por que não o incluíam dentre os quarenta integrantes da Academia em sua nova fase. Dizia ele que precisavam, no quadro, de talentos mais jovens, moços (Quintino teria cerca de 45 anos). O poeta, daquele jeitinho de sempre, disse-lhe não ter problema, e arrematou: “Triste das academias que recebem seus membros pelos anos.”<sup>12</sup>

A sessão solene de instalação da, então, denominada Academia Cearense de Letras, se deu em 8 de setembro de 1922, no Salão de Honra do Clube Iracema, nos altos

---

12 CUNHA, Plautus. *Anedotas de Quintino*, 1958.

do Palacete Ceará (esquina da rua Guilherme Rocha com Floriano Peixoto), e trouxe como novos membros, dentre eles, Quintino Cunha (que, vejam só, acabou ingressando), Leonardo Mota, Rodolfo Teófilo, Antônio Sales, Carlos Câmara, Alba Valdez, Beni Carvalho, Papi Júnior, Padre Antônio Tomás, Soares Bulcão, Otávio Lobo, Cruz Filho, Fernandes Távora, José Sombra (filho), Leiria de Andrade e Antônio Drummond. Foram, na reorganização, intitulados sócios honorários da Academia Cearense de Letras: Juvenal Galeno, Capistrano de Abreu e Clóvis Beviláqua.

Em 1º de agosto de 1923, faleceu o presidente Justiniano de Serpa. Antes de morrer, entretanto, conseguiu que a Assembleia Legislativa reconhecesse a sua Academia Cearense de Letras, do qual era presidente de honra, como de utilidade pública.

Às 19h, em 21 de maio de 1930, por iniciativa e na casa de Walter Pompeu – rua 24 de maio, 862 –, e com apoio do presidente do Ceará, José Carlos de Matos Peixoto, foi reorganizada, mais uma vez, a Academia Cearense de Letras. Ingressaram, entre os 40 sócios perpétuos, Jáder de Carvalho, Tomás Pompeu Filho, Renato Braga, Dolor Barreira, Mozart Firmeza e Demócrito Rocha. Oito dias depois, a sessão ordinária de aprovação dos Estatutos seria realizada no Instituto Epitácio Pessoa, uma edificação na rua Barão do Rio Branco, inaugurada em 1924, que pertencia

à Arquidiocese de Fortaleza – desde 1992, este prédio foi adquirido pela Prefeitura, sendo anexo, como podemos ver hoje, ao Instituto José Frota.

Em 4 de setembro de 1939, a Academia Cearense de Letras se filiará à Federação das Academias de Letras do Brasil.

\* \* \*

Em 27 de setembro de 1894, na Redação do jornal *O Comércio*, é fundado o Centro Literário. Leonardo Mota diz que “[...] o Centro foi fundado por gente da Padaria” e Antônio Sales, em “Pelo Ceará Intelectual”, relata: “Uma cisão operada na Padaria com a retirada de Álvaro Martins e Temístocles Machado determinou a criação de uma outra associação que tomou o nome de Centro Literário”. No dia seguinte à fundação do Centro, os membros da Padaria Espiritual aprovaram a exclusão de Álvaro Martins e Temístocles Machado de seu quadro. Dentre os fundadores do Centro Literário: Juvenal Galeno, Temístocles Machado, Papi Júnior, Álvaro Martins, Jovino Guedes, Quintino Cunha, Farias Brito, Rodolfo Teófilo, Bonfim Sobrinho, José Olímpio, Eduardo Saboia, Almeida Braga, dentre outros. Rapidamente, outros membros ingressaram: Justiniano de Serpa, Antônio Bezerra, Rodrigues de Carvalho, Guilherme Studart, Soares Bulcão e Lopes Filho.

Importante ressaltar que, mesmo com o histórico de cisão, as duas sociedades conviviam e participavam dos mesmos ambientes. Leonardo Mota conta que “as festas da Padaria eram frequentemente assistidas por Centristas; as duas sociedades promoviam sessões em comum, qual aconteceu em 16 de outubro de 1896, quando homenageavam a memória de Carlos Gomes. Alguns, inclusive, pertenciam simultaneamente à Padaria e ao Centro: Lopes Filho e Antônio Bezerra, por exemplo.

A revista *Iracema*, órgão de comunicação do Centro Literário, inicialmente quinzenal e depois trimestral, teve seu primeiro número em 2 de abril de 1895, apresentando a divisa: “Só a Arte immortaliza”. Em 20 de outubro daquele ano, os membros do Centro Literário decidiram firmar o número de sócios em 30. Por não terem uma sede própria, eles se reuniam na residência de um ou de outro, no salão do Clube Euterpe, na Fênix Caixeiral, no Clube Cearense, no Instituto do Ceará e, em casos especiais, no palacete da Assembleia Legislativa.

\* \* \*

Construída em 1896, e situada na rua Barão do Rio Branco, 520, próxima ao Passeio Público, é possível encontrar a casa de porão alto e balaustrada na platibanda, onde

morou, na década de 1930, o teatrólogo e músico Paurillo Barroso, autor de “A Valsa Proibida”, considerada uma das peças de maior sucesso no Norte e Nordeste do país. Paurillo fundou a Sociedade de Cultura Artística, que funcionou, naturalmente, neste endereço. O Theatro José de Alencar muito deve a Paurillo, que não media esforços para garantir que continuasse funcionando, mesmo sem recursos do governo que, historicamente, nesse âmbito, repete a sua ausência. Foi, mais tarde, convidado para a direção do Theatro.

\* \* \*

Em 19 de setembro de 1897, Manoel Pereira dos Santos, o Mané Coco, proprietário do quiosque Café Java, instalou na rua Formosa, 56, um *kinetoscópio*, “a fotografia em movimento”, o que garante o seu nome dentre os precursores do cinema na capital. Mané Coco era uma figura: amigo da boêmia literária, incentivou e divulgou a Padaria Espiritual e seus padeiros, muitas vezes “pendurados” por suas contas a pagar em qualquer dia, desde que a partir de amanhã, ou depois. Piadista, era também um grande declamador de único poema, “A Morte de Dom João”, de Guerra Junqueiro, que recitava por qualquer motivo e ocasião. Nas horas vagas gostava de consertar relógios e máquinas de costura – ao final do conserto, diz Raimundo de Menezes, por vezes sobrava de fora algumas peças,

provavelmente inúteis, que ele devolvia em pequeno em-  
brulho improvisado ao dono. Conta a história que chegou  
a ser subdelegado (logo destituído do cargo) e que, quando  
havia um incêndio na cidade, era ele também chamado,  
correndo, prestimosamente sozinho, com dois baldes de  
madeira e uma machadinha. Se imitava sirene, eu não sei.

\* \* \*

Em 18 de abril de 1897 inaugurou-se em Fortaleza,  
na praça Carolina, em frente do prédio da Assembleia  
Provincial, o Mercado de Ferro, ou da Carne, que se  
tornou cartão postal da cidade devido à modernidade de  
sua engenharia em ferro, uma novidade na época, apenas  
oito anos depois da construção da Torre Eiffel. As peças,  
fabricadas na França, compunham o mercado de dois  
pavilhões, em art-nouveau, interligados por uma “avenida”.  
As calçadas ao seu redor eram de granito cearense. Em  
1939, o Mercado seria desativado e desmembrado: uma  
parte foi para a praça Paula Pessoa, local onde funciona  
o Mercado São Sebastião, e a outra para a praça Visconde  
de Pelotas, sendo atualmente conhecida como Mercado  
dos Pinhões. Em 1968, a parte do Mercado que estava na  
praça Paula Pessoa foi novamente transferida, desta vez  
para a Aerolândia, onde pode ser vista, pela BR-116, em  
franca deterioração. Nos anos de 1940/50, no local onde

funcionou o Mercado de Ferro, construiu-se o Palácio do Comércio, que resiste imponente no local.

Ainda em 1897, Papi Júnior criou o Clube (ou Casa) de Diversões Artísticas no Clube Iracema. No quadro cênico, o próprio Papi Júnior, Antônio Fiuza Pequeno (autor de “A afilhada de Sua Alteza”, a primeira peça a ser encenada pelo grupo), Antônio Pereira Braga, Antônio Martins Vieira, Guilherme Sousa Pinto, dentre outros. A orquestra ficou por conta de Francisco Benevides e, posteriormente, Henrique Jorge. Também do Clube saíria a atriz Maria Castro, que chegou a ter a sua própria companhia e a se apresentar, com grande sucesso, em outros países da América Latina.

\* \* \*

Em 14 de julho de 1898 foi fundado o Grêmio Taliense de Amadores, por Francisco Higino Barbosa. Duraria até 1906 e editaria a revista *O teatro*, dirigida por João de Alencar Araripe. Dentre seus integrantes, o escritor Álvaro Martins e os pintores Ramos Cotoco e Antônio Rodrigues (que assinava, desgustativamente, “A. Roiz”).

Odorico de Moraes, então, com 17 anos, diante duma época de “abatimento literário”, reuniu-se com alguns amigos no Passeio Público com o objetivo de criar



um grêmio. Daí, neste dia de 23 de abril de 1899 foi criada a *Iracema Literária*. Dentre seus fundadores, José Sombra, Francisco Gonçalves (seu primeiro presidente), Godofredo Maciel, José Lourenço de Castro e Silva, Heitor Marçal, Paulo Aguiar, Virgílio Barbosa e outros. Seu órgão oficial, a partir de 19 de outubro de 1900, seria a revista ilustrada *Praça do Ferreira* (saíram apenas 9 números). Suas sessões aconteceriam, aos domingos, primeiramente ali, no próprio Passeio ou nas residências de seus integrantes. Depois, conseguiriam a cessão de uma sala no Tribunal da Relação, na rua Major Facundo. Por fim, alugariam um imóvel na rua Barão do Rio Branco, próximo ao edifício J. Lopes (prédio construído em 1937, projeto de Emílio Hinko). O Iracema conseguia levar para seus encontros personalidades como Antônio Sales, Rodolfo Teófilo, Farias Brito e até Pedro Borges, o governador. Em 3 de maio de 1900, em comemoração ao 4º Centenário do Descobrimento do Brasil, proferiram discursos, impressos posteriormente na Tipografia Apolo, de Paiva & Irmãos, sendo bastante distribuídos com o título *Iracema Literária: discursos*. Em 1902, entretanto, a Iracema se desfaria no vento de sopro forte fortalezense.

\* \* \*

Em 24 de maio de 1900, em comemoração à data de aniversário do Patrono da Infantaria, general Sampaio,

foi inaugurada a sua estátua, a primeira no Ceará esculpida em granito, no centro da praça da Estação. A estátua “andou” pela cidade. Em 24 de maio de 1966 se postou na av. Bezerra de Menezes, em frente ao antigo Centro de Preparação de Oficiais da Reserva/CPOR, 10ª Cia de Guarda, atual Secretaria de Segurança Pública – onde foram colocados em uma urna os seus restos mortais –, e depois na pracinha General Sampaio, em frente ao 23º Batalhão de Caçadores. Atualmente se encontra em frente do quartel da 10ª Região Militar, na Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção.

Em 31 de dezembro de 1900, às 23h30, aconteceu na rua General Sampaio, 22, casa de Papi Júnior, sessão pelo término do século XIX e o despontar do novo século, o XX.

O que será do século XX? Não sei. Limitar-me-ei, por enquanto, a dizer que, hoje, ele não passa de um problema que só poderá ser resolvido no futuro. (SOUSA, Teles de)

De 1902 a 1903, as três principais praças da cidade passaram por sérias reformas: a do Ferreira, a da Sé e a Marquês do Herval (atual José de Alencar). A importância desse fato para o convívio social e estímulo a práticas saudáveis, no início de século XX, era imensa. As praças eram símbolos da modernidade e do bem-viver. Nas Marquês do

Herval e do Ferreira foram colocadas “avenidas”, espécie de passarelas ou alamedas especiais, grandes jardins, gradis, quiosques, pavimentação, vasos importados, réplicas de estatuário clássico, coretos para a apresentação de retretas, belos combustores, dentre outras melhorias. Enquanto na praça do Ferreira foi instalado o Jardim 7 de Setembro, a praça Marquês do Herval receberia o Jardim/Avenida Nogueira Acioli que, durante a deposição do presidente homônimo, em janeiro de 1912, seria barbaramente destruído pelos revoltosos.

\* \* \*

Em 21 de fevereiro de 1903 – oficialmente data de 1º de março –, foi fundada a primeira escola de ensino superior do Ceará: a Faculdade Livre de Direito – antes mesmo de existir a Universidade Federal do Ceará, que atualmente a abriga –, cujo primeiro diretor e criador foi Antônio Pinto Nogueira Acioli, o que fez com que, durante as manifestações para sua deposição em 1912, os populares, em represália, pensassem em incendiar as suas instalações. Em 12 de março de 1938 seria inaugurado o prédio da Faculdade de Direito, em frente à, atual, praça Clóvis Beviláqua, antiga Visconde de Pelotas e da Bandeira. E por falar em Clóvis, a estátua do jurista só foi inaugurada naquela praça em 11 de agosto de 1965.

\* \* \*

Em 21 de novembro de 1903, inaugurava-se a igreja do Pequeno-Grande, projeto de Isaac Correia do Amaral e do escocês Robert GowBlasby, chamada também de igreja da Imaculada Conceição, por conta do colégio homônimo situado ao lado. A igreja, cuja pedra fundamental é datada de 1896 – concedendo-lhe a distinção de ser a primeira obra em arquitetura de ferro no Ceará, seguida pelo Mercado de Ferro, de 1897 –, pelo Padre Chevalier, no entanto, é dedicada a Nossa Senhora do Carmo. O templo tem estilo neogótico e o seu telhado agudo se apoia em estrutura metálica belga. Suas imagens, seu altar, piso e os três sinos (Fá, Mi e Sol) foram importados da França.

\* \* \*

Em 1903, o Recreio Dramático Familiar instalou-se na rua Conde D’Eu. Integravam o grêmio: Joaquim Cautunda, Carlos Severo, Isabel Barroso, Astrogildo Fontoura, Isabel Santos e Leopoldo Fontoura.

Em 1904, foi inaugurado mais um teatro na cidade, o João Caetano, localizado na rua Senador Pompeu com a Guilherme Rocha. Dentre as atrações que por lá passaram: Apolônia Pinto, Aldo, o transformista, o mágico

Raymond, os Geraldos, dueto luso-brasileiro, e conjuntos amadores cearenses.

Na rua Major Facundo, fundou-se, em 8 de fevereiro de 1904, o Centro Artístico Cearense. Depois, em 28 de abril de 1912, o Centro mudaria definitivamente a sua sede para o endereço de esquina da rua Tristão Gonçalves com a Duque de Caxias – em frente do atual Fórum Trabalhista Autran Nunes –, onde, em 1925, iniciaria as suas atividades com o cinema, e, em 16 de dezembro de 1931, inauguraria um palco para apresentações teatrais. Em 1933, foi encenada pela primeira vez a peça “O Mártir do Gólgota”, espetáculo da Semana Santa. Também no Centro, em 1924, por meio da Rádio Clube Cearense, que se reunia na Fênix Caixeiral e que era composta por Elesbão de Castro Veloso, Antônio Eugênio Gadelha, Clovis Meton de Alencar, Mena Barreto, Henrique Soares e Carlos da Costa Ribeiro, dentre outros, aconteceria a primeira transmissão radiofônica de Fortaleza – era apenas uma pequena estação emissora de 3 Watts. Até a bateria esgotar, os presentes, inclusive os integrantes do Centro e outros curiosos, escutavam músicas que, imagine naquela época, eles nem entendiam de onde diabos vinham.

Com a direção de Mário Linhares, em 8 de março de 1904, foi inaugurado o Grêmio Literário Rocha Lima, enquanto a Liga Feminista Cearense o seria no dia 26 de julho.

\* \* \*

Genuíno de Castro, Mário Linhares, Joaquim Pimenta, Raul Uchoa, Eurico Matos e Jaime de Alencar imprimiram, em 6 de outubro de 1906, na Tipografia Minerva, a *Fortaleza: revista literária, filosófica, científica e comercial*. No mesmo ano, o poeta, modinheiro, seresteiro e pintor Ramos Cotoco publicou o seu *Cantares Boêmios*, pela Lito-Tipografia a Vapor, na rua Formosa, 68. Ramos, apesar do talento e das grandes amizades, era paupérrimo, residia numa casinhola de porta e sem janela na avenida do Imperador. Casado com uma engomadeira, mas sem filhos naturais, adotava um menino, o Vandick, e um gato de nome “Pintor”. Deixou a mulher para unir-se a uma professora, passando a residir rua Pedro I, imóvel de um amigo, entre a rua Tristão Gonçalves e a Imperador. Morreria ali, em 1916, e o seu enterro foi todo bancado por amigos e admiradores.

\* \* \*

Em 1º de janeiro de 1907, o povo aglutinou-se em torno do forte de N. Sra. da Assunção, alvoroçado com a novidade: o pernambucano José Pereira da Luz subiria aos céus num balão de gás alaranjado, o “Brasil”, feito já realizado em sua terra natal. Toda a Fortaleza olhava para

os céus naquele dia, fosse na praça do Palácio, fosse na praça da Sé. Seria possível aquilo? Sim, o seria. Zé da Luz acenava do barquinho de vime, pilotando a coisa que parecia não respeitar os céus de anjos. Durante dias, foi o assunto de jornais, dos mercados, das rodas de cadeiras na calçada. Assim, a pedidos, Zé da Luz, no dia 6, faria um segundo voo. Desta vez, entretanto, não exitoso: o balão tropeçaria nos telhados das casas em torno do Passeio Público e, chegando na praça Fernandes Vieira, deu-se encontro com um poste, derrubando o “Brasil”. Zé da Luz quebrou a perna esquerda e foi levado à Santa Casa de Misericórdia, onde passou três meses internado. Uma terceira tentativa foi planejada para acontecer a partir de um terreno próximo à praça da Estação, mas, desta vez, o balão nem saiu do chão, para decepção de todos. Seu filho, o poeta Pierre Luz, teve todo seu trabalho literário feito no Ceará.

\* \* \*

Em 3 de novembro de 1907, “disputado na praça do Ferreira” era o jornaleco *O Garoto*, “crítico, desopilante, molieresco e rabelaiseano”, escrito por Gustavo Barroso e José Gil Amora. Com a sua regularidade vinculada “aos cobres que dispunham na ocasião”, era composto de “prosa, versos e caricaturas gravadas em caraca de cajazeira”. Sua “redação” era nos fundos da Pharmácia Albano,

onde Amora era empregado, na rua Floriano Peixoto, no local do atual edifício Sul-América. Em seu primeiro número, uma crônica de José da Rua (pseudônimo de José Gil Amora), dirigida aos “sorumbáticos e pantagruélicos leitores”. Durou quase dois anos.

Também em 1907, o italiano Victor Di Maio, que chegara do Rio de Janeiro, onde inaugurou o primeiro cinema brasileiro (1894), trouxe um cinematógrafo para o Teatro João Caetano, situado na esquina da rua Liberato Barroso com a Senador Alencar. Ficou em Fortaleza até fevereiro de 1908, quando partiu para a Europa. Em abril, também de 1908, regressou a Fortaleza, onde montou e inaugurou, em 26 de agosto, o primeiro cinema fixo da cidade, o cinematógrafo Art-Nouveau, na esquina da rua Guilherme Rocha com a Major Facundo, depois chamado de cine Di Maio, e, mais posteriormente, cinema Cearense. Não funcionava todas as noites e era comum que o aparelho desse problema, o que impedia, por vezes, a conclusão da projeção. Desde então, outras experiências aconteceriam, como o cinema Rio Branco, nosso segundo cinema, na rua Barão do Rio Branco, 71/73, em 4 de setembro de 1909, por Henrique Mesiano, e o Cassino Cearense, em 1º de junho de 1909, na rua Major Facundo, 64 – mais tarde, em 18 de setembro, seria denominado cinema Júlio Pinto, que oferecia ingressos gratuitos para sessões noturnas àqueles que conseguissem juntar cem cupons de bondes.



No cinema Júlio Pinto podia-se encontrar, na época do cinema mudo, em frente à tela, um cacimbão coberto por tábuas onde ficavam o piano e os músicos. As tabuletas eram pintadas à mão. Um dos empregados do cinematógrafo era o poeta Otacílio de Azevedo. Mais tarde, o pioneiro do cine falado seria o próprio Júlio. Outros cinemas viriam depois, sendo boa parte deles em torno da praça do Ferreira, como o Cine-Theatro Polytheama (1911), o American Kinema (1915), o Riché (1915). Outros surgiriam em outros sítios, como o cinema da Estação (1917), no bulevar Joaquim Távora, em frente à estação de bondes, o cinema Tiro Cearense, de Henrique Mesiano, no Passeio Público e o cinema São José, na praça Cristo Redentor, considerado o primeiro cinema criado pela igreja Católica no Ceará, onde, de costume, separava-se o público masculino do feminino, em alas diferentes, durante as suas sessões. Nada de pegação por ali, que Deus era tímido dessas coisas idílicas.

A película “A Dama das Camélias” foi campeã de exibição por muitos anos em Fortaleza. Como não havia som, as projeções eram acompanhadas por pianistas ou outros músicos que faziam a música incidental. Dentre eles, as irmãs Teodorico (que eram negras) e o Pilombeta, que muitas vezes se apresentava acompanhado de orquestra com violão, rabeca, flauta e pistom.

Victor Di Maio partira novamente de Fortaleza em busca de outros ares e novas experiências cinematográficas, meio “abelha” que era, e voltou anos depois, em 1926, doente e pobre. Os amigos tentaram ajudá-lo, inclusive com a doação da renda obtida com exibição de um filme no concorrido cine Moderno, de Luiz Severiano Ribeiro. Por ironia, no dia 21 de abril, quatro dias depois, tombaria, na esquina da praça do Ferreira, na mesma calçada daquela que fora sua primeira grande experiência de cinema em terras cearenses. Foi levado para dentro, onde desapertaram as suas roupas, mas era tarde, morrera de colapso cardíaco, numa das mesas do Maison Art-Noveau, na esquina da rua Major Facundo com Guilherme Rocha, onde hoje se encontra descaracterizado o edifício Granito, que abrigou o bem-frequentado Clube do Advogado.

O interesse maior era certamente a praça do Ferreira. Já não tinha mais o quiosque, que eu conhecia de um velho retrato em pose [...] Tinha os cinemas – o Moderno, com aquela marquise em vidro de cor, em meia-abóbada, que desapareceu recentemente, o Majestic, o Politeama, todos com campainhas anunciando o início das sessões. Um café me cada esquina da praça e ao centro da avenida canteiros de rosas, bancos de madeira, longos, cômodos, convidativos [...] E, fazendo barulho permanente na praça, entre as vozes dos jornalheiros e pregões populares, sempre os bondes, circulando,

gemendo nas curvas, batendo a campainha [...]  
(DIAS, Milton. *Relembrações*, 2000)

O poeta e jornalista Américo Facó escrevia para o *Jornal do Ceará*, dirigido então por Agapito dos Santos, onde escrevia artigos contra a oligarquia aciolina em sua coluna “Olho da Rua”. Por conta disso, na tarde de 21 de dezembro de 1908, na praça Marquês do Herval, levou uma surra violenta de três policiais, sendo salvo pela intervenção de Castelo Branco, capitão do Exército que residia nas proximidades do logradouro. Em 1910, sentiu-se obrigado a partir para o Rio de Janeiro, sendo substituído no jornal por Gustavo Barroso. No Rio, porém, fazia grandes amizades, dentre elas, com Carlos Drummond de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda, fundaria e dirigiria diversos periódicos famosos, veículos do modernismo, e, em 1924, a Agência Brasileira de Notícias. Em 1940, na revista *Pan*, publicaria o primeiro conto de Clarice Lispector: “Triunfo”. Dentre suas obras, *A Poesia Perdida* e *Sinfonia Negra*, ambas resgatadas em obra publicada pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, em 2010.

\* \* \*

O primeiro automóvel, adquirido por Júlio Pinto e Meton de Alencar, chegou à cidade em 28 de março de

1909: um *Rambler*, de segunda mão, vindo dos Estados Unidos pelo vapor inglês “Cearense”. O povo da cidade corria de panos de prato à mão para ver de perto, no prédio da Alfândega, a novidade. O curioso era que ninguém sabia fazer “aquilo” funcionar e, então, foi preciso usar um jumento para levá-lo até a empresa de Júlio Pinto. As crianças logo se penduravam e lhe descobriram a buzina, que troava barulhenta chamando as pessoas às janelas. Também pediam trocados, perguntando se podiam empurrar “aquilo”, para ver se chegava mais ligeiro. Dias depois, o português Rafael Dias Marques, empregado da Casa Bordalo, tentou dirigir, mas o fez por pouco, estacando logo. Quando conseguiram que “andasse”, o automóvel fazia barulho demais, enguiçava aqui e ali, perdia peças no meio do caminho, se jogava contra muros, assustava os pedestres que se benziam de cruz-credos... No seu *Consulado da China*, Gustavo Barroso apresenta outra versão, mas preferi esta, por motivos espirituais que nem sozinho compreendo.

\* \* \*

Em 17 de junho de 1910, foi inaugurado em Fortaleza o Theatro José de Alencar, um projeto de Bernardo José de Mello – o mesmo que, em 1854, mandou construir a atual igreja de São Bernardo, na época, em taipa, em adoração a Nossa Senhora do Bom Parto –, com estrutura metálica de

origem escocesa, em art-nouveau. Além de discurso de Júlio César da Fonseca, a banda de música do Corpo de Segurança do Estado tocava com a condução dos maestros Luigi Maria Smido e de Henrique Jorge, enquanto na praça era possível assistir a um belíssimo show pirotécnico. No dia 23 de setembro aconteceria a “inauguração artística”, com representação da peça “O dote”, de Artur Azevedo, e a participação da atriz Lucília Perez. A pintura dos motivos do Theatro ficou a cargo de José de Paula Barros (os medalhões de Carlos Gomes e de José de Alencar, no *foyer*, e a pintura das três artes: pintura, poesia e música), Ramos Cotoco (as frisas onde se pode ler o nome das obras do Alencar e algumas mulheres nas paredes laterais – que não existem mais –, além de imagens do teto), Jacinto Matos (os florões do teto, entrelaçados por rosas, imitando alto-relevo) e João Vicente (a imitação de mármore de carrara para as laterais das portas). A Rodolfo Amoedo coube a pintura do painel sobre a boca de cena. O público, no interior do teatro, sentava-se em elegantes cadeiras austríacas de palhinha, retiradas na década de 1950 e trazidas de volta na década de 1970. Em 1987, o Theatro foi tombado como Monumento Artístico Nacional. Anexo a ele, o Centro de Artes Cênicas, o teatro Morro do Ouro e a praça Mestre Pedro Boca Rica. Podemos encontrar também a biblioteca Carlos Câmara e a galeria Ramos Cotoco. Os jardins do Theatro foram desenvolvidos na reforma de 1974 a 1975, por Burle Marx, após a demolição do Centro de Saúde que, antes, encontrávamos no local.

\* \* \*

Na noite celebrante de 7 de setembro de 1910, foi fundada, em um dos bancos da praça do Ferreira sob mongubeiras, a “esquipática Academia Rebarbativa”. Dentre seus membros, Genuíno de Castro, Carlos Severo, Luís de Castro (“Lídio Camboim”), João Catunda, Josias Goiana, Francisco Sales de Araújo, Paula Aquiles e Gil Amora. Nos estatutos da Academia, apenas dois artigos: “1º - Funcionará a nossa Academia em toda parte onde estiver um sócio; e 2º - Revogam-se as disposições em contrário”. Brillhante! Coisa de gênio!

\* \* \*

Em 1912, Fortaleza assistiu à deposição do presidente Nogueira Acioli, o oligarca chamado pejorativamente de “babaquara”. Após o episódio conhecido como “Passeata de Crianças”, no qual num domingo, 21 de janeiro de 1912, piquetes da cavalaria da polícia atacaram os manifestantes, pisoteando crianças – há quem diga que morreram algumas – e gerando troca de tiros entre aciologistas e rabelistas. A revolta se manifestou em toda a cidade, uma verdadeira guerra civil. Por todos os lugares podia se ver a depredação: bondes e cafés incendiados, lâmpioes quebrados, bancos arrancados, quiosques e estátuas destruídas, pessoas assassinadas

aos pés do forte, nas calçadas. Ninguém sabe, ninguém viu. O Palácio da Luz, sede do governo e residência do governador, ficou ilhado. Não entrava nem saía ninguém. Alimentos, luz nem água chegavam. A tensão e a ameaça de invasão por populares era grande. Muitos mortos entre civis e policiais. Contam que alguns destes eram arremessados numa cacimbas existente na praça dos Voluntários. Finalmente, Acioli se rendeu. Foi levado pelo povo ao porto, sob proteção militar e após prometer não mais voltar, de onde partiu em direção ao Rio de Janeiro, onde faleceria em 1921.

Com o fim da Oligarquia, Ildefonso Albano (1912-1914) assumiu a intendência, até a deposição de Franco Rabelo. Já deu para perceber que esse negócio de esperar *impeachment* por aqui era bobagem, não é?

Albano, dando continuidade ao processo de embelezamento e higienização do espaço urbano, premiava aqueles proprietários que mantinham belas e cuidadas as suas fachadas e aumentou a fiscalização, reorganizou os serviços de limpeza pública, transferiu o aterro de lixo para local mais distante, remodelou a praça General Tibúrcio, incluindo a retirada de um gradil de ferro que foi substituído pela construção das balaustradas encimadas de combustores, jarros de bronze e a implantação de estátuas de leões que viriam de Paris, razão pela qual a população a reconhece, até os dias atuais, como “praça dos Leões”. Antes de

Albano, mesmo sendo a praça o largo do Palácio, servia de pasto para animais e de mercado, acumulando bastante lixo e dejetos. Também, em prol dessa remodelação, Albano indenizou alguns proprietários cujas casas, cerca de oito, foram recuadas. O ajardinamento seguiu as linhas sinuosas do “jardim inglês” e um jardineiro veio do Rio de Janeiro para plantar árvores nobres. Foram implantados bancos importados, de ferro fundido, 49 combustores e um coreto.

\* \* \*

Em 1912, com projeto do engenheiro João Saboia Barbosa para o cel. José Gentil, foi iniciada a construção do Palacete Ceará, na esquina da Floriano Peixoto com Guilherme Rocha, defronte à praça do Ferreira. Em 1914 a obra foi concluída e inaugurada. Em 1922, a Academia Cearense de Letras ocupou o seu Salão de Honra. Nos baixos, funcionava a disputadíssima *Rotisserie Sportman*, que servia de sorveteria, restaurante, café e casa de chá e proporcionava a seus clientes a orquestra regida pelo maestro Antônio Moreira. Nos altos, na década de 1920 até 1936, o Clube Iracema, local privilegiado para dança e bilhar. Ali, muitos senhores respeitados se dirigiam, após passarem na pensão alegre de Amélia Campos, na esquina da rua Floriano Peixoto com a Pedro Borges, para arranjar uma boa acompanhante para as danças. Depois, se possível,



o casal poderia ir tomar demoroso banho, nu em pelo e ao luar, no açudeco da família Fujita, onde hoje funciona o supermercado Assai da av. Bezerra de Menezes.

Em 1930, o Palacete atuou como sede da Secretaria do Interior e Justiça. Em 26 de dezembro de 1955 seria adquirido pela Caixa Econômica Federal, sofrendo um famoso e desastroso incêndio, ao meio-dia de 8 de julho de 1982, sendo restaurado em 1984 pelo Iphan. Ao lado do Palacete Ceará, o Palacete Eduardo Pastor, ou Sobrado do Pastor, também inaugurado em 1914, teve várias funções, abrigou lojas elegantes da cidade, como a “Rosa dos Alpes”, e associações. Hoje, mantendo muitas de suas características originais, inclusive o piso de tábuas corridas, semelhante ao do Palácio da Luz. Nos altos, de vista para o sítio histórico de Fortaleza, o mais próximo que encontramos disso por aqui, acolhe o restaurante L’Escale.

\* \* \*

Nos primeiros anos do século XX, foi construído o sobrado de Tomás Pompeu, em estilo neogótico, na avenida do Imperador, em frente à praça da Lagoinha, ao lado da antiga fábrica de tecido da família. Com poço alto, escadaria e varandas balaustradas, foi recentemente reformado.

\* \* \*

Em 9 de outubro de 1913, trafegou o primeiro bonde elétrico. O bairro da Estação foi o primeiro a ser beneficiado, enquanto os demais continuariam por mais algum tempo com os de tração animal. A linha do Alagadiço foi a última a ser eletrificada. Dois dos burros, o Chibata e o Chico, que serviram à causa do trânsito de bondes em Fortaleza, continuaram a atuar em outras funções em sua velha Companhia. Não, isso não é piada.

Ainda em 1913 foi fundado, com sede na rua Barão do Rio Branco, onde hoje se localiza o edifício Diogo, o Colégio Cearense do Sagrado Coração. Dentre seus fundadores: Misael Gomes, Climério Chaves e José Quindéré. Em 1916, os irmãos maristas assumiram a sua direção, adquirindo, em 1917, amplo terreno, um areal distante da “cidade”, na avenida Duque de Caxias, local onde se estabeleceria a sua sede até o cerrar de suas portas, em 2007.

O Colégio, que durante muitos anos funcionava inclusive com sistema de internato, era reconhecido até fora do estado, pelas suas modernas e dinâmicas práticas pedagógicas. Nos anos de 1930, o Orfeão Carlos Gounod, dirigido pelo maestro Silva Novo, era muito solicitado para apresentações musicais, inclusive no centenário de Carlos Gomes, comemorado nos palcos do Theatro José

de Alencar. Além do Orfeão, o Grêmio de Estudos José de Alencar publicava, desde 1921, a divulgada revista *Verdes Mares*, enquanto os congregados marianos apresentavam a sua *Memorial*, com participação de professores e alunos. O teatro, a música e a educação física sempre foram pontos de dedicação da escola. Em 2013, seis anos depois do fechamento deste que era um dos mais tradicionais estabelecimentos de ensino da cidade, os seus ex-alunos, por meio de redes sociais, se articularam e realizaram comoventes comemorações daquele que seria o centenário do amado Colégio Cearense. As suas instalações sediavam, até 2013, a Faculdade Católica do Ceará que acaba de fechar. Nas redes sociais, na internet, nos jornais, a pergunta: “vai virar mais um shopping center?” Na próxima edição deste livro, quem sabe uma boa notícia...

Também em 1913 foi erigida a terceira estátua da cidade, a de d. Pedro II, na praça Dr. Pedro Borges, atual praça da Sé. A instalação se deu por meio do engenheiro João Nogueira, autor do livro de crônicas *Fortaleza Velha*. A escultura e o pedestal, com altura de 4,80 metros, são de autoria de Auguste Maillard. A estátua foi fundida por H. Gonot, em Paris.

\* \* \*

Em 14 de fevereiro de 1914, d. Manuel da Silva Gomes, arcebispo de Fortaleza, com ação do padre Guilherme Waessen, fundou o Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos São José, na atual praça do Cristo Redentor. Nele, o teatro São José, inaugurado em 1915, com palcos improvisados destinados às peças e ao cinema. Em março de 1984, foi ali instalado o Museu do Maracatu. Também funcionava o Centro de Convivência do idoso, que chegou a atender mais de 300 pessoas. Ambos desativados. O prédio do teatro foi tombado pelo município em 1988 e, em 2010, foi definida a sua desapropriação para transformá-lo no teatro municipal de Fortaleza. Até 2013, nada foi feito. Aguarda-se o prometido restauro, enquanto o prédio é habitualmente saqueado.

\* \* \*

Durante a seca de 1915, um dos retirantes trouxe com ele um bode. Diante da necessidade, vendeu-o a uma empresa inglesa com sede na praia de Iracema. O bode era criado solto e habituou-se a passear pelas manhãs da praça do Ferreira, “coração da cidade”, voltando mais tarde para a praia. Esse vai-e-volta era todos os dias. Assim, não demorou muito para que o Ceará-Moleque o apelidasse de “Yoyô”. Enturmado com os artistas e intelectuais da cidade, logo, logo viraria uma lenda, o companheiro de todas

as horas, com direito a servir-se de aguardente, de degustar a fita inaugural do Cine Moderno e receber homenagens da Câmara Municipal. Na época em que foi proibida a presença de animais na praça, apenas o Yoyô tinha a sua “licença” garantida. Em 1931, se ia o Yoyô para o céu dos bodes, mas a firma a qual pertencia decidiu empalhá-lo e cedeu a “peça” ao Museu do Ceará que, desde então, nunca o tirou de exposição, sendo, certamente, um grande atrativo e, por vezes, símbolo da instituição.

\* \* \*

Por trás do prédio da antiga Assembleia Legislativa, de vista para a praça dos Leões, em 1915, José Gentil inaugurou o “Palacete Brasil”, em três pavimentos, local que abrigou o Banco do Brasil e o Hotel Brasil. Em 1972, a edificação foi adquirida pela família Jereissati e, em 1994, passou por reformas. Nos pavimentos superiores é possível ver a riquíssima ornamentação e as varandas com balcões com peitoris em ferro fundido. Uma beleza.

\* \* \*

O pequeno Teatro João Caetano tinha capacidade para cerca de 400 cadeiras. Na sede, o palco se localizava

em cima de um poço, por se acreditar que melhorava a acústica. O teatro, ao lado do Clube Atlético, foi destruído por um incêndio originado de um depósito de madeiras na rua Liberato Barroso, deixando a cidade sem um teatro popular, o que fez com que as companhias de teatro, quando aqui chegavam, se apresentassem no pequeno palco do cinema Rio Branco, de Henrique Mesiano. Ciente da inexistência de um teatro popular, Plácido de Carvalho decidiria construir um cinema-teatro, edifício imponente, de três andares, encimado de um farol. Assim, na noite de 14 de julho de 1917, aconteceria a inauguração do Cine-Theatro Majestic Palace, com apresentação da transformista Fátima Míris. O Majestic tinha a frente para a praça do Ferreira, e as costas, segunda entrada, para a rua Barão do Rio Branco. No Majestic foi exibido “Anjos do Inferno”, com Jean Harlow e Ben Lyon, o primeiro filme falado na cidade, em 23 de abril de 1932. Porém, em 1955, um incêndio destruiu a parte da frente da edificação, poupando a parte posterior, correspondente à sala de espetáculos. Assim, desde aquela data, a entrada para o público das projeções passou a acontecer pela rua Barão do Rio Branco. Outro incêndio, em 1º de janeiro de 1968, destruiu de vez o cine-teatro, fazendo com que demolissem de vez o prédio. Muitas histórias interessantes nos contam dele. Grande perda, para variar.

\* \* \*

Em 1918, uma estranha sociedade tomou conta da praça do Ferreira: a “sociedade dos banqueiros”. Na realidade, homens de diversos segmentos de Fortaleza, professores, escritores, artistas, comerciantes, bancários, juristas, etc., se encontravam ao final da tarde e lá ficavam até a saída do último bonde noturno, em torno de bancos que tomavam “posse” e onde discutiam os mais variados assuntos, organizados em torno de pequenas diretorias – com direito à presidência, secretariado e outras funções variadas, conforme a necessidade específica de cada grupo. O banco à frente da antiga Pharmácia Pasteur – prédio ainda existente – se tornou mais famoso e era animado pelo jornalista Demócrito Rocha, sendo por ele denominado de banco da “Opinião Pública” (OP). Havia outros bancos, como o “da Democracia”, criado pelo poeta Irineu Filho, e do qual pertenciam o futuro reitor Antônio Martins Filho, Daniel Carneiro Job e o futuro segundo Príncipe dos Poetas Cearenses, Cruz Filho; e o “Que Não Teve Nome”, com a presença de comerciantes, funcionários públicos e médicos, dentre outros. Outro banco famoso e temido era o “dos Comunistas”. Durante o Estado Novo, os bancos da praça do Ferreira eram muito vigiados. Era comum que “infiltrados” se aproximassem com objetivo alcaguete de saber o que tanto falava aquele povo. Em 1942, em uma das reformas da praça, se mudou a posição

de seus bancos. Então, Demócrito Rocha chegou a enter-  
rar uma “pedra fundamental” do banco da Opinião Pú-  
blica, na realidade, uma urna de metal com jornais, atas,  
moedas e outras coisas do tipo. Em 1968, com a reforma  
que mudou completamente a estrutura da praça, a tal urna  
foi encontrada, mas seu “fundador” já havia falecido e não  
se sabe, pelo menos não me contaram (ainda), que fim foi  
dado a ela. No local, ao lado da nova Coluna da Hora, ain-  
da é possível encontrar uma placa comemorativa em ho-  
menagem ao banco da Opinião Pública. Com o tempo, e  
as reformas da praça, os bancos passaram a ser esquecidos  
e as sedes se deslocaram para os cafés de entorno, como  
o Avenida (térreo do Palacete Ceará), o Glória (térreo do  
antigo prédio da Intendência) e o Globo, ou em frente,  
últimos remanescentes, à porta da Casa Dummar, também  
na rua Guilherme Rocha, em frente à praça.

\* \* \*

O Grêmio Dramático Familiar – não confundir  
com o Recreio –, foi criado, em 14 de julho de 1918, por  
Carlos Câmara, autor de “A Bailarina” – peça que de fato  
inaugurou o Grêmio em 25 de janeiro de 1919 –, “O Ca-  
samento da Peraldiana”, “Zé Fidelis” e “O Calu”, dentre  
outras. Funcionava num teatrinho na rua Visconde do Rio  
Branco, onde o palco era, na verdade, um arranjado de



caixas de bacalhau coberto por palhas de coqueiro ou de carnaúba, num salão de terra batida, cercada de estopas caiadas, onde o público trazia suas cadeirinhas e tamboretas, ou se pendurava no telhado, da casa em frente, para assistir às peças. Os atores se responsabilizavam por seus trajés, e ganhavam presentes quando faziam reclames durante os seus intervalos. O sucesso desse grêmio foi tão grande que não foram poucas as vezes que o concorrido Cine-Theatro Majestic suspendia seus filmes hollywoodianos para apresentar os artistas cearenses. Outras peças do Grêmio, de igual sucesso, foram representadas no palco do Theatro José de Alencar. Dentre seus integrantes: Eurico Pinto, Augusto Guabiraba, Gracinha Padilha, Zilda Sepúlveda, Silvano Serra (muito atuante posteriormente no Grêmio Pio X, em frente à igreja do Coração de Jesus, fundado em 3 de maio de 1922, local onde viria a surgir o Pequeno Édison, um ator-menino, considerado prodígio na época), Diva Câmara (esposa de Carlos) e Diva Câmara (sua irmã e musicista, que tocava piano durante o espetáculo, assim como o jovem Lauro Maia), Inácio Ratts, o maestro Silva Novo e o cenógrafo Gérson Faria, dentre outros. Sem Carlos Câmara, falecido em 1939, fecharam-se de vez as cortinas do Grêmio Dramático Familiar.

\* \* \*

Controvérsias à parte sobre a real data de sua construção – em 1830, por Joaquim Inácio da Costa Miranda, ou na década de 1920, por Plácido Carvalho –, o certo é que, ao lado da catedral de Fortaleza, em frente ao forte, encontramos um prédio, muito descaracterizado, que sediou o Hotel Central. Mais tarde, essa edificação também acolheria a nossa Prefeitura, a Câmara de Vereadores e a primeira sede do Banco do Nordeste do Brasil (BNB). Em 1992, sediou o Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente (Cedeca) e um restaurante-escola. Com muita atenção e boa vontade, dá para lhe perceber ainda a beleza da juventude de priscas eras por trás das rugas do desamparo. O Banco do Nordeste não poderia criar um anexo ao seu Centro Cultural, agora tão próximo? Quem sabe um museu?

\* \* \*

Em 1921 foi inaugurada a estátua de Nossa Senhora da Paz, esculpida no mármore branco de carrara, em Paris, e colocada no adro da igreja de Nossa Senhora do Carmo, que teve o início de sua construção em 1893, em estilo eclético, pelo Mestre Rosa, sendo entregue para uso em 1906. No teto da igreja, podemos ainda encontrar a pintura de Ramos Cotoco.

Em 7 de setembro de 1921 foi inaugurado no centro da cidade, na rua Major Facundo, o cine Moderno, com a projeção do filme “Carmen”. O prédio, em art-nouveau, tinha uma estrutura belíssima, com duas grandes e largas torres e, na entrada, uma marquise de vidros coloridos. As bilheterias eram de madeira entalhada e possuía no *hall* gradis de bronze imitando ouro, muitos espelhos e sofás estofados em couro. Nos anos 20, o público do antes concorrido Passeio Público, atraído pela novidade do cinema, passou a deslocar-se para a praça do Ferreira, onde no entorno também o comércio se tornou mais sortido de opções de convívio. Em 19 de junho de 1930, o Moderno lançaria o cinema sonoro pelo sistema *Vitaphone*. Em 21 de maio de 1968, o prédio foi vendido ao grupo Edson Queiroz e o cinema foi fechado definitivamente.

\* \* \*

A moda e os costumes de uma nova Europa tomavam conta da sociedade, principalmente entre as mulheres: os vestidos curtos (um pouco abaixo dos joelhos), sem mangas, o cabelo à *la garçonne* (curto, igual ao dos rapazes), a intensificação da prática do flerte, um certo ar de descaso com os relacionamentos sérios e as propostas de casamento com estranhos, a reivindicação do direito ao

voto e de iguais oportunidades de trabalho<sup>13</sup>, além de o fato de estarem sendo mais encontradas em passeios nas ruas, coisa que até pouco tempo seria prática reservada aos homens, começa escandalizar a provinciana cidade a sonhar em ser moderna, mas não tanto, por não aceitar das mulheres aquela série de “modernosidades”.

\* \* \*

Sexta-feira, noite de 22 de julho de 1921. Na praça do Ferreira, cinco balas bastariam para calar a mente pródiga do poeta Mário da Silveira (1899-1921). Suspeitava-se de crime passional. Nos seus bolsos, nenhuma moeda, apenas um último poema. Seus amigos e admiradores lançariam, postumamente, em 1922, um livro: *Coroa de Rosas e de Espinhos*. Mário, morto com apenas 22 anos, era autor de “*Laus Purissimae*”, provavelmente o primeiro poema moderno no Ceará, escrito antes mesmo da Semana de Arte Moderna de São Paulo, sendo considerado precursor da corrente no Ceará. Mário chegara do Rio de Janeiro, onde trabalhara no jornal *A Pátria* como secretário de João do Rio, e onde convivera com Ronald de Carvalho e Raul de Leoni.

---

13 SILVA, Diocleciana Paula da. “Do recato à moda: moral e transgressão na Fortaleza dos anos 20, 2007”.

“Um grande amor é como o resto... A gente/ Quando menos espera, logo sente/ Apagar-se o clarão da ignota chama.// Eu sei que tudo é como o fumo leve:/ Foge... mas, porque a vida seja breve,/ Há sempre um dia mais para quem ama (SILVEIRA, Mário. “Coroa de Rosas e de Espinhos”, poema concluído em 22 de abril de 1920)<sup>14</sup>.

Por ocasião do Centenário da Independência do Brasil, em 1922, na praça da Conceição, ao lado do Seminário da Prainha, é inaugurado o monumento do Cristo Redentor. Uma coluna de 35 metros de altura – onde internamente encontrava-se uma escada helicoidal de 115 andares – construída em tijolos, revestida com elementos feitos de argamassa de cal e areia, e encimada por uma escultura de 2,70m, em alvenaria, do “Cristo Redentor”, executada por José Rangel Sobrinho, José Maria Sampaio e Vicente Leite (pintor). Os mestres Antônio Machado, Domingos Reis e Raymundo Severino Moura, membros do Círculo Operário São José, foram os responsáveis pelo projeto e pela construção da obra. Na inauguração, o monumento trazia um relógio de quatro faces, uma para cada ponto cardinal. O relógio, que não funcionava bem na coluna, foi transferido depois para a igreja dos Remédios.

---

14 SILVEIRA, Mário da. “Coroa de Rosas e de Espinhos”, em *Coroa de Rosas e de Espinhos*. Fortaleza: Coleção Nossa Cultura, Secult, 2010.

\* \* \*

Numa manhã de domingo de março de 1922, na casa de nº 794, da rua Barão do Rio Branco, foi fundada a Academia Polimática. À frente, Euclides César, o “espiritualíssimo confrade”, ladeado por outros membros, os “espirituais confrades”, frequentadores assíduos da praça do Ferreira. “Criou uma data consagrada ao culto cavaleiresco da mulher e cogitou substituir o dia da árvore por um consagrado ao nosso familiar jerico, o jumentinho das cargas de água...<sup>15</sup>” A Academia realizava passeatas cívicas, conhecidas pelas suas ações extravagantes e sempre exaltadas. O deputado Raimundo Arrais, na época, sugeriu criar um decreto que considerasse a Polimática de utilidade pública. Não aconteceu. Aliás, nunca acontece nada.

\* \* \*

Em 11 de agosto de 1922, na praça Figueira de Melo, em frente ao colégio da Imaculada Conceição, foi iniciada a construção de uma grande edificação que receberia a Escola Normal. O governador era Justiniano de Serpa. A inauguração parcial aconteceu em 23 de dezembro de 1923, pelo, então, governador Ildefonso Albano, que substituíra

---

15 MENEZES, Raimundo de. *Coisas que o tempo levou*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2006.

Serpa, recém-falecido. O engenheiro responsável foi José Gonçalves da Justa. A obra seria concluída totalmente apenas em 1934. Na praça Figueira de Melo, antiga do Asilo e do Colégio, se localizava o seu busto, onde agora se encontra o busto de Figueira de Melo.

Aqui o tendes, ó moços da minha pátria, vivo e magnânimo sob a aparência inerte de uma figura de bronze. A inteligência que o fez brilhar e agir, não se extinguiu com a sua vida, porque os grandes espíritos são essências divinas que formam o tesouro indestrutível do pensamento humano. A vida de Justiniano de Serpa é um dos belos exemplos que se podem apresentar aos moços, sobretudo aos que, como ele, não dormiram em berço de rendas nem comeram papa em colher de prata. E comparando a humildade de sua origem com a grandeza do seu destino que se tem a noção exata do seu destino que se tem a noção exata do seu valor. (SALES, Antônio, em discurso de inauguração do busto de Justiniano de Serpa. Transcrito para a *Revista da Academia Cearense de Letras*)

Em 1º de novembro daquele ano, foi criada a Farmácia e Drogaria Pasteur, na rua Major Facundo. A edificação chamava atenção pela presença de duas grandes serpentes encimando a platibanda. O prédio se encontra no mesmo local, totalmente alterado o seu térreo, e mantendo no pavi-

mento superior algumas características originais, mas sem as serpentes, embora funcione, atualmente, outra farmácia.

\* \* \*

Em 25 de janeiro de 1924, fundou-se em Fortaleza a Associação dos *Chauffeurs* do Ceará (ACC), sendo instalada em 19 de julho no prédio localizado na esquina da rua Major Facundo com a Gen. Clarindo de Queiroz. A associação teria um crescimento muito grande e anos mais tarde passaria a se denominar Associação Beneficente dos Motoristas do Ceará.

Também em 1924, no dia 27 de abril, Demócrito Rocha publicou a revista *Ceará Ilustrado*, na qual lançou o concurso para eleição do “Príncipe dos Poetas Cearenses”, cujo eleito foi o Padre Antônio Tomás. Em 1963, 22 anos após a morte do padre, e 20 da de Demócrito, nova eleição realizada, a vitória foi de Cruz Filho, e, em 1974, Jáder de Carvalho. Com o falecimento deste, em 1985, foi eleito o atual príncipe, o pacatubano Artur Eduardo Benevides, presidente de honra da Academia Cearense de Letras. Artur, em 2013, completou 90 anos comemorados por diversas instituições de cultura do Ceará.

\* \* \*



Em 1925, o aumento da passagem e a alteração dos horários dos bondes da *Ceará Tramway Light and Power* não agradaram a população, que se revoltou, quebrando, incendiando bondes, fechando o comércio de Fortaleza, principalmente da região da praça do Ferreira, e suspendendo as aulas do Liceu do Ceará, provocando o recolhimento do bondes e grande movimento policial. Durante o dia, a cada instante a polícia prendia um e outro. As notícias corriam e a polícia também.

O poeta Guilherme de Almeida chegaria em Fortaleza em 1925. No Theatro José de Alencar proferiria para um grande público a palestra “A revelação do Brasil pela poesia moderna”. Hospedou-se na casa do jornalista e crítico Gilberto Câmara, pai do musicólogo e memorialista Christiano Câmara, habitante convicto do Centro, na travessa Baturité, antiga rua da Escadinha, onde mantém o seu museu particular e assiste do quintal de sua casa à passagem do riacho Pajeú, juntamente com a inseparável e simpática Dovina.

A associação dos Jornalistas Cearenses teve a sua fundação às 19h30 do dia 5 de setembro de 1925. A iniciativa, a princípio, foi de César Magalhães (seu primeiro presidente), seguido por Gilberto Câmara, Juarez Castelo Branco, Luís Sucupira, Serra Azul, e, pouco mais tarde, Jáder de Carvalho, Demócrito Rocha, Moésia Rolim, Carlos Câmara, Matos Ibiapina e vários outros. A sua sessão

de instalação se deu na Fênix Caixeiral, esquina da rua General Sampaio com a Guilherme Rocha, em frente à praça José de Alencar. Em 26 de março de 1926, a Associação criaria a Escola Padre Mororó de alfabetização dos gazeiteiros. Em 4 de junho de 1927, data em que associou-se à Associação Brasileira de Imprensa, a entidade mudaria seu nome para Associação Cearense de Imprensa (ACI), denominação que traz até hoje. Durante muitos anos a ACI funcionou no Palacete Ceará, em frente à praça do Ferreira, tendo diversas outras sedes, inclusive a sala 314 do Excelsior Hotel, desde 1937, onde também demorou-se. Em 1928, foi ela, por iniciativa de Gilberto Câmara, que impulsionou a grande campanha-concurso para construção da estátua de José de Alencar no Centro, durante as comemorações de seu centenário. O “Soirée da Moda”, sessão noturna e elegante do Cine Moderno, exibiu “O Guarany”, filme de 1926, de Vittorio Capellaro, pela Paramount, adaptação da obra de José de Alencar, em prol de tal investida que resultou no mais belo conjunto escultórico da cidade. Em 1939, mantinha o vespertino “Programa da Imprensa”, irradiado pela Ceará Rádio Clube, a PRE-9, às sextas-feiras. Em 26 de maio de 1943, foi inaugurada a primeira Casa do Jornalista, situada na rua Senador Pompeu, 1098. Em 13 de maio de 1952, o seu presidente, Perboyre e Silva, colocou a pedra inaugural do edifício-sede da ACI, na rua Floriano Peixoto, 735. Para conseguir recursos para a construção da sede eram realizadas

as “Semanas da Imprensa”, onde acontecia a escolha das “Rainhas da Imprensa”, festa concorrida que reunia jornalistas, empresários, intelectuais, artistas e profissionais de comunicação. Em 4 de setembro de 1959, seria finalmente concluída a sede, ainda atual, no edifício denominado Perboyre e Silva. Em setembro de 2013, a jornalista Adísia Sá assumiria a presidência da entidade, com grande festa de colegas e admiradores.

\* \* \*

Em 1926, foi lançada a revista *A Farpa*, por Paulo Sarasate, Plácido Castelo, Perboyre e Silva e Parsifal Barroso, colegas da Faculdade de Direito. Os artigos eram inflamados, provocadores, exercendo oposição ao governador Moreira da Rocha, o que resultaria na prisão dos rapazes.

Em 1927, a empresa de ônibus (Humberto) Ribeiro & (Oscar) Pedreira inicia as suas atividades, sendo registrada na Junta Comercial apenas em 1928. Os ônibus da empresa tinham carrocerias de madeira. A sociedade durou pouco tempo e, já em 1929, Oscar Pedreira continuaria sozinho, implantando a linha de Jacarecanga e, depois, a do Carlito Pamplona. Devido abrigar na praça do Ferreira algumas paradas intermediárias e finais de linha, era muito fácil encontrar o empresário por lá. Ademais, quando faltava

algum de seus motoristas, tomava a direção e assumia o seu lugar, defendendo sempre o bom trato de seus clientes: os passageiros. Em 1946, a empresa de Pedreira foi a primeira a contratar mulheres para a função de “trocador”, um escândalo, na época. Oscar residiu num bangalô da av. Philomeno Gomes, em Jacarecanga, imóvel que, embora muito deteriorado, ainda guarda muitas das características originais, e dá sinais de que precisa de atenção da cidade. Assim, aconselhamos: fotografem logo!

\* \* \*

Em 1º de junho de 1927, no entorno da praça do Ferreira, o jornalista Demócrito Rocha sofreu uma emboscada de 12 oficiais da polícia, a mando do governador Moreira da Rocha. Os policiais o encurralaram, deram-lhe murros, pontapés e golpes de rebenques, afastando os populares, com ameaça de revólveres, indignados diante daquela covardia. Não bastasse, arrastaram-no, sangrando, a Photo Salles, localizada na rua Major Facundo, para fotografar o jornalista espancado, uma prova da eficiência militar. Após o incidente, Demócrito, que era bastante conhecido pelas suas notas de *O Ceará*, foi levado por uma grande massa de pessoas a sua casa que, naquele momento, recebia diversos amigos, jornalistas, políticos, escritores, professores, estudantes de odontologia – era também

cirurgião-dentista – e o violinista e maestro Henrique Jorge. Alta madrugada, eles ali ficariam, unidos em oratórias e em vigília ao seu porta-voz.

Neste ano, pela Tipografia Urânia, seria publicado *O Canto Novo da Raça*, de Jáder de Carvalho, Sidney Netto, Franklin Nascimento e Mozart Firmeza (Pereira Júnior). Sânzio de Azevedo o acusa como “livro inaugural do Modernismo no Ceará”. A obra anunciava a homenagem a Ronald de Carvalho.

Amo-te, Fortaleza, amo-te/ com teu céu cor do Sonho, de onde, à noite, escorre, lenta/a cocaína de alumínio do luar;/ com teu mar de legenda, que, recuando, recuando,/ mais te afaga e te beija, com saudade de ti;/ com teu sol de oiro candente/ que é bem/ – na plenitude do beijo em que te abrasa – o mais real e mais sincero de todos os sóis;// [...] com tua querida Praça irrequieta:/ a medalha de oiro e esmeralda/ que ostentas ao colo, presa/ ao trancelim inextricável dos mil fios elétricos; com teus bondinhos verdes e cinzentos; com os barões coloridos de teus ônibus bojudos;/ com teus autos chispantes, senhoris, de mistura/ com ford-zinhos pernaltas;/ com teus gazeteiros a apregoarem,/ metálicos, cantantes,/ tuas folhas tagarelas como as comadres;/ com teu Passeio Público de estátuas helênicas e/ quermesses:/ vitrine onde

se expõem, semanalmente,/ tuas joias tropicais  
de beleza gritante,/ de beleza gritante, gritante!  
Como um cartaz americano [...] (NASCIMEN-  
TO, Franklin. “Em Louvor da Princesa do Verde  
Mar...”, *O Canto Novo da Raça*, 2011)

No final de década de 1920 para 1930, quando a população da cidade contava de 77 a 123 mil habitantes, houve deslocamentos dos setores mais abastados e das elites do Centro para outras áreas urbanas consideradas, então, mais confortáveis e com mais privacidade para se viver. Surgiriam assim os bairros elegantes, como Jacarecanga – o primeiro deles –, a Praia de Iracema e Aldeota. Na verdade, desde 1915, com a seca, algumas famílias já estavam incomodadas com a invasão de retirantes na cidade. Então, aproveitaram o caminho da rua Guilherme Rocha (antiga travessa Municipal) em rumo ao arrabalde de Jacarecanga para tomar o novo rumo. Naqueles tempos, o comércio de pregoeiros era intenso. Via-se padeiros, peixeiros, vendedores de iguarias (doces, bolos, rapaduras), de artigos de utilidade, de jornais e até de leiteiros, que vendiam leite mugido na hora, ali, na portas das casas. O desenvolvimento dos meios de transporte, bondes, ônibus e trens, aos poucos, contribuía também para o surgimento e fortalecimento de novos bairros.

\* \* \*

Durante muito tempo, na cidade, a água era coletada em cacimbas de praças ou no fundo de quintais – onde conviviam com a criação de galinhas, de porcos, pomares ou pequenas hortas –, em chafarizes, ou comprada em carroças e em mulas aguadeiras. Na praça do Encanamento – mais tarde praça Visconde de Pelotas; depois, em 1937, praça da Bandeira, e, a partir de 1859 até os dias atuais, praça Clóvis Beviláqua – foram construídas imensas caixas d’água. As obras de instalação iniciaram-se em junho de 1911. Muitas de suas peças e canos foram deixados expostos à maresia durante anos, se desgastando completamente. A obra só ficou pronta em maio de 1926. Naquela região, anteriormente, se encontrava o Matadouro Modelo e o curral do açougue, mais tarde transferidos para a Estrada do Soure (atual Bezerra de Menezes), mais precisamente onde hoje se localiza a estação do Otávio Bonfim.

\* \* \*

Em 7 de janeiro de 1928, surgiu em Fortaleza o jornal O POVO, o mais antigo ainda em exercício. Demócrito Rocha, seu fundador, havia trabalhado em *O Ceará*, de Matos Ibiapina, onde era diretor literário e assinava sob o pseudônimo de “Barão de Almofala”. A primeira sede de O POVO foi na rua do Rosário, 158, de frente para a praça dos Leões.

Em 7 de abril de 1929, já na segunda sede, na rua Barão do Rio Branco, 239 – onde permaneceria até 13 de setembro de 1930 –, Demócrito, ao lado de Paulo Sarasate e Mário de Andrade (do Norte), lançou a revista *Maracajá*, “folha modernista do Ceará”. Tão atuante era a presença cearense nos primeiros anos do modernismo, que alguns dos textos publicados em *Maracajá* foram reproduzidos na famosa *Revista de Antropofagia* e em outros periódicos de outros estados.

Olhe, menino, você não deve comprar esta revista. Compre seu chocolate e vá ao cinema berrar seu entusiasmo pelo caubói. Olhe, menina (sei lá quantos anos você tem), você não deve comprar esta revista. Compre seu ruge, o seu carmin – faça do rosto duas papoulas e dos lábios anêmicos – com que você desperta o coração sangrento que ri para toda a gente fútil da cidade. Olhe, coronel, você não deve comprar esta revista. Você não entenderá nada do que ela contém e ficará arrependido dos níqueis que arrancou da bolsa. Guarde seu dinheiro para o champanhe da francesinha. Olhe, almofadinha, você não deve comprar esta revista para fingir que sabe ler e é rapaz de espírito. Guarde seu dinheiro para as prestações do alfaiate. Olhe, garoto, você não apregoe Maracajá. Água, conselho e Maracajá só devemos dar a quem chama a gente a um canto e pede baixinho. Olhem,



vocês todos, fiquem certos de que Maracajá é um gato selvagem de boas garras e basta-lhe o mato para viver. (ROCHA, Demócrito, assinando como “Antônio Garrido”, para a *Maracajá* nº 1, 1929)

A *Maracajá* chegou a ter apenas dois números, mas o suficiente para provocar barulho, apontar o Ceará como um dos primeiros estados brasileiros a aderirem ao modernismo e divulgar seus autores para o país. O poeta Raul Bopp, integrante da Semana de Arte Moderna, autor de *Cobra Norato*, um dos mais representativos títulos do Movimento Antropofágico, nos tempos de *Maracajá*, veio ao Ceará, confraternizou com os modernistas “de cá” e, com eles, durante tempos, trocou correspondência e os divulgou. O POVO, de 13 de setembro de 1930 a 11 de agosto de 1941, passaria a funcionar na rua Major Facundo, 252. De 11 de agosto de 1941 a 22 de setembro de 1973, teria sede na rua Senador Pompeu, 1088, e, depois desta data, o jornal definitivamente sairia do Centro, adotando uma sede própria, no edifício Demócrito Rocha, na av. Aguanambi, 282, onde funciona o Grupo de Comunicação O POVO: jornal, rádio (AM e FM), TV, Portal e a Fundação Demócrito Rocha.

\* \* \*

Em 1929, por ocasião do centenário de José de Alencar, o pai do romance nacional, a praça Marquês do Herval, antiga praça do Patrocínio, passou a emprestar o nome do escritor e recebeu em seu centro um monumento em estilo art-déco, inaugurado em 1º de maio, que teve como escultor, selecionado por concurso público, o paulista Humberto Bartholomeu Cozzo. A obra é, “sem sombra de dúvida, o mais belo conjunto escultórico da cidade de Fortaleza<sup>16</sup>.” Foi mal recebida por alguns, posição manifestada por Edigar de Alencar e Elias Malmann, e confirmada em declarações de Gustavo Barroso. A praça José de Alencar tornou-se um dos logradouros mais utilizados e visitados na cidade. Passou durante esse tempo, por altos e baixos. Em 1979, durante a gestão do prefeito Lúcio Alcântara, passou por larga reforma e, pouco depois, passou a ser terminal de ônibus. Devido ao grande fluxo de pessoas, naturalmente, o comércio ambulante se transferiria para lá, assim como as garapeiras, merendeiros, engraxates, taxistas, mendigos e vadios. Em 13 de abril de 1988 passou por outra radical reforma. Até os dias de hoje, infelizmente, não se encontra uma solução para a melhoria da praça José de Alencar que, na minha visão, não tem identidade.

\* \* \*

---

16 FILHO, José Capelo e SARMIENTO, Lidia. *Guia Arquitetônico: Fortaleza – Centro*. Fortaleza: Oficina de Projetos, 2006.

Em 1930, a praça da Lagoinha – denominação original desta que já teve diversos nomes, como: Coronel Teodorico (1881), 16 de Novembro (1890) e Comendador Teodorico (1891) – recebeu em grande festa uma fonte luminosa e colorida, fabricada em Hamburgo, Alemanha. Foi a primeira do gênero a ser instalada em Fortaleza: “Feita de zinco e capeada em cobre, logo recebeu uma pintura de tinta verde. São três cavalos marinhos, oito cabeças de leão, três nereidas e quatro leões em forma de nuvens<sup>17</sup>”. Na época da instalação, a praça era denominada Tomás Pompeu de Sousa Brasil. A fonte permaneceria intacta até 1950, quando sofreria alterações e seria instalada, em 1966, no cruzamento das avenidas da Universidade e 13 de Maio e, por fim, em 1974, seria levada para o depósito da Superintendência Municipal de Obras e Viação/Sumov. Em 1983, com recursos do Banco do Nordeste do Brasil, a fonte foi restaurada, sob a supervisão de Pedro Eymar Costa, e implantada na praça General Murilo Borges. Na praça Capistrano de Abreu, a sempre “da Lagoinha”, muito descaracterizada e desqualificada nos dias atuais, encontrava-se a estátua de Capistrano de Abreu, executada por Hildegardo Leão, um dos escultores que participaram da Semana de Arte Moderna, também autor da estátua em bronze de Alberto Nepomuceno, localizada no início da avenida que leva o seu nome. A estátua do historiador foi roubada em abril de 2003, sendo encontrada

---

17 FILHO, José Capelo e SARMIENTO, Lidia. *Guia Arquitetônico: Fortaleza – Centro*. Fortaleza: Oficina de Projetos, 2006.

tempos depois, crivada de balas, numa favela da capital. O caso resultou num curta, em 2006, de Firmino Holanda: “Capistrano no Quilo”.

\* \* \*

11 de junho de 1930 é a data do assassinato do jornalista Antônio Drummond, em sua mesa de trabalho, no *Gazeta de Notícias*, situado na rua Barão do Rio Branco. O motivo: a campanha do jornalista contra o governo de Matos Peixoto. O juiz Virgílio Gomes, apontado como mandante do crime, foi julgado em 25 de setembro daquele ano, sendo condenado a 29 anos e 9 meses de reclusão, o que não chegou a cumprir, pois, contraindo tuberculose, faleceu em 1932, em sua prisão domiciliar em um sítio em Maranguape. Na época, o escândalo foi grande pelo vulto que teria ambos os personagens, além de um terceiro apontado como coautor do crime: Leiria de Andrade, professor da Faculdade de Direito. A acusação alegava que Andrade teria trazido de sua fazenda em Guaiuba o ex-detento e assassino Antônio Clementino, e a ele tivesse dado um revólver e o apresentado a Virgílio. Com o processo reaberto depois da Revolução de 30, ele seria indiciado e receberia a ordem de prisão. Influente, pediu que esta acontecesse em local escolhido por ele, na famosa Confeitaria Crystal, na rua Major Facundo, em 3 de fevereiro de 1932, às 16h, onde uma tur-

ma formada de admiradores, alunos, ex-alunos e colegas da faculdade o acompanhariam de lá até a cadeia pública, de onde depois seria transferido para o quartel da Polícia Militar, na praça José Bonifácio. O prédio art-déco da Crystal, confeitaria e pastelaria que ladeava (esquerdo) o cine Moderno, ainda pode ser visto, assim como o do Café Sport, ao seu lado direito. A defesa de Andrade ficou por conta de Gustavo Braga e Jáder de Carvalho, além do próprio acusado, que após ocupar a tribuna por horas e horas foi inocentado. Leiria de Andrade, depois do episódio, foi morar no Rio de Janeiro, não mais retornando ao Ceará. Uma curiosidade: as ruas Leiria de Andrade e Antônio Drummond integram o bairro do Monte Castelo, paralelas, lado a lado, o que garante de nunca se encontrarem, a não ser no infinito...

Enquanto a massa descalça/ De fome vira bagaço/ O Peixoto pé-de-valsa/ Vive em festas no Palácio.// Dança, dança, dançarino, [*o governador Matos Peixoto*]/ Até doer as virilhas/ Que o teu governo cretino/ Só vale pros “Maravilhas” [como eram denominados os puxa-sacos daquela época] (J.J. para *O Ceará*<sup>18</sup>)

Demócrito Rocha, que estava sendo perseguido pela polícia, e, por isso, há tempos não aparecia em sua

---

18 LEITÃO, Juarez. *A Praça do Ferreira: república do Ceará Moleque*. Fortaleza, Ed. Livro Técnico, 2002.

casa, em 8 de outubro de 1930, anunciaria do Palacete Ceará (prédio da Caixa Econômica do Centro) a vitória revolucionária e a deposição do presidente do Estado do Ceará, o sr. Matos Peixoto, o “dançarino” – chamado assim pelas constantes festas dançantes que promovia para amigos e confrades no Palácio da Luz –, sendo levado nos braços do povo para o coreto da praça do Ferreira no qual discursou sob aplausos efusivos: “Como um tubo de matéria fecal jogada ao monturo, caiu o governo podre que infelicitava o Ceará!”<sup>19</sup> Após Demócrito, discursariam Fernandes Távora, que saía da prisão, Moraes Correa e José da Borba Vasconcelos. Foram eles levados pelo povo ao Palácio da Luz, onde Távora tomaria posse do governo, sob aclamação popular. Na entrada do Palácio, o moleque Ceará colocaria a faixa: “Nesta casa, a partir de hoje, não se dança mais!” No mesmo dia, Quintino Cunha, naquele mesmo coreto da praça, convidava o povo para que, juntos, fossem ao Benfica para destruir dois pilares indicativos da, então, av. Washington Luís, e que lá colocassem, como foi feito, um cartaz de cartolina, onde se lia, em manuscrito: “Avenida João Pessoa, homenagem do povo cearense ao mártir do civismo nacional”.

Justamente após a década de 1930, ano-marco do final da *Belle Époque* cearense, a cidade perdeu seu “con-

---

19 JOB, Daniel Carneiro. *Praça do Ferreira: o inédito, o sério, o pitoresco*. 2ª ed. Fortaleza: Funcet/Prefeitura de Fortaleza, 1992.

trole”, passando a crescer de forma mais desordenada e sem soluções de um plano urbanístico e/ou diretor. Favelas cresciam todos os dias, alimentadas pelo grande fluxo de retirantes que chegavam, seca vai, seca vem, a Fortaleza. Mais comumente seriam encontradas construções irregulares por conta da especulação imobiliária, além do descuido com as calçadas, fachadas das casas e logradouros. O Centro continuaria a perder seus moradores, número este que vem sendo reduzido cada vez mais até os dias atuais, nos quais quase não encontramos mais moradias residenciais, piorando a situação com elevados índices de insegurança e de violência apresentados, pelo menos, até 2013.

\* \* \*

João Dummar, proprietário da Casa Dummar, comércio localizado no entorno da praça do Ferreira, em 28 de agosto de 1931, fundou a Ceará Rádio Clube, a PRE-9. Em 30 de maio de 1934, foram inauguradas as instalações da rádio, que receberia em seus programas de auditório, durante a “Era Dourada do Rádio”, cantores e músicos nacionais e locais. Na época, a Rádio recebia retorno de ouvintes da Austrália, África do Sul, Califórnia, Inglaterra, dentre outros. O seu segundo estúdio, no Edifício Diogo, na rua Barão do Rio Branco, chegou a ter dois pianos – um francês, de cauda, e um nacional, baú. Nos cafés de Fortaleza se

encontravam pequenos radio-receptores em caixas de madeira, através das quais se ouviam os noticiários e a programação musical, além de alto-falantes distribuídos em pontos estratégicos da cidade, inclusive na Coluna da Hora da praça do Ferreira. Na sede da PRE-9, além da participação de cantores e cantoras, como Lauro Maia, Altair Ribeiro, João Milfont, as Irmãs Gondim, o grupo 4 Ases e 1 Coringa, dentre outros, também se formou uma orquestra de câmara, dirigida por Hércules Vareto, maestro italiano. E, daí, surgiu-lhe grande problema: era período de guerra. A Itália fazia parte do “Eixo” aliado da Alemanha de Hitler. Na época, João mandou colocar, no topo do Ed. Diogo uma série de pisca-piscas. Então, correu a boataria de que “aquilo” emitia mensagens codificadas do “italiano” (o maestro) para os submarinos inimigos. O cônsul americano em Fortaleza ameaçou fechar a emissora com denúncia ao governo, o que só não aconteceu devido à intervenção do amigo Demócrito Rocha. Mas com a demora injustificada do governo getulista em fornecer a concessão oficial para funcionamento da Rádio, em 11 de janeiro de 1944, João Dummar se renderia à proposta de Assis Chateaubriand, não por acaso, amigo de Getúlio, vendendo a sua rádio para a rede dos Diários e Rádios Associados.

\* \* \*



Em 31 de dezembro de 1931, às 17h, no local onde se encontrava o sobrado do comendador Machado, é inaugurado, por iniciativa de Plácido de Carvalho, o Excelsior Hotel, primeiro grande arranha-céu da cidade – diziam ser o maior edifício em alvenaria do mundo, o que não é verdade. O engenheiro Natale Rossi acompanhou a obra. Os balcões em serralheria de ferro (em formas diversas) e o dossel de vidro sobre a entrada principal foram feitos por italianos residentes em São Paulo. Também italianos fizeram o reboco externo e o estuque na parte interna do prédio. A fachada é inspirada na arquitetura italiana do início do século XX. O hotel era, sem dúvida, um dos mais cobiçados do Nordeste, abrigando diversas personalidades da época. Com o tempo, mudanças dos tempos, esvaziou. O velho Emílio Hinko, o arquiteto, chegou a ser o único morador do prédio, onde assistia ao movimento de sua sacada, causando curiosidade nos passantes. Hoje, o prédio ganha vida em dezembro, nas festividades de Natal, quando crianças, durante o “Natal de Luz”, cantam em coro, de suas sacadas, tradicionais músicas natalinas. O evento, que reúne muitos dos frequentadores da praça do Ferreira, e mesmo pessoas que nunca por lá passariam, não fosse o Coral, acontece há mais de 15 anos.

\* \* \*

O Museu Histórico do Ceará foi criado em 1932, em conjunto com o Arquivo Público do Estado do Ceará. Em 1951, o Arquivo foi “separado” do Museu, sendo acolhido no prédio da antiga Assembleia Provincial, enquanto a sede do Museu continuava, até 1957, em edifício, não mais existente, na praça da Sé. Em 1967, o Museu seria integrado à Secretaria da Cultura do Ceará, o que aconteceria, em 1968, com o Arquivo que, desde 1932 era vinculado à Secretaria do Interior e Justiça. Em 1998, o Museu passaria a ser sediado no Palacete Senador Alencar, onde se encontra até hoje, sendo reinaugurado em 25 de março, em comemoração aos 144 anos da abolição da escravatura no Ceará. Desde 1993, o Arquivo Público encontra-se parcialmente – existe um acervo “intermediário” em imóvel na rua Pinto Madeira – no Solar de Fernandes Vieira, na rua Senador Alencar com Senador Pompeu, prédio construído por volta de 1880, em dois pavimentos, com diversos janelões no térreo e sacadas no andar superior.

\* \* \*

Estava marcado para o dia 19 de janeiro de 1931 a “Passeata da Fome”, organizada pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) em muitas cidades do país, onde desempregados se reuniram para denunciar as condições de

miséria pelas quais estavam passando. Fernandes Távora, ciente do movimento, promoveu diligências, recolheu panfletos, prendeu 56 operários, donde 16 seriam imediatamente deportados para o Rio de Janeiro<sup>20</sup>.

\* \* \*

A seca de 1932 foi, ironicamente, a gota d'água. Eram incontáveis os flagelados que chegavam à capital em busca de ajuda. As autoridades barravam a sua entrada na cidade, contendo-os em campos de concentração, chamados pelos populares de “currais” (abarracamentos ou áreas cercadas por tapumes e arame farpado, vigiados e contidos pela polícia, de maneira que só se saía de lá para trabalhar em frentes do governo, onde a mão de obra era abertamente explorada), próximos às estações de trem, como no Pirambu, no Arraial Moura Brasil e no Otávio Bonfim, por exemplo. Com o tempo, a coisa toda foi se acomodando, de forma que nos anos de 1940 para 1950, pela dificuldade de empregar a mão de obra disponível na cidade, começou a crescer muito e desordenadamente o número de ambulantes e o comércio no Centro, o que percebemos ainda hoje, por meio dos inúmeros camelôs e do crescimento do mercado informal.

---

20 SOUZA, Simone, “Interventorias no Ceará: política e sociedade (1930-1935)”, 2009.

1932 foi também o ano de inauguração da praça dos Voluntários, uma homenagem aos cearenses que seguiram para a Guerra do Paraguai. Antes o local era chamado de Largo do Garrote, em referência ao lago que servia para matar a sede do gado que vinha de Messejana, local aprazível onde os comboieiros tinham seu pouso e descanso. Em torno da lagoa e embaixo dos cajueiros eram abatidos os animais e lá mesmo se faziam as vezes de açougue. Durante a campanha de formação do 26º Batalhão de Voluntários da Pátria, em 1865, chamavam o local de Largo dos Voluntários da Pátria, mas, em 1932, apenas praça dos Voluntários. Em 1941 a praça seria remodelada. Nela seria colocado o busto do, então, presidente Getúlio Vargas, de autoria de Agostinho Odísio, fundido na Fundição Cearense, com cantaria de Mário Rosal.

\* \* \*

Em 1934 foi inaugurada a Pharmácia Oswaldo Cruz, com sede em uma construção de Plácido de Carvalho, de 1927. É a farmácia mais antiga de Fortaleza, ainda em operação, localizada na rua Major Facundo, quase esquina com a rua Pedro Borges, onde funciona, também no entorno da praça do Ferreira, a pastelaria Leão do Sul, inaugurada em 1926, sendo no comércio, atualmente, a mais antiga da cidade, famosa por seus pastéis saboreados com a doce garapa (caldo) de cana.

\* \* \*

A diretoria provisória da Associação dos Gazeteiros de Fortaleza instalou-se em sede anexa à da Associação Cearense de Imprensa (ACI), na rua Senador Pompeu, ao lado da redação do O POVO, em 1º de março de 1935.

Antigamente, décadas de 1930 e 1940, existiam em Fortaleza, nas praças, principalmente na do Ferreira, umas armações de ferro que rodeavam os troncos dos ficus-benjamins onde eram colocadas as principais notícias dos jornais do dia, que logo foram apelidadas de “placar”. É comum em uma foto antiga ver pessoas ao redor das árvores procurando ler as notícias. (AZEVEDO, Miguel Ângelo “Nirez”)

\* \* \*

Na noite de carnaval de 4 de março de 1935, antes das 21h, na rua Major Facundo, ao lado da praça do Ferreira, um tiroteio espantava a multidão que brincava em blocos. Três mortos, membros da Guarda Civil e da Inspetoria de Veículos, e dezenas de feridos. Naquela tarde, dentre os cursos que desfilaram, um chamava mais a atenção: o “Galinha Verde”, que ostentava, sob a proteção

dos que mais tarde seriam assassinados, uma galinha verde que em cada asa trazia o símbolo integralista. A provocação não ficou por menos. Alguns dos fanáticos integralistas, aproveitando a multidão, assassinaram ali mesmo aqueles que protegeram o corso. A polícia chegou, dispersou a multidão, deixou escapar os assassinos e o caso caiu na desmemória da fidelidade oficial.

\* \* \*

Nos anos compreendidos entre 1940 e 1950, a gradual instalação de favelas nas redondezas do arrabalde de Jacarecanga fez com que seus moradores buscassem residência em outros sítios, como a Aldeota e a Praia de Iracema. Na época, consolidavam-se as favelas do Mucuripe, Lagamar, Meireles, Campo do América, Arraial Moura Brasil, Pirambu, dentre outras.

Em 1940 foi inaugurada a Assistência Municipal, denominada atualmente de Instituto José Frota/IJF. Até hoje o maior hospital público de atendimento de emergência do Ceará, local que abriga pacientes que chegam de todos os cantos do estado, e, por isso, sempre problemático, doente, sequeloso, à espera do diagnóstico correto, da incisão bem feita e de prognóstico feliz, antes do estertor final de uma falência múltipla de órgãos.

\* \* \*

Em 7 de setembro de 1940, às 17h, com a exibição do musical “Balalaika” – com Nelson Eddy e Ilona Massey –, foi inaugurado, em estilo art-déco, o requintado cine Diogo, de Luiz Severiano Ribeiro, “a mais luxuosa casa de exibição cinematográfica do Norte do Brasil<sup>21</sup>”, com capacidade para 995 pessoas. O cinema se localizava no edifício homônimo – considerado o segundo arranha-céu da cidade –, de nove andares em azul-anil, de José Diogo de Siqueira, na rua Barão do Rio Branco. Com a chegada do Diogo, o único com “ar refrigerado” da cidade, embora por pouco tempo, pois logo apresentou problemas, o Majestic e o Moderno começaram a declinar, sendo comuns as sessões a “preços populares”. Na inauguração estavam presentes o próprio Luiz Severiano Ribeiro e o interventor Menezes Pimentel. O comércio do entorno aqueceu com a presença do cinema. Grandes lojas surgiram em substituição às mais modestas. Seria este denominado “quarteirão sucesso” da cidade. No mesmo edifício funcionaria a Ceará Rádio Clube, que manteria reuniões e eventos culturais, juntamente com a Sociedade Cearense de Fotografia e Cinema e o Clube de Cinema de Fortaleza. Era concorrida, pela juventude da época, a sua “sessão das 4”, famosa pelas “anúguas farfalhantes e zoadentas”, como conta o

---

21 *Gazeta de Notícias*, em 7 de setembro de 1940.

radialista-mor Narcélio Limaverde. Quem não tivesse seu paletó – era obrigatório o uso do traje – poderia alugar um na casa de lanches “Cabana” com o Osmar Damasceno. Naqueles anos de 1940, por conta da II Guerra Mundial, com a chegada dos “gringos” do Tio Sam, a cultura norte-americana ganhou evidência na cidade. Um dos maiores veículos de sua propagação era o cinema, todos localizados no Centro. Hollywood parecia ser aqui. Mudando o comportamento de jovens, sua forma de vestir, de cortar os cabelos, de comer e de beber. A adoção de modelos culturais estrangeiros (leia-se “mania de imitar”) sempre foi considerada pela elite como forma prática de alcançar o moderno, o progresso e a civilidade. Entretanto, as moças mais moderninhas, adeptas dos hábitos estadunidenses passavam logo a ser marginalizadas, criticadas, sob a alcunha de “coca-colas”. Com a chegada do Cine São Luiz, em 1958, o Diogo caiu para segundo plano. A partir de 18 de março de 1967, com apoio do Clube de Cinema de Fortaleza, passou a apresentar um sessão de arte, a princípio, nos sábados pela manhã, às 10h, e, depois, às 23h da sexta-feira. As sessões de arte aconteceram por mais de 10 anos. Em 1990, no jornal O POVO, se falava da importância de preservação do cine Diogo, quando naquele momento discutiam calorosamente, quase como se fosse sério, sabe sobre o quê? “Revitalização do Centro”. Não diga... Contudo, em 24 de janeiro de 1997, teria início o desmonte do cinema, o que culminou, em 30 de janeiro,



às 21 horas, na sua última exibição, “Romeu + Julieta”, com Leonardo Di Caprio e Claire Danes – péssimo filme –, para um público de cerca de 30 pessoas, donde, entre elas, eu, aos 30, sofrendo feito um condenado de uma doença incurável, tratada homeopaticamente por doses a perder de vista de desilusões.

Em 30 de junho de 1941, foi criado, em reunião no Centro Estudantal Cearense, na rua Floriano Peixoto, o Centro Cultural de Belas-Artes. Entre os seus integrantes: Mário Baratta, Gérson Faria, Antônio Bandeira, Afonso Bruno, Luís Índio Cordeiro, Raimundo Kampos, Otacílio de Azevedo, Rubens de Azevedo, Barbosa Leite, entre outros. A princípio, o CCBA se abrigou no Benfica, mas, sendo depois “despejado”, seria instalado nos altos do Palacete Ceará e, posteriormente, em 27 de agosto de 1944, com o nome de Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP), se localizou no prédio da Intendência. Em 1953, viria à luz a Escola de Belas-Artes da SCAP, na rua Liberato Barroso, 758. O presidente da instituição era o pintor Nilo Firmeza, o Estrigas, e a direção da escola estava a cargo de Carlos Ribeiro Pamplona. O curso duraria cinco anos e não conseguiu formar uma única turma. Os motivos expostos foram vários, resultando em polêmica entre artistas da cidade. A SCAP teria o seu fim em 1958.

\* \* \*

Durante a seca de 1942, o governo divulgou campanha de recrutamento de “soldados da borracha”, com o objetivo de garantir a extração de látex na Amazônia, produto bastante procurado, na época, principalmente pelos “brother” Estados Unidos. Os recrutados eram pessoas muito pobres que pensavam em conseguir melhores condições de vida. Entretanto, as condições que eles encontraram eram as piores possíveis. Muitos dos que se foram, nunca mais voltaram.

Janeiro de 1942, o Ceará em período de seca, de repente, por alguns dias se viu um céu nublado, “bonito pra chover”, um refrigério para os diversos passantes e banquistas da praça do Ferreira à espera de assistir às saias revoltas das normalistas ao cruzarem a ventilada “Esquina do Pecado” (rua Guilherme Rocha com Major Facundo). Até que, no dia 30, o sol ameaçava sair, brilhante e terrível. Um jornalista de O POVO, ao atravessar a praça, relatou, naquele mesmo dia, em matéria não assinada, “o esforço desesperado do sol para aparecer”. Contou-nos: “Olhando para o alto e apontando, começaram uma demonstração estrondosa, vaiando o astro vencido e apagado, naquele momento, num grito uníssono de várias bocas. Mas afinal o velho Rei das alturas venceu, botando todo corpo vermelho para fora das nuvens e dispersando os vaiadores”. Esse foi o dia em que a

praça do Ferreira vaiou o sol, momento emblemático-ápice da irreverência e molecagem cearense.

\* \* \*

Orson Welles, cineasta norte-americano, que em 1941 havia produzido o longa-metragem “Cidadão Kane”, uma das maiores películas do cinema mundial, veio ao Ceará, em 8 de março de 1942, para filmar a parte cearense de “It’sAll True”, que devido a vários motivos, dentre eles a desastrosa morte do jangadeiro Jacaré durante as filmagens, a censura do Estado Novo – as cenas de Welles mostravam as favelas, pescadores pobres, negros dançando carnaval – e a suspensão das verbas para continuidade, nunca foi finalizado. No filme, a saga dos jangadeiros – Jacaré, Jerônimo, Tatá e Manuel Preto – que foram de jangada ao Rio de Janeiro, uma viagem de sessenta e um dias, para falar com o presidente Getúlio, pedindo melhores condições de trabalho, fato que chamou a atenção do país. Conseguiram falar com ele, tornaram-se matéria na revista *Time* e voltariam de avião da Navegação Aérea Brasileira, sendo muito bem recebidos pela imprensa local. Welles também veio de avião pela mesma companhia, desembarcou no aeródromo do Alto da Balança, hospedou-se no Excelsior Hotel e chegou a ser barrado na entrada do cine Diogo por não estar de paletó. Durante as filmagens,

convidou o cearense Chico Albuquerque para fazer a fotografia/*still* do trabalho. Morreria de ataque cardíaco, na Califórnia, em 1985. Após a sua morte, descobriram que pouco mais dos 40 minutos sem cortes da “parte cearense” estava preservada. No documentário se pode ver os pescadores trabalhando na construção de jangadas ou fazendo redes, além de ótimas imagens das praias do Mucuripe.

O I Congresso de Poesia do Ceará tem início em 1º de agosto de 1942, no Theatro José de Alencar, com o discurso de abertura do poeta Filgueiras Lima, representando os “modernistas de 28”, a “geração Maracajá” (revista publicada em 1929). Dentre seus participantes: Mário Sobreira de Andrade (autor do “Manifesto do Congresso”, que seria lido pelo jovem Eduardo Campos), Antônio Girão Barroso, Joaquim Alves, Aluísio Medeiros, Eduardo Campo se Raimundo Ivan de Oliveira. Entretanto, o Congresso não pôde ser finalizado, pois, em 18 de agosto se deu uma grande passeata realizada por estudantes do curso de Direito contra os países aliados do Eixo: Itália, Alemanha e Japão. A manifestação, a princípio pacífica, resultou num selvagem “quebra-quebra”, na qual manifestantes exaltados incendiaram, depredaram e mesmo saquearam os estabelecimentos comerciais e residenciais pertencentes a pessoas originárias dos países envolvidos no conflito. Todavia, como resultado do Congresso, a fundação da Cooperativa de Letras e Artes, a iniciativa de realização do I Congresso

Cearense de Escritores e a formação do CLÃ. Aliás, o CLÃ e a SCAP teriam uma parceria que seria definitiva para o desenvolvimento de ambos.

Em 1943, foi organizada em Fortaleza a Associação Brasileira de Escritores (ABDE) – seção Ceará, cuja presidência foi assumida por Fran Martins. Uma das primeiras ações da ABDE foi criar uma editora-distribuidora cujo nome seria “Edições CLÃ”. A sua primeira publicação, uma plaqueta, *Três Discursos*, de Mário de Andrade (do Norte), Eduardo Campos e Antônio Girão Barroso. Várias obras foram publicadas no guarda-chuva do CLÃ, o que explica o porquê de o “grupo” ter expandido de maneira tão espontânea, a ponto dos próprios integrantes não saberem exatamente o que os demais estavam fazendo. Outra ação na época foi a criação do “Clube do Livro”, que servia à finalidade de promover as obras da editora.

“CLA”, como sairia na experimental e primeira *Revista CLÃ*, a de número “0”, de dezembro de 1946, significava “Clube de Literatura e Arte”, como queria Antônio Girão Barroso, daí “CLA”, sem o til. Otacílio Colares explica que, sobre a ideia original de Barroso, pensou-se em “Clube de Literatura e Arte Moderna”, ou seja, “CLAM”, ficando então “CLÃ”, fato confirmado por Mozart Soriano Aderaldo. Dentre os membros do grupo: Joaquim Alves, Fran Martins, Antônio Girão Barroso, Stênio Lopes (criador, no

Crato, do Congresso SEM Poesia, em represália ao “I Congresso de Poesia” realizado em Fortaleza, por não entender como se podia falar em poesia em tempos de guerra), Aluísio Medeiros, Artur Eduardo Benevides, Eduardo Campos, Moreira Campos, Braga Montenegro, Mozart Soriano Aderaldo, Lúcia Martins, Milton Dias, João Clímaco Bezerra, Cláudio Martins, Durval Aires, Pedro Paulo Montenegro, Otacílio Colares e Antônio Martins Filho. O número zero da *Revista Clã* foi composto e impresso pela Cooperativa Edições CLÃ Ltda, na rua Gonçalves Ledo, Aldeota, sob a direção de Antônio Girão Barroso, Aluísio Medeiros e João Clímaco Bezerra, no ano em que também foram publicados pelo grupo: *Noite Feliz*, de Fran Martins; *Roteiro de Eça de Queiroz*, de Stênio Lopes; *Face Iluminada*, de Eduardo Campos e *Os Hóspedes*, de Antônio Girão Barroso, Aluísio Medeiros, Otacílio Colares e Artur Eduardo Benevides. A partir da CLÃ nº 1 até a nº 14, o Instituto do Ceará assumiria os serviços. Desde a nº 15, com raras exceções, a Imprensa Universitária os faria, sendo que, da nº 2, em diante, a direção da *Revista CLÃ* ficaria a cargo de Fran Martins.

“CLÃ não é, apenas, uma revista de literatura. É, antes, uma revista de todo o Ceará mental. Aqui, na medida do possível, recolheremos o trabalho dos nossos homens de letras e de pensamento, pois a pretensão que nos anima é sermos porta de saída da melhor produção intelectual da gente cearense,

de tal modo que ela possa aparecer lá fora, nítida na sua pureza, numa demonstração convincente de que a gloriosa província de Alencar continua a viver, a se agitar, na procura sempre insatisfeita de rumos novos para a cultura brasileira.” (*Revista Clã*, nº Zero, 1946)

Com o apoio e a adesão de várias entidades, como o Instituto do Ceará, Academia Cearense de Letras, Academia de Letras do Ceará, Casa de Juvenal Galeno, dentre outras, o “I Congresso Cearense de Escritores” aconteceria em 7 de setembro de 1947, no auditório do Palácio do Comércio, promoção da ABDE, com discurso inaugural de Dolor Barreira e a participação do escritor Orígenes Lessa. Fruto da ação, seria fomentada a publicação da *Revista Clã*, a nº 1, que sairia em fevereiro de 1948, com objetivo de projetar a produção cearense para todo o Brasil. Por curiosidade: o “I Congresso Brasileiro de Escritores” havia acontecido em São Paulo, entre 22 e 27 de janeiro de 1945, com o objetivo de opor-se aos desmandos do governo getulista, contra a sua censura, em prol do reestabelecimento democrático, mas também pela regulamentação dos direitos autorais, por conseguinte, de melhor remuneração dos autores com as vendas de seus livros e a sua profissionalização, ou seja, a sua autonomia profissional.

Na época, Guilherme Figueiredo, Sérgio Milliet e José Lins do Rego escreveram artigos elogiando a revista

cearense, assim como Otto Maria Carpeaux, Orígenes Lessa, R. Magalhães Jr., dentre outros, incentivaram o grupo por envio de cartas à redação da *Revista* que, no início, era impressa por meio dos recursos dos autores, mas, posteriormente, a Imprensa Universitária a assumiria. Ao todo, seriam 30 números, considerando como primeiro o nº 0 e o último o nº 29. A grande importância do grupo CLÃ foi a consolidação do modernismo no Ceará, que teve seu início com o lançamento de *O Canto Novo da Raça*, então, há vinte anos.

\* \* \*

Em 1943, condenado pelo Tribunal de Segurança Nacional do Estado Novo, Jáder de Carvalho foi preso – recluso no quartel do Corpo de Bombeiros – depois de pronunciar discurso “ofensivo às autoridades”, no qual elogiava o comunismo e a União Soviética, após a vitória da Batalha de Stalingrado, e defender a libertação de Luís Carlos Prestes. Lá ficou até 1945, quando solto dirigiu-se para a praça do Ferreira, aos pés da Coluna da Hora, onde discursou emocionado em agradecimento aos amigos, sendo depois levado nos braços dos alunos do Liceu. Fundaria mais tarde, juntamente com dissidentes do Partido Comunista Brasileiro/PCB, a Esquerda Democrática, origem do futuro Partido Socialista Brasileiro (PSB). Pertenceu à Academia Cearense de Letras e foi eleito o 3º Príncipe dos Poetas Cearenses.



Também em 1943, dois anos antes do desfecho final da Segunda Grande Guerra Mundial, os acadêmicos de Direito da Universidade Federal do Ceará ergueram um obelisco na praça Clóvis Beviláqua, em comemoração antecipada à vitória dos países do mundo contra “as forças nazi-nipo-fascistas”.

\* \* \*

Em 16 de janeiro de 1944, aconteceria o incêndio na empresa de ônibus S. José, responsável por um grande número de linhas que atuavam no centro da cidade. Seu proprietário era Francisco Anysio de Oliveira Paula, ou cel. Oliveira Paula, pioneiro dos transportes em Fortaleza. Num futuro, Chico, seu filho, o humorista Anysio, diria: “Um dia a garagem dos ônibus pegou fogo. Não havia seguro. Acordamos pobres. Eu não sabia de nada. Nem da bastança anterior nem da penúria que viria”. Anos antes, em 12 de fevereiro de 1938, o *Unitário* afirmava: “Dispondo, presentemente, de 24 ônibus em tráfego, é a empresa S. José, a mais perfeita organização de transportes do Ceará.” Na época, o jornal comemorava a aquisição de mais 10 veículos “moderníssimos”, “comportando cada um 30 passageiros”, para compor a frota. Arrematava: “A Empresa S. José, por tudo isto, é uma empresa eminentemente benemérita, ainda mais porque vencendo todos os

óbices que se lhe apresentam à frente, jamais fraquejou.” O mesmo *Unitário*, anos depois, anunciaria e lamentaria o acidente trágico: “Um grande incêndio verificou-se à noite na garagem da Empresa São José, situada na avenida Visconde de Cauípe [atual av. da Universidade, no Benfica]. O sinistro, que alcançou grandes proporções, teve início aos 15 minutos de hoje, propagando-se o fogo rapidamente a inúmeros ônibus e caminhões que se encontravam na garagem acima referida. As chamas, que tiveram início presumivelmente por causa do gasogênio utilizado na maioria dos veículos de propriedade daquela empresa, alastraram-se de maneira violenta por toda a extensão do edifício, envolvendo os veículos que ali se encontravam num total de mais de trinta, entre ônibus a gasogênio e a gasolina e também caminhões.” Depois do incêndio, o menino Chico Anysio, mãe e irmãos se dirigiram ao Rio de Janeiro, enquanto seu pai continuaria no Ceará, trabalhando no ramo de transportes, mas nunca mais com ônibus.

Posteriormente, em 1948, com a desativação total dos bondes, deu-se impulso maior aos investimentos e a chegada de novas empresas de ônibus.

\* \* \*

Jean Pierre Chabloz, suíço, pintor, desenhista, músico, crítico de arte e publicitário, veio trabalhar em Fortaleza na “Campanha da Borracha”, do governo de Vargas, em 1943. Trabalhou nela por cerca de seis meses. Conheceu Mário Baratta, Antônio Bandeira, Aldemir Martins, Raimundo Cela, Estrigas, Barrica, Zenon Barreto e outros pintores, sendo com eles fundador da Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP), em 1944. Expôs no 1º Salão de Abril, em 1943, sendo também um de seus criadores, e participou da Associação Franco-Brasileira do Ceará. Em 1944, seria realizada a “Mostra Pintura de Guerra”, que reunia Mário Baratta, Antônio Bandeira, Aldemir Martins, Barbosa Leite, Ininá de Paula, Maria Laura Mendes, Raimundo Kampos, Afonso Bruno e Jean Pierre Chabloz. Em 1945, iria ao Rio de Janeiro onde participaria de exposição na Galeria Askanay, juntamente com Inimá de Paula, Raimundo Feitosa, Antônio Bandeira e Chico da Silva. Em 1948, voltou a Fortaleza e ao Salão de Abril. Mais tarde iria para a Europa, onde divulgaria o acreano Chico da Silva, residente em Fortaleza, e só retornaria para a capital cearense em meados de 1960. Em 1967, expôs no “I Salão Nacional de Artes Plásticas do Ceará”, assim como em sua segunda edição, em 1969. Na década de 1970, passou a residir no Rio, em Niterói. Morreu em 1984, em Fortaleza, e seu acervo foi doado ao Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (Mauc) e à Secretaria da Cultura do Estado.

\* \* \*

“A Guerra Acabou!”, anunciariam os jornais cearenses em 8 de maio de 1945. Madame Nena, proprietária do Bar da Alegria e da Pensão Nena – situados no térreo e nos altos, na rua Barão do Rio Branco –, prostíbulos famosos e bem frequentados, desceram à praça do Ferreira, aos pés da Coluna da Hora, para comemorar com as suas protegidas e alguns clientes mais ousados – para horror dos cidadãos que ali também se encontravam – o final do grande conflito mundial.

Mais tarde, precisamente 56 anos depois, seriam inaugurados a praça da Vitória e o monumento ao soldado, localizados ao lado da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, pela av. Leste-Oeste, uma iniciativa do Exército Brasileiro em memória aos combatentes da II Grande Guerra Mundial.

\* \* \*

Em 1949, durante a gestão do prefeito Acrísio Moreira da Rocha, aproximadamente no local onde ficava a Intendência Municipal, foi construído o chamado Abrigo Central. Uma espécie de centro comercial onde eram encontrados bancas de revista, engraxates, lojas de discos, cafés, livrarias, mercearias, armarinhos, tabacarias etc.

Era o ponto final de algumas linhas de ônibus. Os políticos, não importava o grau de autoridade, não abriam mão de frequentar a “verdadeira assembleia do povo”, principalmente em períodos de sufrágio, quando podiam conferir o seu prestígio e se aproximar da população. O governador Plácido Castelo, por exemplo, era visto comumente tomando o seu cafezinho diretamente no pires, após despejá-lo da xícara. Alguns casos se tornaram motivo de chacota, como o caso do Teteu, comerciante muito procurado pelo sucesso de seu caldo de mocotó, que foi flagrado, certa feita, lavando a sua louça na coxia, aproveitando da abundância de água na madrugada chuvosa. Também era o Abrigo ponto de encontro de rapazes após as festas dos clubes Náutico e Maguary e das noitadas em pensões alegres, quando procuravam o “Pedão da Bananada”, estabelecimento que se mantinha aberto, em plantão, para aqueles que ali se dirigiam a esperar seu último ônibus para casa.

Entretanto, por descuido, o local foi se tornando cada vez menos higiênico e deteriorado com a falta de manutenção, e, em 1967, acabou sendo demolido para alargamento da praça do Ferreira, sobre as lágrimas de uns e aplausos de outros fortalezenses de sempre incomodados com a presença do “monstrengo”.

Indiferente às marretadas que quebram, paulatinamente, a pesada estrutura de cimento armado [...]

os “habitués” do Abrigo Central [...] dele não se afastam, como se demorassem no último adeus ao lugar, que por muitos anos, lhes serviu para animados bate-papos. A demolição do monstrego que ensejará a expansão da Praça do Ferreira foi oficial e solenemente iniciada às 11 horas de hoje, em presença do prefeito Murilo Borges, homem que teve a coragem de mandar derrubar o Abrigo, do ex-prefeito Acrísio Moreira da Rocha, em cuja gestão foi construído, do historiador Raimundo Girão, que retratará o “QG da fofoca” para a posteridade, do almirante Fontenelle, executor direto da demolição, e de grande número de populares. A Cibel, firma demolidora, levará de 40 a 50 dias para fazer o Abrigo cair. (*O POVO*, em 4 de maio de 1966).

Dos anos de 1940 a 1960, em especial, com o abandono constante das “boas famílias” do Centro, por morte ou mudança, os sobradões e prédios ficaram abertos para o surgimento de lupanares, pensões alegres, bordéis, cabarés ou zonas, sempre muito frequentados por quem buscava nas “borboletas” o vigor da juventude, a saída do marasmo ou o despertar da virilidade. A gafeira rolava solta, assim como outros ritmos e muita bebida. Muitos dos clientes, “passados de amor”, se perdiam no pescoço perfumado e alabastrino das Vênus caboclas. Dentre algumas *boites* que fizeram sucesso no Centro, destacamos: as pensões Paraibana, da Graça, Hollywood (do Zé Tatá), Marajó,

América, Estrela (da Madame Generosa), Império, Monte Carlo, Ubirajara (da Madame Dondon); as *boites* Fascinação (da Madame Mariinha) e Miami Beach; o Bar da Alegria (da espanhola Madame Nena, local onde o compositor Luiz Assunção chegou a tocar piano) e o local conhecido como “Museu” (especialista em “madames passadas da idade”), dentre outros tantos mais antigos e recentes (Senadorzão, Barba Azul, Le Bateau, Barroco Drinks...). Com o tempo, também esses estabelecimentos foram se afastando do Centro, alojando-se na Praia Formosa, depois Praia do Futuro, no Farol, no Arraial Moura Brasil (que chegou a ser visitado, nos anos de 1960, por Jean Paul Sartre). As prostitutas continuariam a atuar nas ruas, nas esquinas e pequenos bares e motelzinhos baratos. A praça dos Mártires, durante muito tempo ostentou a ideia de um grande prostíbulo a céu aberto, visão transformada desde a última reforma no Passeio Público, em 2007, onde instalou-se um café-restaurant, uma programação cultural, a melhoria da iluminação e a manutenção da guarda municipal, recebendo famílias para piqueniques e contações de histórias para crianças, além de apresentações musicais, como chorinhos. Aliás, agora, estou aqui.

\* \* \*

Em 23 de fevereiro de 1950 foi inaugurado o cine Jangada, localizado na rua Floriano Peixoto, 899. Com capacidade de 480 lugares, foi a primeira casa exibidora da Empresa Cinematográfica do Ceará S.A., a Cinemar. Projetou, na ocasião, o francês “O Vêu Azul”. Os proprietários eram Amadeu Barros Leal, Rui Firmeza, Álvaro Melo e Júlio Coelho de Araújo. Nos seus últimos anos, e com toda as mudanças e abandonos do Centro, houve uma proliferação de pequenos cines pornográficos, locais, inclusive, usados para o sexo livre, procurados por homossexuais e prostitutas. O Jangada passou a ser visto com desconfiança e, em 22 de julho de 1996, fecharia de vez. Seu último filme em cartaz: “Todos os sabores do sexo anal, oral e frontal”.

\* \* \*

Na praça do Ferreira, em 1952, Haroldo Serra conversava com B. de Paiva, Marcus Miranda e Hugo Bianchi, que se reuniam na tentativa de criar um grupo: o Teatro Experimental de Arte. Deste grupo, surgiriam, dentre outros, Emiliano de Queiroz e Ary Sherlock. Mesmo sendo um grupo bem organizado e que tinha uma boa produção, acabou quando B. de Paiva, Marcos Miranda e Bianchi se afastaram do Ceará. Assim, Haroldo Serra, em 7 de setembro de 1957, criaria a “Comédia Cearense”.



As primeiras peças foram “Lady Godiva”, de Guilherme Figueiredo, e “Canção Dentro do Pão”, de R. Magalhães Júnior. A “Comédia Cearense” teve em Eduardo Campos, o seu maior autor, sendo dele representadas, por exemplo, “O Morro do Ouro” e “Rosa do Lagamar”, ambas com sucesso arrebatador.

\* \* \*

Naquele ano de 1952, em 20 de fevereiro, num palanque em frente à Coluna da Hora, o “Big-Ben cabeça-chata”, o prefeito Paulo Cabral de Araújo, diante de uma multidão de 12 blocos carnavalescos e de duas bandas, a da Polícia e do 23º Batalhão de Caçadores, entregou as chaves simbólicas da cidade ao rei Luizão 49, que manifestaria sua gratidão ao prefeito e ao povo por meio de seu secretário, o “profeta da cova”, jornalista Daniel Carneiro Job. De lá, o cortejo real iria para a o Palácio da Luz, onde as maiores autoridades do governo do estado, dentre elas Raul Barbosa, o governador, o esperavam. Enquanto o rei Luizão 49 e seus súditos congraçavam com eles, o povo brincava na praça dos Leões, diante das sacadas do Palácio, onde ouviriam discursos festivos. Durante muitos e muitos anos, o Centro abrigou as mais animadas festas carnavalescas, fosse em seus clubes elegantes, nas suas avenidas gradeadas, nas praças, nos desfiles dos corsos, nos bailes de

máscaras e dominós, os Maracatus do Outeiro, ao som de muita música. A guerra de confetes e serpentinas chegavam a atrapalhar o trânsito de veículos. Arlequins e Columbinas se amavam sem pejo no bailar momino, inebriados com lança-perfumes e laranjinhas de cheiro, garrafa cheia não querendo ver sobrar, procurando a camélia que caiu do galho ou a casta Suzana do posto 6, para dizer-lhes baixinho no ouvido: “Não fiques triste que este mundo é todo seu.”

\* \* \*

Em 25 de junho de 1955, em solenidade do Theatro José de Alencar, foi instalada a Universidade Federal do Ceará, sob a direção de Antônio Martins Filho, seu primeiro reitor. Abrigava ela as faculdades de Direito, Farmácia e Odontologia, de Medicina e a Escola de Agronomia.

No ano seguinte, em 16 de junho, foi inaugurada em Fortaleza a Rádio Uirapuru, a “emissora do pássaro”, por meio de José Pessoa de Araújo, Aécio de Borba, José Júlio Cavalcante, Afrânio Peixoto e Luiz Crescêncio Pereira. Seu estúdio inaugural se localizaria no 11º andar do edifício Arara (do antigo IAPC), na rua Pedro Pereira, enquanto a estação da emissora se localizava em Maraponga. Desde 1957, teve sede no famoso “prédio do rádio” – sua fachada imitava um rádio gigante, o que ainda hoje pode

ser percebido –, na rua Clarindo de Queiroz com a General Sampaio, canto da praça Clóvis Beviláqua. Mais tarde o estúdio da Uirapuru teria outros endereços, até se localizar no bairro Joaquim Távora. Hoje é uma rádio evangélica.

\* \* \*

Numa quarta-feira, em 26 de março de 1958, às 21h30, aconteceu com grande movimento e curiosidade, na rua Major Facundo, em frente à praça do Ferreira, a inauguração do Cine São Luiz, com a projeção de “Anastácia: a princesa esquecida” – dois dias antes, apenas para autoridades e imprensa, foi apresentado “Suplício de uma Saudade”. No local, até 1938, encontrava-se o cine Polytheama, último reduto do cinema mudo em Fortaleza. Da demolição do Polytheama para a inauguração do São Luiz, passaram-se 20 anos. Na época, corria pela cidade a história de que Luiz Severiano Ribeiro tinha ouvido de uma cartomante que ele morreria quando o cinema fosse concluído e, por isso, não teria a menor pressa em finalizar a obra. Pura lenda! Sem dúvida, o cinema, projetado por Humberto da Justa Menescal, seria um dos mais luxuosos do país, com palco cênico e camarins para teatro – nunca bem aproveitado para esse fim –, salão e *hall* revestidos em mármore de carrara, lustres de cristal tcheco, tapetes e espelhos, ar condicionado, uma tela de 14 metros, dentre outros atrativos. A decoração

e as pinturas foram realizadas por Osório Ferreira, a princípio, depois concluídas por Marcelino Guido Budini. Em 1986 e 1987 acolheu a primeira e a segunda edição, respectivamente, do Festival de Fortaleza do Cinema Brasileiro, e, em 1995, o Cine Ceará: Festival Nacional de Cinema e Vídeo – herdeiro do “Festival Vídeo Mostra Fortaleza”, organizado por Eusélio Oliveira e Francis Vale. Em 2005, em meio a propostas de transformação do cine em casa de cultos ou mesmo para transferência da Câmara de Vereadores, o Serviço Social do Comércio (Sesc), em acordo com proprietários, criou o Centro Cultural SESC Luiz Severiano Ribeiro, o que gerou alívio para fortalezenses, mas que logo se mostrou ineficaz. Desde 2008, o secretário da Cultura, prof. Auto Filho, iniciou, juntamente com o governador Cid Gomes, as negociações de compra do prédio e de sua reforma para uso de duas secretarias do governo. O processo se arrastou e, em 24 de março de 2012, foi inaugurada a nova sede da Secretaria da Cultura nos altos do edifício do Cine São Luiz. Até a presente data, porém, a reforma tão esperada e prometida do cinema não aconteceu. Resta a esperança e muita, mas muita poeira na escuridão.

\* \* \*

Em 26 de abril de 1958, foi fundada a Associação Cearense de Escritores, da qual pouco se tem registro

de suas atividades. Neste mesmo ano, em homenagem a Waldemar Falcão, advogado, jornalista e político influente, ministro de Trabalho, Indústria e Comércio no governo de Getúlio Vargas, foi esculpido o seu busto por Humberto Cozzo, o mesmo que fez o monumento a José de Alencar. A obra foi implantada na praça que leva o seu nome. Em 1817, chamava-se praça Carolina. Quando construído o Mercado de Ferro, em 1897, os populares passaram a denominá-la de praça do Mercado, e, por ocasião do falecimento de José de Alencar (1877), em 1881, foi chamada de praça José de Alencar. Em 1929, com a transferência da denominação para a antiga praça Marquês do Herval, ela passou a chamar-se Capistrano de Abreu, até os anos de 1960, quando se tornou, até os dias atuais, Waldemar Falcão, nome que o fortalezense desconhece, assim como desconhece a denominação daquela praça e não atenta para a presença da escultura em seu centro. Enfim.

\* \* \*

O cine Art, com 640 lugares, localizado onde antes era o cine Araçanga, na rua Barão do Rio Branco com a Antônio Pompeu, foi inaugurado em 24 de fevereiro de 1959 com duas sessões: na primeira, às 15h, exclusivo para a imprensa, o francês “Tufão sobre Nagasáki”, e na segunda, às 21h, para o público em geral, o italiano “A

Mais Bela Mulher do Mundo”. O seu gerente era o poeta Fernando Cântio. O Art foi um marco do cinema de arte em Fortaleza. Cântio se articulava bem com entidades, como o Clube de Cinema de Fortaleza e a Associação de Críticos Cinematográficos do Ceará, e com cineastas, como Eusélio Oliveira, realizava mostras e eventos especiais e atrativos para grupos seletos de cinéfilos, além de instalar, desde 1977, às sextas-feiras, às 22h, a sua “Sessão de Arte”. No cine Art foi exibido o primeiro filme nacional colorido em cinemascope, “Meus Amores do Rio”, sendo também o único a exibir o clássico “El Cid” em Fortaleza. Durante muitos anos, seu período de declínio, apresentou apenas filmes de karatê e de sexo explícito e, assim, apagava as luzes, desta vez sem a alegria das pipocas, em 31 de outubro de 1989. O prédio seria demolido anos depois, tornando-se um estacionamento. E foi lá, no cine Art, que pela primeira vez, menino em calção, pus os olhos numa tela luminosa de cinema, “Os Aristogatas” e “Dumbo”, ambos da Disney. Saí fascinado. Nos bolsos, moedas douradas; na boca, um cigarro, ambos de chocolate.

Fernando Cântio faleceu em 12 de outubro de 2013, enquanto era escrito este livro.

\* \* \*

Em 31 de dezembro de 1960, foi inaugurada a primeira sede do Fórum Clóvis Beviláqua. O prédio, em cinco pavimentos, havia sido planejado desde 1956, no governo de Paulo Sarasate, mas só concluído no de Parsifal Barroso. Localizava-se na praça da Sé, local onde funcionavam o Instituto do Ceará e o Museu Histórico, transferidos depois para prédio histórico no Benfica, na avenida da Universidade, que pertence hoje à Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade da Universidade Federal do Ceará. Em 2004, após a demolição do Fórum Clóvis Beviláqua – transferido para o bairro Edson Queiroz em 12 de dezembro de 1997 –, por meio de um concurso público com objetivo de “requalificar” o Centro Histórico, construiu-se, em aço inox, a “Fonte Cinética”, de autoria do escultor Sérvulo Esmeraldo, com torres de 4,2m e 1,8m, e três rodas hidráulicas movidas por canhões de jatos d’água. Com poucos dias, a fonte foi esquecida. Com pouco, roubaram o motor e passou a acumular lixo em seu interior, quedando-se no mais completo esquecimento.

O novo edifício do Fórum, em sua inauguração, era considerado “o maior edifício público da América Latina”, com 75 mil metros quadrados de área construída e 330 metros de extensão horizontal.

\* \* \*

Em 1º de janeiro de 1962 foi realizada a “Marcha do Pirambu sobre Fortaleza” até o Centro, com a participação de cerca de 30 mil pessoas, onde se pretendia denunciar os problemas sofridos pelos habitantes de suas favelas. A marcha foi exitosa e, em maio de 1962, João Goulart desapropriou a área do Pirambu e a entregou a seus moradores, que estavam sendo ameaçados de despejo por empresários inescrupulosos que se diziam donos da área.

\* \* \*

A peça “Rosa de Lagamar”, de Eduardo Campos, tomou o palco do Theatro José de Alencar em 6 de agosto de 1966. No ano seguinte, 1967, o cineasta e crítico de cinema Eusélio Oliveira presidiu, no Theatro José de Alencar, a 6ª Jornada de Cineclubes, onde propôs o ingresso do cinema na universidade, justificando ser o cinema não apenas um elemento de entretenimento, mas, acima de tudo, uma ferramenta de cultura, de desenvolvimento social, político e intelectual. Esse ingresso aconteceria em 27 de junho de 1971, sob certo ar de incompreensão por parte de acadêmicos. O cineasta também criticava a política de eventos e a falta de estímulo às práticas culturais. Eusélio Oliveira foi assassinado em 26 de setembro de 1991, com dois tiros, por motivo fútil, após discussão por estacionamento. Corta!



\* \* \*

O Clube dos Poetas Cearenses foi fundado em 12 de abril de 1969. Alguns de seus fundadores eram alunos do Liceu, naquela época. Durante muitos anos, o Clube era acolhido na Casa de Juvenal Galeno, por Nenzinha, que às vezes tinha que pedir para que saíssem, senão, sem dúvida, ficariam. Dentre os fundadores: Carneiro Portela, Pádua Lima e João Bosco Dantas. O Clube era bastante ativo e, além de antologias e outras publicações, realizava ações como a “Semana de Estudos de Literatura Cearense” e o “Festival de Poesias”. Em 1981 seria lançada a derradeira antologia do Clube – ao todo foram quatro –, com participação de 16 autores, publicação de Secretaria da Cultura, organizada por Carneiro Portela e com capa de Rosenberg Cariry sobre desenho de Luiz Carimai. Dentre os autores desta antologia, além dos fundadores citados, Cândido B.C. Neto, Dimas Macedo, Alex Studart, Edmilson Caminha Jr., Juarez Leitão e Mário Nogueira. Outros membros do Clube: Vicente Freitas, Márcio Catunda, Guaracy Rodrigues, Stênio Freitas, Costa Senna, Ricardo Guilherme e Aluísio Gurgel do Amaral Jr. Mário Gomes também participava do Clube dos Poetas, e por diversas vezes dormia lá mesmo na velha casa do poeta de *Lendas e Canções*.

\* \* \*

Em 1971, numa iniciativa de Jáder de Carvalho (seu primeiro presidente), de Artur Eduardo Benevides, Carlyle Martins, Ciro Colares, Antônio Girão Barroso, Cândida Galeno, Abdias Lima, entre outros, foi criada a Associação Profissional dos Escritores do Ceará. Em 1984, após a paralisação de suas atividades, ela foi reativada por Roberto Pontes e Oswald Barroso. Hoje, por meio de bibliografia, pouco se sabe sobre ela ou sobre qualquer ação relevante de sua parte.

\* \* \*

De 15 a 18 de março de 1979, teve lugar no Theatro José de Alencar o “Massafeira Livre”, um grande festival artístico com a produção de Ednardo e Augusto Pontes, reunindo cerca de duzentos artistas, inclusive de outros estados. Dentre seus resultados, a gravação de um álbum duplo, no Rio de Janeiro, que seria lançado em Fortaleza, em 1980, e que teria a coordenação musical de Rodger Rogério, Petrúcio Maia e Stélio Valle, e a participação de Belchior, Ângela Linhares, Vicente Lopes, Chico Pio, Fagner, Sérgio Pinheiro, Mona Gadelha, Calé Alencar, Tėti e até Patativa do Assaré, entre outros. Em 22 de março de 1985, o Theatro seria palco do primeiro recital de cantor lírico Paulo Abel, após anos de estudo na Europa.

Também em 1979, a Prefeitura de Fortaleza, com objetivo de requalificação urbana, decidiu pela construção de um parque, em quatro etapas, ao longo das margens de nosso riacho-mor, o Pajeú. A ideia seria oferecer áreas verdes, mais atrativas e agradáveis para a população. Em 1982, a primeira etapa, entre a rua D. Manuel e a 25 de Março foi concluída. No Parque seria possível também assistir a um maior trajeto do riacho, já que os outros, mais extensos, estão canalizados. Em 1997, a Câmara dos Dirigentes Lojistas (CDL), cuja sede se localiza em frente à primeira etapa, a Prefeitura de Fortaleza e alguns artistas da cidade tentaram transformar o local em uma exposição permanente de esculturas a céu aberto, o chamado “Parque das Esculturas”. Muitas das obras, eram 16 ao todo e hoje não se vê nem oito, foram saqueadas e destruídas por vândalos ou pelo descuido do tempo. A 3ª etapa do Parque corresponde ao bosque Dom Delgado, e passou por reformas durante a instalação do Paço Municipal em 2012. As esperadas segunda e a quarta etapa nunca foram sequer iniciadas. O riacho corre... risco.

\* \* \*

Em 1982, o escritor cearense Adriano Espínola lançou do terraço de um edifício de vinte andares, no entorno da “praça-coração”, o seu livro *Lote Clandestino*, de poesia.

Considerado esse momento como a primeira “Chuva de Poesias” do Ceará. Em 1983, durante o processo de anistia e redemocratização brasileira, vários escritores se reuniram nos altos dos prédios que circundavam a praça do Ferreira e de um helicóptero seriam lançados milhares de panfletos com seus poemas que, ao final, clamavam: “Poetas pelas DIRETAS!” Foi a segunda “Chuva de Poesias”. Em 26 de outubro de 2007, a Secretaria da Cultura, durante a realização da Feira do Sebo, ação que reunia na praça do Ferreira os sebigistas da cidade, oferecendo uma programação cultural temática e livros a preços acessíveis, decidiu reproduzir a “Chuva de Poesias”, a terceira, reunindo poemas de cerca de 100 autores cearenses, numa seleção que coube ao Túlio Monteiro e a mim, lançando-as (eram 100.000 panfletos), num final de tarde, de um helicóptero que cruzava os ares do Centro, resgatando a história dessas chuvas ainda pouco conhecidas pela cidade que cresce (incha) fria e desmemoriada.

No dia do evento, para variar, cheguei atrasado. Vinha pela sombra do corredor ventaneado da Barão do Rio Branco, quando ouvi um barulho... Levantei a vista e assisti, deslumbrado, à Chuva de Poesia. Os cem mil panfletos, dispersos aleatoriamente no ar, bruxuleavam como papel laminado. Os pequenos quadrinhos envermelhados pela pátina de Sol que começara a se pôr, gritavam num rompante poético e passamos a ouvir todas aquelas vozes rasgando o silêncio da tarde

a lavrar o afresco do céu como pássaros libertos e brilhantes. Alguns, mesmo antes de descer ao solo, transformavam-se em borboletas ou emprestavam as asas dos pombos que marchetam a fachada do cine São Luiz. Enquanto uns floresceram dependurados às janelas, de outros brotavam nuvens, estrelas ou prantos revelados numa chuva ‘poetorrencial’. (NETTO, Raymundo. “Do dia em que choveu poesia”, *O POVO*, 2007)

\* \* \*

Iniciara a década de 1990. O “coração da cidade”, a praça do Ferreira, seria submetida à grande intervenção, a maior dos últimos 20 anos. À sua volta, tapumes que não permitiam que se visse nada. O barulho ensurdecedor. A curiosidade sempre seguida de uma promessa: iríamos ver. Na noite de 20 de dezembro de 1991, a praça apinhouse de toda a gente, enquanto o prefeito Juraci Magalhães inaugurava a “nova” praça, um projeto de Fausto Nilo e Delberg Ponce de Leon, que estilizava elementos constitutivos simbólicos do imaginário da população em relação àquela praça: o cacimbão do século XIX (agora, com a bocarra aberta a engolir moedas), a efígie do Boticário Ferreira (já companheira da praça de outro tempo), a réplica da Coluna da Hora, a referência aos quiosques (então, como pontos de bancas de revistas), os bancos de madeira,

os postes de luz, os jardins e um “cajueiro da mentira” (de mentira), com placa indicativa da antiga festa ao seu redor, inexistente desde 1920. A ação cumpria, conforme o discurso de políticas urbanas, a tentativa de requalificação do Centro, uma ação “contra-decadência”, que prometia um novo tempo de coisas velhas.

Continua tendo a praça/Excêntricos frequentadores./Tem Seu Caubi das Moedas,/Entre os atuais valores,/Vendendo dinheiro antigo/Aos colecionadores.//Tem a “Banca do Bodinho”/De uma longa trajetória/Jornaleiro mais antigo/Bodinho aqui fez história/Faleceu, porém a banca,/Preserva o nome em memória./O Poeta dos Cachorros,/Folheteiro de primeira,/O pirado Mário Gomes,/José Mário, a turma inteira,/Fazem parte da história/Dessa Praça do Ferreira!!! (RINARÉ, Rouxinol do. *História da Praça do Ferreira*, cordel, s/d)

O certo é que, por aqueles dias, o povo fortalezense voltava a adotar, mesmo com desconfiança, a praça como sede central de novos “convescotes”. Lembro de algumas pessoas, como fantasmas, chegando de paletó e douradas abotoaduras, se chegando em um dos novos pontos de lanches que surgiriam no entorno, na crença da volta daqueles que tinham a praça como “coração”. Reconheciam seus bancos e se abancavam, tentavam se encontrar, conversavam e se indagavam sobre as coisas do

passado que viam ali em sua frente, como o Leão do Sul, a Confeitaria Crystal, o Café Sport, o cine São Luiz, o edifício Granito, o Excelsior Hotel, Hotel Savannah, Sul-América, Sobrado do Pastor, Palacete Ceará, edifício Portugal, Pensão da Amélia Campos, dentre outros poucos sobreviventes, molduras velhas de suas memórias. Perguntavam por colegas, sem saber que estes não estariam ali nunca mais. Olhavam para cima a degustar com olhos a liberdade da revoada de pombos, ao final da tarde, ao som dos sinais do relógio daquela Coluna da Hora futurística, que cuspia neles, por meio do vento, gotas d'água que saltavam de sua fonte.

Como de se esperar, a praça, como “coração dos loucos”, feito um manicômio liberto, voltou a receber os seus tipos populares. Muitos de nossos cronistas guardaram na lembrança essas figuras, não necessariamente sem juízo, como o Bem-Bem da Garapeira, Manezinho do Bispo, Chagas dos Carneiros, José Levi, Pilombeta, Tostão, Casaca de Urubu, ...De Rancho, João Doido, Mocó Tinindo, Tertuliano, Sabão Mole, Burra Preta, e, em nossos dias, o fenômeno Mário Gomes, conhecido, vulgarmente, como o poeta da praça do Ferreira.

Seria a reforma desta praça, a esperança e a “boa nova” de resgate e dinamização de um fluxo de clientes no comércio do entorno – cafés, restaurantes, farmácias, ban-

cas de revista, lojas de moda, armarinhos, etc. – que há anos vinha perdendo seus frequentadores, como ainda perdem, para outros bairros, principalmente por conta dos deslumbrantes e práticos shoppings a se espalhar como a cidade. No calor do acontecimento, algumas casas comerciais retiraram os tapumes revelando fachadas carregadas de memórias do “tempo de antanho”. Muitos ainda falam de boa vontade, com certo ar passadista não convincente, mas a ausência de políticas públicas concretas, da revisão da legislação que trata da questão do patrimônio, da inexpressiva vontade política de mudar a realidade mantêm o Centro adormecido, repleto de chagas antigas, carcomidas por traças e lamentações passivas. Estas sim, parece que não mudam.

Hoje, nos finais de semana, mendigos, viciados, catadores, gente abandonada como a praça, a ela se encosta à espera da sopa da noite e do lanche da manhã que chega pelas mãos anônimas da caridade. Nas proximidades, muitos equipamentos públicos convivem com a marginalização geral: o próprio Paço Municipal, o Museu do Ceará, o Sobrado Dr. José Lourenço, a Casa de Juvenal Galeno, o Theatro José de Alencar, a Academia Cearense de Letras, o Instituto do Ceará, o Mercado Central, o Centro Cultural BNB, o Teatro Carlos Câmara, o Arquivo Público, a Secretaria da Cultura do Estado e a de Fortaleza. Louvamos aqueles que, como a Casa da Prosa com a sua Feira do Livro Infantil, insistem em atuar no centro da cidade.



O “coração” está doente, como todo o Centro, local que as novas gerações nem conhecem. Pior: evitam. O que é o mais grave, pois o único remédio eficaz contra a degradação crescente é o fortalecimento do sentimento de pertença pelo povo da cidade. Ninguém ama aquilo que não conhece. Em terras civilizadas, onde a cultura faz diferença, o povo se orgulha de seu Centro Histórico, conta-lhe as histórias, aponta seus rastros, cuida dele. Aqui, o ignoramos, e por isso o desprezamos, o entregamos ao vício, ao abandono e ao cheiro da urina, a tropeçar o palavrão primeiro no pular das pedras portuguesas de voltar nunca mais. Até quando?

Ah, Praça do Ferreira! Hoje, és o túmulo/ onde dormem os ossos do passado:/as mais humanas tradições de um século/e a saudade das lutas pelo povo.// Ó minha Fortaleza de outras eras,/ de outros homens, outros poetas, eu te chamo,/ mesmo sabendo que não voltas mais... (CARVALHO, Jáder de. “Sonetos para Fortaleza”)

## Referências Bibliográficas

ADERALDO, Mozart Soriano. **História Abreviada de Fortaleza e Crônicas sobre a Cidade Amada**. 3ª ed. Fortaleza: Casa de José de Alencar/UFC, 1998.

ALENCAR, Edigar de. **Variações Em Tom Menor**: letras cearenses. Fortaleza: Edições UFC/Proed, 1984.

ALENCAR, José de. **Iracema**: lenda do Ceará. Fortaleza: Edições UFC/Secult, 2005.

ALMADA, Zenilo. **O Bonde e Outras Recordações**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2005.

ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. **O Cajueiro do Fagundes**: episódio cearense. Fortaleza: Secult/Ed. Henriqueta Galeno, 1975.

AZEVEDO, Otacílio de. **Fortaleza Descalça**. 3ª ed. Coleção Nossa Cultura Fortaleza: Secult, 2012.

AZEVEDO, Miguel Ângelo de. **Cronologia Ilustrada de Fortaleza**: roteiro para um turismo histórico e cultural. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2001.

AZEVEDO, Sânzio de. **Breve História da Padaria Espiritual**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

AZEVEDO, Sânzio de. **Literatura Cearense**. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976.

AZEVEDO, Sânzio de. **Novos Ensaios de: Ed Literatura Cearense**. Fortaleza: Casa de José de Alencar/ Edições UFC, 1992.

AZEVEDO, Sânzio de. **O Modernismo na Poesia Cearense**: primeiros tempos. 2ª ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2012.

BARREIRA, Dolor. **História da Literatura Cearense**. Coleção Instituto do Ceará – ed. Fs. Fortaleza: Edições do Instituto do Ceará, 1986. In: pp. 19, 63, 77, 80, 88, 91, 97 e 109.

BARROSO, Gustavo. **À Margem da História do Ceará**. Fortaleza: Funcet/Prefeitura de Fortaleza, 2004.

BARROSO, Gustavo. **O Consulado da China**: memórias. 3º vol. 3ª ed. Fortaleza: Casa de José de Alencar/UFC, 2000.

BENEVIDES, Artur Eduardo (org.). **Cancioneiro da Cidade de Fortaleza**. 2ª ed. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará/UFC, 1973. In: pp. 9, 21, 38 e 184.

BRAGA, Renato. **História da Comissão Científica de Exploração**. Coleção Clássicos Cearenses. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

BRUNO, Artur e FARIAS, Airton. **Fortaleza**: uma breve história. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2012.

CALS, Maurício. **O Centro Histórico de Fortaleza**: ensaio fotográfico. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2002.

CAMINHA, Adolfo. **A Normalista**. São Paulo: Ed. Rideel, 2004.

CAPELO FILHO, José e SARMIENTO, Lidia. **Guia Arquitetônico**: Fortaleza – Centro. Fortaleza: Oficina de Projetos, 2006.

CARVALHO, Jáder de, NETTO, Sidney, FIRMEZA, Mozart e NASCIMENTO, Franklin. **O Canto Novo da Raça**. Coleção Nossa Cultura. Fortaleza: Secult, 2011.

CARVALHO, Francisco. **Memória do Espantalho**: poemas escolhidos. Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, 2004.

CHAVES JÚNIOR, Eurípedes (org.). **Cidade de Mathias Beck**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1991.

COSTA, Marcelo (org.). **Teatro na Terra da Luz**. Coleção Brincante 3. Fortaleza: Edições UFC, 1985.

CUNHA, Maria Noélia Rodrigues. **Praças de Fortaleza**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Estado do Ceará/IIOCE, 1990.

DIAS, Milton. **Relembrações**. Ed. UFC, 2000.

FACÓ, Américo. **Américo Facó: obra perdida**. Coleção Nossa Cultura. Fortaleza: Secult, 2011.

FARIAS, Airton de. **História do Ceará**. 6ª ed. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012.

GALENO, Alberto. **A Praça e o Povo**. 2ª ed. Fortaleza: Multigraf Editora, 2000.

GALVÃO, Roberto. **A Escola Invisível: artes plásticas em Fortaleza (1928 -1958)**. Fortaleza: Oficina Arte Produções/ Quadricolor, 2008.

GIRÃO, Raimundo. **Evolução Histórica Cearense**. Fortaleza: BNB, 1985.

GIRÃO, Raimundo. **Fortaleza e a Crônica Histórica**. 2ª ed. Fortaleza: Casa de José de Alencar/UFC, 1997.

GIRÃO, Raimundo e MARTINS FILHO, Antônio. **O Ceará**. Projeto Obras Raras. Biblioteca Básica Cearense. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2011.

JOB, Daniel Carneiro. **Praça do Ferreira: o inédito, o sério, o pitoresco**. 2ª ed. Fortaleza: Funcet/Prefeitura de Fortaleza, 1992.

LEITE, Ary Bezerra. **A Tela Prateada**. Coleção Nossa Cultura. Fortaleza: Secult, 2011.

MENEZES, Raimundo de. **Coisas que o Tempo Levou**. Coleção Clássicos Cearenses. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2006.

- LOPES, Marciano. **Royal Briar**: a Fortaleza dos anos 40. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2011.
- NOBRE, F. Silva. **Cronologia da Cultura Cearense**. Rio de Janeiro: Academia Cearense de Ciências, Letras e Artes do Rio de Janeiro, 1988.
- MORAES, Vera Lúcia Albuquerque de. **CLÃ**: trajetórias do modernismo em revista. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.
- MOTA, Leonardo. **Cabeças-chatas**. Brasília, 1993.
- NETTO, Raymundo. **Um Conto no Passado**: cadeiras na calçada. 2ª ed. Fortaleza: Imprece, 2009.
- NOGUEIRA, João. **Fortaleza Velha**. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2013.
- NOGUEIRA, Paulino. “A vida de Antônio Rodrigues Ferreira”. **Revista do Instituto do Ceará**, nº 1, 1887.
- RAMOS, Raimundo “Cotoco”. “O bonde e as moças. **Cantares Bohemios**. Coleção Outras Histórias, Secult, 2006.
- SÁ, Adísia. **Traços de União**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 1999.
- SILVEIRA, Mário da. **Coroa de Rosas e de Espinhos**. 2ª ed. Coleção Nossa Cultura. Fortaleza: Secult, 2010.
- STUDART, Guilherme. **Dicionário Biobibliográfico Cearense**. Ed. Fs. Coleção Nossa Cultura. Fortaleza: Secult, 2012.
- TEÓFILO, Rodolfo. **Scenas e Typos**. Fortaleza: Biblioteca Básica Cearense da Fundação Waldemar Alcântara, 2009.









Este livro foi impresso em Fortaleza (CE), no verão de 2014.  
A fonte usada no miolo é Times New Roman, corpo 11/13,5.  
O papel do miolo é pólen 90g/m<sup>2</sup>, e o da capa é cartão supremo 250g/m<sup>2</sup>.